

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Carla Regina Calderoni

Compatibilidades entre o Psicodrama de Moreno e a
Daseinsanalyse de Boss na Prática Psicoterapêutica

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Carla Regina Calderoni

Compatibilidades entre o Psicodrama de Moreno e a
Daseinsanalyse de Boss na Prática Psicoterapêutica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE em Psicologia Clínica, pelo Núcleo
Configurações Contemporâneas da Clínica
Psicológica, sob orientação da Profa. Dra. Marlise
Aparecida Bassani.

São Paulo

2010

Banca Examinadora:

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura _____ Local e Data _____

Para meus amores Eric, Carolina e Felipe

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, a Profa. Dra. Marlise Aparecida Bassani, pelo acolhimento constante às minhas idéias, por acreditar nelas, pela paciência durante esses anos, por colocar meus pés no chão quando eu corria o risco de me perder em alguns vãos, não só isso, mas por me por “nos trilhos”, por me ensinar a gostar da academia, por ser acessível, por ser um exemplo de orientadora e pessoa, e também por ser muito divertida, uma ótima companhia. Obrigada!

Agradeço à Profa. Dra. Julianna Emma Florez, por ter sempre incentivado meu caminho no Psicodrama, desde os primeiros anos da graduação até nossa agradável convivência na monitoria. Obrigada pela disponibilidade e pelas contribuições na construção desse estudo, desde livros que me presenteaste até os apontamentos que foram essenciais para definir o rumo deste estudo. Muito obrigada!

Agradeço à Profa. Marília Ancona-Lopez por realizar críticas construtivas e colaborar significativamente com esse trabalho.

Agradeço à colega de turma Ida Elizabeth Cardinalli, pela indicação do texto de Medard Boss, o qual serviu de base para minhas reflexões nesse estudo.

Agradeço à minha terapeuta daseinsanalista Maria Beatriz Cytrynowicz por ensinar, na prática, as lições de Medard Boss, e, por vezes utilizando a técnica do duplo de Moreno (você não sabia disso, né?) e por me acompanhar nessa jornada. Obrigada.

Agradeço à minha terapeuta psicodramatista Rosalba Filipini pela pessoa acolhedora que sempre foi comigo.

Agradeço ao Prof. Sergio Perazzo, por ensinar Psicodrama brilhantemente!

Agradeço à Profa. Dra. Marília Josefina Marino pelas aulas esclarecedoras no curso de especialização.

Agradeço à toda equipe da SOPSP pelo espaço que oferecem à comunidade psicodramática e pelos livros emprestados.

Agradeço à Vanessa Faullame, que revisou todo o trabalho.

Agradeço, aos meus amigos, em especial ao querido Ataulpa por ser presente nas horas importantes, e familiares, meus queridos sogros, Silinha muito presente e querida e

Sabetai incentivador, ao meu querido pai, João Batista Pereira Filho, carinhoso e divertido. Todos vocês que presenciaram minha empreitada e me ajudaram bastante com as crianças!!

Agradeço muito ao meu amor, Eric, por iluminar o que às vezes não estava claro pra mim e por estar ao meu lado nesse importante momento. E por fim, agradeço aos docinhos da minha vida, Cacá e Fefê por serem lindos e por me esperarem após o trabalho.

CALDERONI, Carla Regina. **Compatibilidades entre o Psicodrama de Moreno e a Daseinsanalyse de Boss na Prática Psicoterapêutica**. São Paulo, 2010.

Orientadora: Profa. Dra. Marlise Aparecida Bassani.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apresentar compatibilidades entre o Psicodrama de Jacob Levy Moreno e a Daseinsanalyse de Medard Boss na Prática Psicoterapêutica. Partiu-se da contextualização histórica do momento no qual surgiram ambas as abordagens, verificando suas origens comuns na corrente filosófica fenomenológica existencial. Foi apresentada a trajetória profissional de Moreno, tendo como referência seus “quatro momentos criativos”, e os conceitos e práticas psicoterapêuticas que surgiram em cada um desses momentos. Em seguida foram apresentados os principais fundamentos e o método de tratamento psicoterápico da Daseinsanalyse, tal como proposta por Boss, a partir da ontologia heideggeriana. Conclui-se apontando semelhanças fundamentais na prática psicoterapêutica do Psicodrama de Moreno e da Daseinsanalyse de Boss, que são então exemplificadas com um protocolo de Moreno e um caso clínico atendido por Boss. São verificadas compatibilidades entre os atendimentos de ambos os autores. Sem ferir a metodologia psicodramática, Moreno mostra-se daseinsanalista quando acolhe seu paciente tal como este se apresenta, oferecendo-lhe a possibilidade de compreender e transformar seu ser-no-mundo. Da mesma maneira, sendo fiel ao método daseinsanalítico, Boss mostra-se psicodramatista quando possibilita à sua paciente experienciar seu ser infantil de maneira espontânea criadora, oferecendo-lhe continente para reviver momentos primordiais de sua infância. A partir das compatibilidades identificadas defende-se que tanto psicoterapeutas quanto usuários de psicoterapia podem beneficiar-se da integração entre as duas abordagens, uma vez que estas coexistem sem oposição. Um psicodramatista pode, a partir de sua prática psicoterapêutica exercer a análise do dasein bossiana e daseinsanalistas podem, em suas práticas psicoterapêuticas exercer psicodrama moreniano.

Palavras-Chave: psicoterapia, psicodrama, daseinsanalyse, fenomenologia existencial

CALDERONI, Carla Regina. **Compatibilities between Moreno's Psychodrama and Boss's Daseinsanalysis in Psychotherapeutic Practice.** São Paulo, 2010.

Supervisor: Prof. Dr. Marlise Aparecida Bassani.

ABSTRACT

This study aimed at identifying compatibilities between Jacob Levy Moreno's psychodrama and Medard Boss's Daseinsanalysis in psychotherapeutic practice. Both approaches rose from the same historical context, with common origins in the vein of philosophical existential phenomenology. Moreno's professional trajectory was presented, referencing his "four creative moments" and the concepts and psychotherapeutic practices that arose in each of these moments. Daseinsanalysis's founding principles and its method of psychotherapeutic treatment, which was proposed by Boss drawing from Heideggerian ontology, are reviewed. Fundamental similarities in their psychotherapeutic practice were found in Moreno's Psychodrama and Boss's Daseinsanalysis, which are then shown through examples of Moreno's and Boss' conduction of clinical cases. The compatibilities were verified in both authors' practices. Without damaging psychodramatic methodology, Moreno acts as a daseinsanalyst when welcomes patients as they are, offering the possibility to understand and transform their being-in-the-world. In the same way, maintaining loyalty to the daseinanalytical method, Boss acts as a psycho dramatist when he enables his patient to experience his childlike state in a spontaneously creative way, offering a shelter for her to re-live principal moments of his childhood. From those identified compatibilities, it is contended that psychotherapists and adherents to psychotherapy can benefit from the integration of the two approaches, since they coexist without opposition. A psychodramatist can, thanks to his psychotherapeutic practices, exercise Bossian Daseinanalysis and daseinanalysts can, in their psychotherapeutic practices, exercise Morenian psychodrama.

Key words: psychotherapy, psychodrama, daseinsanalysis, existential phenomenology

SUMÁRIO

Introdução	12
 Capítulo I - Contextualização Histórica	20
1.1 O cenário da época no palco da Psicologia	20
1.2 Surge a Fenomenologia e o Ser-no-Mundo	23
1.3 O berço comum do Psicodrama e da Daseinsanalyse: a corrente fenomenológica existencial	26
1.4 Existencialismo e Psicologia Humanista	30
1.5 Moreno e Boss sobem ao palco	31
 Capítulo II – O Palco de Jacob Levy Moreno	34
2.1 Religioso Filosófico (até 1920)	34
2.1.1 Hassidismo	34
2.1.2 Filosofia Existencial (Kierkegaard; Buber; Bergson; Seinism	36
2.1.3 Moreno e o existencialismo heróico “o “mundo da vida”, da prática para a teoria.....	41
2.1.4 Casa do Encontro	42
2.1.5 Crianças nos Jardins de Viena	43
2.1.6 Prostitutas de Viena	44
2.1.7 Refugiados de Mittendorf	45
2.1.8 Produção Intelectual: <i>Testamento do Pai</i> ; <i>Revista Daimon</i>	46
2.1.9 Espontaneidade e Criatividade	47
2.1.10 Conserva Cultural	48
2.1.11 Revolução Criadora	49
2.1.12 O Momento	49
2.1.13 O Aqui e Agora	50
2.1.14 Encontro e Tele	50
2.2 Teatral e Terapêutico (1921 a 1924)	52
2.2.1 O nascimento do Psicodrama	53

2.2.2 O Teatro Espontâneo	55
2.2.3 Caso Barbara-George	57
2.2.4 Catarse	60
2.2.5 Produção Intelectual: <i>O Teatro da Espontaneidade</i>	61
2.2.6 Preparar para Partir	61
2.3. Sociológico e Grupal (1925 a 1941)	62
2.3.1 Emigração para os Estados Unidos	62
2.3.2 Presídio de Sing Sing	63
2.3.3 Escola Hudson	64
2.3.4 O surgimento da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo	64
2.3.5 O Teatro Terapêutico de Beacon: uma concretização	65
2.3.6 Sociometria	67
2.3.7 Psicoterapia de Grupo	67
2.3.8 Produção Intelectual: <i>Improptu; Quem Sobreviverá?</i> ; Sociometry Review	70
2.4 Organização e Consolidação (1942 a 1974)	71
2.4.1 A organização se faz necessária	71
2.4.2 Criações de Associações	72
2.4.3 Produção Intelectual	73
2.4.4 Socionomia: Sociodinâmica; Sociometria e Sociatria	73
2.4.5 Sistematização do Psicodrama	75
2.4.6 Instrumentos	75
2.4.7 Palco / Cenário	75
2.4.8 Sujeito / Paciente / Ator / Protagonista	76
2.4.9 Diretor / Terapeuta	76
2.4.10 Assistente Terapêutico / Ego-Auxiliar	76
2.4.11 Público / Plateia / Grupo	77
2.4.12 Etapas do Psicodrama	77
2.4.13 Principais Técnicas do Psicodrama	80
2.4.14 Conceito de Papel	82

Capítulo III – O Palco de Medard Boss	85
--	-----------

3.1 As buscas de Boss.....	85
3.2 Heidegger: um existencialista intelectual.....	87
3.3 A questão do ser do Dasein	88
3.4 Existenciais	90
3.5 O método fenomenológico	94
3.5 Daseinsanalyse	95
 Capítulo IV – Compatibilidades: Moreno e Boss no mesmo palco	102
4.1 Do berço comum: a fenomenologia existencial	102
4.2 Ilustrações na Prática Psicoterapêutica	109
4.3 Resumo do “Psicodrama de Adolf Hitler”	109
4.4 Comentários do “Psicodrama de Adolf Hitler”	112
4.5 Resumo do caso clínico de Boss “A paciente que ensinou o autor a ver e pensar de maneira diferente”	115
4.6 Comentários sobre o caso clínico “A paciente que ensinou o autor a ver e pensar de maneira diferente”	119
4.7 A Cura na Prática Psicoterapêutica	123
 Capítulo V – Conclusões	126
 Referências Bibliográficas	129

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é identificar compatibilidades entre o Psicodrama de Moreno e a Daseinsanalyse de Boss. A autora, ao pensar em “compatibilidades” entre o Psicodrama e a Daseinsanalyse, remete-se, primeiramente, ao entendimento do que seja compatibilidade, nesse estudo. O que torna algo compatível? Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004), a palavra ‘compatível’ é assim definida:

“1. Que pode coexistir. 2. Que pode ser combinado com outra(s) coisa(s), sem conflito ou oposição.” (p. 249)

Desse modo, a autora acredita que o Psicodrama e a Daseinsanalyse, na prática psicoterapêutica, podem coexistir, ser combinados, sem conflito ou oposição, sendo este o foco do presente trabalho.

O Psicodrama é uma abordagem da psicologia criada por Jacob Levy Moreno (1889-1974) que trata das questões do existir humano por métodos de ação (MORENO, 1959a). A Daseinsanalyse é trazida da ontologia do filósofo Martin Heidegger (1889-1976) para a prática psicoterapêutica, pelo médico Medard Boss (1903-1990), sendo baseada no método fenomenológico existencial (BOSS, 1997:1984).

O interesse por Psicodrama e Daseinsanalyse acompanha a autora desde a graduação em Psicologia quando teve contato com as abordagens¹.

Tão logo iniciou-se a prática profissional em clínica psicológica particular, notava que durante os atendimentos, embora seu olhar fosse daseinsanalítico, ocorriam dramatizações das cenas trazidas pelos pacientes. Em sua jovem prática psicoterapêutica, pensar sob o ponto de vista daseinsanalítico não excluía pensar sob a ótica psicodramática, realizando-se dramatizações, fundamentadas nos ensinamentos de Moreno.

¹ No decorrer da graduação, a autora realizou estágios de atendimentos psicoterápicos tanto em Psicodrama quanto em Daseinsanalyse. Participou de grupos de estudos em fenomenologia existencial, redigiu um trabalho de conclusão de curso na mesma abordagem: “Interpretação dos sonhos na fenomenologia- aspectos teóricos e exercícios práticos.” 2006. PUC-SP – TCC. Logo após a graduação fez formação em Psicodrama, Pós-graduação *lato sensu*, pelo Convênio SOPSP-PUC-SP, resultando em uma monografia de conclusão de curso intitulada: “Sonhos no Psicodrama”, 2010.

O ato de dramatizar a cena trazida pelo paciente causava na autora, a sensação de que a entrada em seu mundo se fazia mais concretamente. Seria como se a Daseinsanalyse se tornasse “mais existencial” quando psicodramatizada. Ao mesmo tempo, após as dramatizações, realizar junto ao paciente, análises das cenas vividas condiziam com o método daseinsanalítico psicoterapêutico (BOSS, 1997:1984) e igualmente com o modo como Moreno (1959c) agia em seus atendimentos.

A partir dessas experiências e reflexões pós-atendimentos, surgiu, portanto, a idéia de realizar o presente estudo que tem por objetivo, apresentar compatibilidades entre o Psicodrama e a Daseinsanalyse, a partir de seus fundadores: Moreno e Boss².

Contudo, antes das reflexões da pesquisadora, ambos os autores estudados haviam apresentado compatibilidades entre suas abordagens sem nomeá-las exatamente dessa forma.

Moreno (1959b) já havia solicitado a Medard Boss a “*convalidação*³ *existencial do Psicodrama*⁴”, e, embora justifique sua proposta, não explicita suas razões numa prática psicoterapêutica de maneira ilustrativa.

Por outro lado, Boss (2002:1978) apresentou um caso clínico no qual permitiu que sua paciente dramatizasse momentos de sua vida com o psicoterapeuta, no decorrer de algumas sessões. No entanto, Boss não estabeleceu no referido artigo, nenhuma relação com o Psicodrama de Moreno.

Fora em “*Fundamentos do Psicodrama*” (1959b) num diálogo com Medard Boss, que Moreno criticara os existencialistas, embora teça reconhecimentos elogiosos também, e, propõe a “*convalidação existencial do Psicodrama*”:

² A Daseinsanalyse foi proposta por Martin Heidegger (1889-1976) no âmbito filosófico. Fora trazida para a psicoterapia, primeiramente por Ludwing Binswanger (1881-1966). No entanto, Martin Heidegger não reconheceu a pureza de suas idéias nas interpretações de Binswanger. A pessoa que assumiria esse lugar seria Medard Boss, o qual foi legitimado por Heidegger como o disseminador de suas idéias, e, portanto considerado seu fundador no âmbito psicoterápico. (PRADO, 2002:2001).

³ A palavra “convalidação” é referida dessa forma em “Lições de Psicodrama – Introdução ao pensamento de J. L. Moreno”, p.39. Ed. Ágora. São Paulo. Por “convalidação” entendemos ser a validação, pura e simplesmente, validar. Moreno, nessa palestra busca validar o Psicodrama como uma abordagem de análise existencial.

⁴ Em seu livro “Fundamentos do Psicodrama” organizado em 6 palestras, Moreno realiza, ao “método socrático”, diálogos com representantes de diversas universidades do mundo. A palestra a qual nos referimos é a Sexta palestra, cujo título: “*Existencialismo, Daseinsanálise (Análise Existencial) e Psicodrama com ênfase especial sobre a [validação existencial]*”.

“Parece urgente que os Dasein-terapeutas implementem seus referenciais familiarizando-se com os métodos psicodramáticos, sociométricos e sociátricos. (...) Cada sessão psicodramática é uma experiência existencial e pode fornecer informações fundamentais para uma sólida teoria da existência.” (p. 231).

Ao final de seus comentários, Moreno lança a proposição de que o desenvolvimento do existencialismo seria então, “*a sociometria e em especial seu método psicodramático*”⁵(Idem, p. 229).

Atenta-se para o “*em especial*”, pois ele enfatiza mais do que a sociometria, o método psicodramático, ou seja, a atuação dos conteúdos trazidos pelo paciente, de forma a tornar essa experiência, de fato, existencial. Medard Boss, por sua vez, responde na ocasião:

“Pode muito bem ser que a crítica dos existencialistas feita por Moreno seja até certo ponto exagerada. Mas, em princípio, é correta. Seu trabalho é particularmente importante na medida em que é não só uma proclamação necessária como também entusiasmada, dirigida a todos, para que entrem em cada situação da vida humana, a cada momento, com toda a espontaneidade, de corpo e alma, não apenas com palavras e idéias psicanalíticas, mas também de outros matizes. Em especial nos dias de hoje, este apelo é da máxima importância e merece a mais ampla e irrestrita atenção. Talvez Moreno sinta uma satisfação justificada em saber que o Dasein-terapeuta do continente europeu tornou-se em grande medida, um psicodramatista no sentido que ele atribui ao termo, conquanto até o presente momento, não tenham se tornado completamente conscientes das conexões. Deverá ser-lhes produtivo descobrir conscientemente que podem encontrar no trabalho de Moreno com psicodrama e sociometria uma orientação proveitosa para seu próprio trabalho.” (p.233).

⁵ Grifo da Autora.

A convalidação existencial do Psicodrama foi um pedido de reconhecimento que Moreno fizera exclusivamente à Daseinsanalyse de Medard Boss.

Boss costumava ser rigoroso ao diferenciar a Daseinsanalyse de outra abordagem, e, no entanto, acolhia a convalidação solicitada por Moreno.

Boss poderia ter oferecido outra resposta, caso considerasse que Moreno estivesse equivocado, poderia criticá-lo, assim como fez com Rollo May (1909-1994) quando este se autodenominava “fenomenólogo” nas interpretações de sonhos de seus pacientes e Boss (1979) argumentou que o método utilizado por ele ainda era muito enraizado na psicanálise.

Moreno, por sua vez, poderia ter selecionado dentre os fenomenólogos da época, muitos autores, e até mesmo o próprio Heidegger, mas Moreno escolheu Medard Boss para essa discussão.

As escolhas recíprocas tinham sentido. Moreno claramente encontrou na Daseinsanalyse a compatibilidade de seu Psicodrama, dizendo que este segundo era o desenvolvimento do primeiro. Moreno não costumava, em seus escritos ou palestras, buscar convalidações com qualquer outra abordagem, embora mencionasse que toda escola da psicologia poderia beneficiar-se do Psicodrama (Moreno, 1959b), o que é diferente de convalidações. De fato, muitas o fazem, o que causa certa confusão quanto ao Psicodrama ser visto como apenas técnica ou como uma teoria, isoladamente.

No próprio meio psicodramático, tem-se psicodramatistas que se baseiam⁶ na psicanálise, por exemplo (MARINEAU, 1994; KARP, 1994; CUKIER, 1992 e BUSTOS, 1994). Esta característica do Psicodrama, conforme entendimento da autora acontece por dois principais motivos.

O primeiro motivo é que o Psicodrama, como técnica pode ser utilizada por qualquer teoria. No entanto, nesses casos, a autora considera que o resultado do trabalho caminha para outras interpretações, distanciando-se da proposta original de Moreno. Não basta realizar dramatizações para ser considerado psicodramatista.

E o segundo motivo aconteceria pela larga extensão dos escritos de seu fundador, que muitas vezes, deixa espaços para a possibilidade de especulações, comprometendo a

⁶ Nesse estudo, entende-se que um autor se baseia em métodos psicanalíticos quando menciona termos e visões psicanalíticas no modo como enxergam e interpretam as cenas dramatizadas no Psicodrama.

compreensão de suas idéias. A esse respeito, tem-se, por exemplo, psicodramatistas apontando para falta de sistematização de Moreno, tais como (NAFAH, 1989; BUSTOS, 1994; FÉO, 2001), o que causaria mal entendidos sobre sua postura filosófica:

“Toda a sua obra leva a marca de um homem passional e irreverente; seus textos se caracterizam por um jorro criativo de relatos de experiências ousadas, porém mal sistematizadas;(...) Moreno escreve obras anonimamente, é displicente na divulgação da autoria de suas idéias; mais adiante, porém, briga publicamente pela paternidade dessas mesmas idéias, combate a psicanálise, mas utiliza-se dos termos dessa corrente para definir conceitos centrais do psicodrama; seu trabalho ora parece ser a expressão máxima do positivismo, ora da fenomenologia existencial.” (FÉO, 2001, pp.47-48)

A autora acredita, porém, que se adentrar-se na obra de Moreno, desde o início de sua trajetória profissional e primeiros escritos, até seus protocolos de tratamentos psicodramáticos, identificar-se-ão suas bases fenomenológicas existenciais (religiosa e filosófica). Mesmo após ele ter sido “pressionado” pelo sistema a brigar pela paternidade de suas propostas, e, portanto, utilizado termos psicanalíticos, ou positivistas, que eram mais familiares às ciências da época, e, portanto, passíveis de reconhecimento acadêmico científico, principalmente nos Estados Unidos, onde ele consolidaria o Psicodrama, suas atitudes e postura nos atendimentos terão a constante característica de um analista existencial. Não foram encontrados, por exemplo, nos protocolos de atendimentos de Moreno (1959c), interpretações psicanalíticas ou positivistas somente porque ele utilizou termos como “ego”-auxiliar, ou “fator” E (espontaneidade). Até mesmo quando ele cria a sociometria e a define como método de medição de grupos, Moreno (1959c) é cuidadoso ao enfatizar que o grupo (*socius*) recebe importância maior que a medição (*metrum*).

Além das razões expostas, outro fato que chamou a atenção da pesquisadora, ao conter em si compatibilidades entre ambas as abordagens, fora o artigo já mencionado de

Medard Boss (2002:1978): “A paciente que ensinou o autor a ver e pensar de uma maneira diferente” (pp. 5-36)

No artigo, Boss relata o caso clínico de uma paciente sua, a “*Dra. Cobbling*”, uma mulher de 36 anos que fora criada de um modo bastante rígido e moralista, formação médica, diretora de um sanatório psiquiátrico que estava “*à beira de um colapso total*”, tendo alucinações persecutórias.

A paciente, “*Dra. Cobbling*” não acreditava nas explicações que o psicoterapeuta tentava lançar sobre suas crises de paranóia, rindo dele. Boss, percebendo que seus métodos não surtiam efeito, “*viu-se obrigado a empreender uma reavaliação de todo seu modo de pensar.*” (p.11). A partir daquele momento, o psicoterapeuta passou a pensar nos desenhos que a paciente lhe mostrava e em suas crises paranóicas auditivas. Boss atentava para o mundo da paciente de uma nova maneira: ele passara a permitir que suas alucinações fossem a realidade. Quando isso aconteceu, a paciente pôde expressar-se a seu modo próprio e regrediu em idade mental, de maneira significativa:

“(...)permitir que ela fosse uma criança pequena significou tirar o obstáculo fundamental que impedia as suas próprias e verdadeiras possibilidades de se expressarem.(...) Inesperadamente, ela trouxe uma mamadeira com leite quente adocicado para a sessão analítica. A pedido dela, o analista começou a alimentá-la com a mamadeira, quanto ela ficava deitada no divã como uma criança.” (BOSS, 2002:1978, p. 16).

Boss deixou que a paciente vivesse suas cenas infantis. Dramatizou sua verdade existencial, na qual, a paciente tem permissão para viver aquilo que necessita no momento. No entanto, Boss não faz menção ao Psicodrama, apenas identifica que a maneira pela qual cuidou de sua paciente foi baseada no método fenomenológico.

Os aspectos mencionados, bem como algumas citações, serão retomados no decorrer deste estudo, quando das exposições das compatibilidades.

Os fatos citados nas obras de ambos os autores serviram de base para que se realizasse a presente pesquisa. A semente das reflexões sobre as compatibilidades entre ambas as

abordagens, já havia sido lançada pelos próprios autores, embora não estivesse nomeado da mesma maneira: como compatibilidade.

Igualmente, não foi identificado na literatura, estudos sobre compatibilidades entre o Psicodrama de Moreno e a Daseinsanalyse de Boss.

Encontram-se na literatura psicodramática autores que visualizam no Psicodrama, os pressupostos fenomenológicos existenciais, tais como, (Almeida 2006; Marino, 1992, Marino, 2002; Naffah, 1980; e Wolff 1981). No entanto, os autores mencionados não o discutem especificamente com a Daseinsanalyse.

Por outro lado, encontram-se na literatura daseinsanalítica afirmações de que a Daseinsanalyse é caracterizada como uma “terapia verbal” (CARDINALLI, 2000), não mencionando as aproximações com o Psicodrama moreniano.

Nesse sentido considera-se que um estudo cujo objetivo é apresentar compatibilidades entre o Psicodrama e a Daseinsanalyse, partindo de seus fundadores, que são Moreno e Boss, possui relevância acadêmica por três motivos.

O primeiro refere-se ao esclarecimento que se faz a respeito do aspecto fenomenológico existencial de Moreno relacionado à Daseinsanalyse bossiana. O segundo, semelhante ao primeiro, sobre sua proposição da “*convalidação existencial*” do Psicodrama, que tivera uma sucinta justificativa na “Sexta Palestra”, deixando de apresentar a postura fenomenológica existencial de Moreno que poderia ter sido mais esclarecedora se fosse demonstrada à guisa de ilustrações clínicas. Embora Moreno tenha apresentado na “Quinta Palestra” o “Protocolo de Hitler”⁷ não o articulou aos argumentos da Sexta Palestra.

E o terceiro motivo relevante do presente estudo é apresentar à comunidade acadêmica uma forma a mais de atuar em psicoterapia. Uma forma que agrega compatibilidades sem ferir a integridade de cada abordagem, uma vez que, voltando ao significado da palavra ‘compatível’, implica-se em coexistência, combinação, sem conflitos ou oposição.

Segundo Bassani (2009) é uma das propostas do núcleo “Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica” abrir oportunidades para estudos sobre

⁷ Será apresentado e discutido no Capítulo IV.

alternativas de modos de atuação psicoterapêutica de maneira a contribuir para a produção de conhecimento científico na área, ampliando as possibilidades e o alcance da clínica psicológica.

Nesse sentido, apresentar-se-á o este estudo num percurso dividido em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, “O cenário da época”, a trajetória iniciar-se-á pelo momento histórico no qual nasceram o Psicodrama e a Daseinsanalyse. Serão abordadas as concepções de Homem, bem como a situação da Psicologia no período em que as abordagens surgiram, cujo marco inicial parte do final do século XIX.

No segundo capítulo, “O palco de Jacob Levy Moreno”, seguir-se-ão os passos de Moreno em sua extensa jornada profissional e pessoal (inseparáveis) que levam a conhecer seu aspecto fenomenológico existencial.

O terceiro capítulo, “O palco de Medard Boss”, é destinado à apresentação da Daseinsanalyse de Medard Boss tal como fora trazida da ontologia de Martin Heidegger à sua *práxis* psicoterapêutica.

No quarto capítulo, “Moreno e Boss no mesmo palco”, serão apresentadas as compatibilidades entre as duas abordagens a partir de citações de textos originais dos autores estudados e de seguidores contemporâneos de ambos.

No quinto e último capítulo, serão abordadas conclusões e reflexões decorrentes do presente estudo, bem como possíveis estudos futuros.

CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Passear pelo contexto histórico⁸ no qual surgiram o Psicodrama e a Daseinsanalyse significa, neste estudo, compreender o cenário que os receberam e onde se realizaram as cenas construídas pelos autores analisados.

Jacob Levy Moreno nasceu em 1889, na Romênia, em Bucareste, radicado em Viena desde seus 6 ou 7 anos (MARINEAU, 1989), tendo nesta cidade, crescido e estudado, durante sua infância e juventude. Formou-se médico pela Universidade de Viena na qual Freud lecionava na época, tendo Moreno o encontrado pessoalmente uma única vez.⁹

Medard Boss nasceu em 1903, em Zurique, na Suíça, num momento em que as atividades na área da psicologia estavam em efervescência (BOEREE, 2010).¹⁰ Formou-se médico pela Universidade de Zurique, a mesma em que Jung estudara e lecionara.

1.1 O cenário da época no palco da Psicologia

Para ater-se ao objetivo do presente estudo, apresentar-se-á o cenário que recebia Moreno e Boss, do ponto de vista da Psicologia, primeiramente, e, mais adiante, especificamente da Psicoterapia, ou seja, do tratamento psicológico enquanto promoção de saúde. Portanto, o enfoque será na concepção de homem que se fazia, pois é partir desta que se estabelecem métodos de tratamento.

O período em que nasceram nossos autores estudados, compreendeu um momento histórico de grandes mudanças paradigmáticas no campo da Psicologia e da Psicoterapia e que influenciariam fortemente suas produções posteriormente.

⁸ Encontra-se na literatura cronologias pormenorizadas que localizam os contextos histórico e cultural especificamente da época de Moreno (ALMEIDA, GONÇALVES e WOLFF, 1988), (BLATNER & BLATNER, 1996) e (MARINO, 2002), e que, portanto, abarcam igualmente o período de Boss, até 1974.

⁹ Esse encontro acontecera em 1912: “Dr. Freud tinha acabado a sua análise de um sonho telepático. Quando os estudantes saíram, ele perguntou-me o que eu estava fazendo. Bom, Dr. Freud, eu começo onde o senhor deixa as coisas. O senhor vê pessoas no seu gabinete, eu vejo-as na rua e em casa delas, em seu ambiente natural. O senhor analisa o sonho das pessoas. Eu procuro dar-lhes coragem para que sonhem de novo. Ensino às pessoas como brincarem de Deus.” (MORENO, 1959a, p. 54)

¹⁰ Boeree, C. G., disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://webpace.ship.edu/cgboer/boss.html>, acessado em 20/02/2010, tradução livre da autora.

No final do século XIX, as ciências, e nessas inclui-se a Psicologia, estavam embasadas na vertente positivista. Isso quer dizer que o modo pelo qual o homem era analisado, estava sob a luz do modelo das ciências naturais, uma vez que o positivismo prega que o homem e a sociedade podem (e devem) ser entendidos da mesma forma que os fenômenos da natureza (ANDERY *et.al.*, 1994). O positivismo concebe um conhecimento baseado em leis da natureza que são imutáveis, buscando atingir uma ordem fixa que levará o homem e a sociedade ao progresso. A esse respeito, Andery *et. all.* (1994) apontam:

“As leis dos fenômenos devem traduzir, necessariamente, o que ocorre na natureza e, como dogma, Comte parte do princípio de que tais leis são invariáveis.” (p. 387)

O cientista positivo se relaciona com seu objeto de estudo num modo de observação dos fatos, sendo esses fenômenos regidos por leis fixas que levam a um conhecimento exato. Toda a ideologia de Comte (1798-1857) é burguesa conservadora (no âmbito político defende regime ditatorial e não parlamentarista); sua proposta para a filosofia e ciência é sustentar essa ideologia: uns sabem, outros obedecem, o importante é manter a ordem e a imutabilidade daquilo que está cômodo para classes dominantes.

As leis são imutáveis e servem à ordem, ou seja, não se pode permitir que os menos favorecidos transformem suas realidades. Dessa forma, com nossos pobres sob controle, temos a ordem, e a ordem, leva ao progresso.

Todo o sistema positivista é também baseado numa relação de causalidade, o que era antes, determina o que virá depois e dessa forma, estabelece-se uma ordem regida por regras fixas que se repetem incessantemente.

No campo da Psicoterapia, como funcionaria esse sistema?

Reinavam, no âmbito da Psicoterapia, duas escolas da Psicologia que se baseavam nos fundamentos positivistas: o Behaviorismo e a Psicanálise (KAHALLE & ROSA, 2002).

O Behaviorismo enfatizava seu estudo no comportamento humano que poderia ser observado e medido. O comportamento do homem, segundo a visão behaviorista, seria constituído segundo suas interações com o ambiente no qual estaria inserido. Dessa maneira, para o Behaviorismo o comportamento humano é determinado pelos estímulos

do ambiente externo com interações do sujeito. Suas observações e experimentações são baseadas nos comportamentos dos animais e os resultados obtidos são generalizados para o comportamento humano.

A Psicanálise, por sua vez, concebia, no homem, a existência de um aparelho psíquico dividido em três estruturas (id, ego e superego), que funcionavam conforme leis econômicas, genéticas e químicas, portanto, fundamentadas nas leis físico-químicas da época. Seu objeto de estudo é o inconsciente que seria uma força atuante que determinaria os fenômenos mentais e os comportamentos humanos, minimizando o papel e a força da consciência nos processos de escolha, sentimentos e desejos humanos. Do ponto de vista da Psicanálise, o comportamento do homem seria determinado por impulsos e desejos inconscientes, o que contradiz com o modelo das ciências naturais. No entanto, Freud esforça-se para permanecer fiel aos fundamentos científicos naturalistas, embora reconhecendo suas limitações ao tratar de um homem determinado por desejos inconscientes (KAHALLE & ROSA, 2002).

Ambas as escolas são fundamentadas no modelo positivista, pois concebem um ser humano determinado segundo leis psicogenéticas e ambientais, e, por fim, elaboram teorias generalistas.

Portanto, o homem, da perspectiva positivista, é um ser orgânico, biológico, semelhante aos animais, diferente destes últimos pela sua racionalidade, mas que é submetido às mesmas leis da natureza, devendo assim, ser analisado por estas, que como coloca ANDERY, et. al, (1994) citando Comte:

“Tudo o que se pode estudar são as condições orgânicas – fisiologia, anatomia – que levam ao conhecimento e os processos realmente empregados para obter os diversos conhecimentos exatos que (o homem) já adquiriu.” (p. 386).

Ao estudar o comportamento humano, sob a ótica positivista, buscava-se um conhecimento “*exato, objetivo e neutro*” assim como nos objetos de estudo das ciências naturais. Entretanto, tais pressupostos não poderiam explicar um ser que não é exato, nem objetivo ou neutro. Ao contrário, o homem é um ser subjetivo, com afetos, sentimentos e cheio de opiniões (BRUNS, 2003).

Portanto, a estabilidade do positivismo começava a ser questionada, uma vez que sua objetividade não conseguia dar conta de explicar o existir humano dentro dos moldes das ciências naturais. Dartigues (2005) esclarece:

“Mas a partir de 1880, a bela segurança do pensamento positivista começa a ser abalada, pois cada vez mais os fundamentos e o alcance da ciência tornam-se objeto de interrogação: terão as leis que ela descobre uma validade universal? Qual é o sentido de sua objetividade? Não serão elas somente convenções e não dependerão do psiquismo, cujas leis a psicologia por sua vez descobre? (...) O que dizer do sujeito concreto, em sua vida psíquica imediata e em seu engajamento histórico, que o pensamento objetivo não consegue explicar? (p. 15).

Nesse sentido, a incapacidade do Positivismo em responder questões sobre o existir humano e de deixar em dúvida sua solidez imutável, abriu espaço para pensadores criarem novas cenas no palco científico.

1.2 Surge a Fenomenologia¹¹ e o Ser-no-Mundo

Partindo dos questionamentos ao modelo positivista, o filósofo e matemático Edmund Husserl (1859-1938) indaga constatemente “como se dá o conhecimento”, e, a respeito do método das ciências naturais DARTIGUES (2005) destaca o que o filósofo disse:

“As ciências da natureza não nos desvelaram em nenhum ponto o mistério da realidade atual, a realidade em que vivemos, agimos e estamos. (p. 66)

Para Husserl, o conhecimento seria obtido, de maneira rigorosa, a partir de três exigências: 1) ser *a priori*, ou seja, independente da experiência, ser singular; 2) não conter pressupostos, e dessa forma, sermos orientados pelas coisas; e 3) ser evidente por

¹¹ Quando falamos aqui em “surgimento da fenomenologia” estamos nos referindo à consolidação da fenomenologia enquanto método científico que fora consagrado pelo filósofo alemão Edmund Husserl. No entanto, o termo fora utilizado na filosofia, antes de Husserl, por autores como Kant e Hegel, dentre outros (CHAUÍ, 2003; DARTIGUES, 2005).

si mesmo, possuir um caráter imediato. Somente a partir dessas três exigências, chegaríamos às essências dos fenômenos (KAHALLE, 2002). O filósofo propõe uma nova forma de se chegar aos fenômenos: por meio do método fenomenológico.

Etimologicamente, fenomenologia significa a ciência que estuda os fenômenos; e *fenômeno*, por sua vez, vem do grego *phinaistai*, que significa mostrar-se, ou mais especificamente, “o que se revela, o que se mostra em si mesmo.” (HEIDEGGER, 1998:1927).

O método fenomenológico tal qual apontado por Husserl, busca chegar às essências dos fenômenos num “retorno às coisas mesmas”, que significa não fugir daquilo que aparece na experiência imediata, de atentar para a realidade vivida.¹² Husserl chega a afirmar que os fenomenólogos seriam os “verdadeiros positivistas”, uma vez que os primeiros buscam, assim como os segundos, um conhecimento livre de preconceitos (DARTIGUES, 2005). No entanto, os fenomenólogos atentam para o mundo vivido do próprio homem, enquanto que os positivistas enquadram seu conhecimento no modelo científico natural.

Dessa forma, quando Husserl nos fala de um “retorno às coisas mesmas”, ele quer dizer de um voltar-se para a simplicidade do mundo da vida. Husserl quer “*reintegrar o mundo da ciência ao mundo da vida.*” (Idem, p. 71). O homem não é somente um ser da natureza regido por suas leis, mas ele se relaciona com essa natureza de uma determinada maneira, existe um sentido nessa relação.

Existe uma intencionalidade da consciência para um objeto. Para Husserl, a consciência está sempre em atividade de conhecimento, sempre se dirigindo a algum objeto, sempre intencionando um objeto. A consciência é sempre consciência de alguma coisa, sendo esta doadora de sentido ao objeto. Da mesma maneira, todo objeto é sempre um objeto para uma consciência. Dessa forma, o objeto somente tem sentido para um sujeito, que por sua vez, só é sujeito quando em contato com os objetos. Portanto, não basta um método baseado na causalidade para se compreender o homem, mas sim, um método

¹² Observamos, no contexto literário que paralelamente à ciência, nessa mesma época, o romantismo também chama para o mundo da vida, pois solicitava ao homem concreto que se colocasse em cena, assumindo seus sentimentos e desejos (LEXIKON, 2009). Da mesma forma, a proposta de Moreno com os atores do teatro espontâneo, será a de representarem no palco seus próprios papéis e desejos, culminando essa idéia, no teatro terapêutico, que será visto no Capítulo II do presente estudo.

dialético, que considera uma relação entre as partes envolvidas. Husserl propõe que não haja separação entre sujeito e objeto e que ambos possam ser compreendidos a partir de uma relação indissociável (DARTIGUES, 2005).

Tal indissociabilidade entre sujeito e objeto significa que há sentido nas relações, sejam elas quais forem. A respeito da correlação indissociável entre sujeito e objeto, temos na literatura (VAN DEN BERG, 2000) uma ilustração exemplar. O autor descreve uma situação na qual um homem está em sua casa à espera de um amigo para jantar. Ele escolhe um bom vinho, arruma as almofadas da sala e aguarda seu amigo num clima de celebração. De repente, recebe um telefonema do mesmo amigo cancelando o encontro. Então, a garrafa de vinho não lhe tem mais o sentido da celebração, mas sim, a tristeza e o vazio da noite. A sala que antes estava aconchegante e ocupada por bonitas almofadas, torna-se vazia e solitária. O clima afetivo¹³ não é mais o de celebração, mas de solidão e frustração.

Nesse sentido explicita-se a correlação entre sujeito e objeto e o quanto um não tem sentido sem o outro. Na realidade, o que vemos no exemplo de Van Den Berg (2000), é muito mais a relação do anfitrião com o mundo, do que especificamente com a garrafa de vinho, pois ele se relacionava não somente com a garrafa, mas com toda a sala, o ambiente, com a expectativa do amigo. A expectativa era o que dava sentido aos objetos daquela sala, à garrafa de vinho, às almofadas. O mundo daquele homem que esperava seu amigo passa de celebração para tristeza e solidão.

O que apreendemos da ilustração acima é a indissociabilidade do homem com seu mundo. A partir da não separação entre sujeito e objeto enxergamos os fenômenos em sua expressão imediata e, portanto, verdadeira para aquele momento.

Da indissociação entre sujeito e objeto, o filósofo Martin Heidegger (1927), o grande discípulo de Husserl, desenvolve a concepção de homem enquanto um ser que não se separa de seu mundo, surgindo então, o conceito fundamental da filosofia existencial: ser-no-mundo. Heidegger (2001) considera que o homem há que ser compreendido não sob o modelo das ciências naturais, mas a partir de seu ser-no-mundo. O filósofo vai questionar não como se dá o conhecimento, mas sim, o que é o ser e nos esclarece que o homem enquanto ser-no-mundo é:

¹³ O “clima” afetivo será explicitado no próximo capítulo, por Boss como a “afinação” enquanto um existencial do Dasein.

“(...) ser absorvido por aquilo com o que me relaciono, ser absorvido em relação ao que está presente, ser absorvido naquilo que me diz respeito no momento. Um dedicar-se àquilo que me diz respeito.” (p. 183).

Então, voltando ao nosso exemplo, quando um homem está à espera de um amigo para jantar, o clima afetivo que define esse mundo é modificado quando o sentido da noite modifica-se. Esse homem é então, *absorvido por aquilo que lhe diz respeito no momento*. Quando o amigo liga e avisa de sua ausência, a noite é outra, a garrafa de vinho não tem mais sentido de ser a garrafa de vinho, pois o clima afetivo mudou quando o amigo não apareceu.

Para o filósofo, o caminho de acesso à compreensão do homem enquanto um ser-no-mundo, seria o fenomenológico. A partir de Heidegger, o método fenomenológico passa a ser seguido pelos pensadores existencialistas, dando surgimento à Psiquiatria e Psicologia existenciais.

1.3 O berço comum do Psicodrama e da Daseinsanalyse: a corrente fenomenológica existencial

A idéia de olhar para um fenômeno tal como ele se mostra e, compreendê-lo em sua relação com as coisas, sem separar o homem de seu mundo, irá influenciar muitos pensadores que produzirão vertentes originárias da fenomenologia husserliana e heideggeriana, mas que não corresponderão a esta totalmente, como Jaspers, Minkowisk, Von Gebattel e Binswanger, por exemplo (CARDINALLI, 2002).

No entanto, esses pensadores dentre outros,¹⁴ produzirão a Psiquiatria e Psicologia existencial, uma abordagem baseada nos pressupostos do método fenomenológico que, nas palavras de May (1958), se fundamenta no “*empenho para se compreender o*

¹⁴ Cabe mencionar uma teoria que surge, também da fenomenologia, mas que seguirá seu rumo independente: a Gestalt-Terapia, criada por Frederick (Fritz) Perls (1893-1970). Em nosso estudo, reconhecemos a existência e a legitimidade da gestalt-terapia enquanto uma abordagem da Psicologia que caminha entre a fenomenologia e o psicodrama, uma vez que trabalha tecnicamente com vivências, embora sob paradigma diferente. No entanto, fugiria do objetivo de nossa pesquisa, adentrar nas peculiaridades dessa abordagem, bem como das diferenças paradigmáticas entre ela e nosso objeto de estudo.

homem evitando o abismo que, criado entre sujeito e objeto, tem prejudicado o pensamento ocidental desde o final da Renascença.” (p. 11)¹⁵

O Existencialismo é uma corrente de pensamento filosófico que reflete sobre a condição humana em sua constituição fundamental: o existir humano. Em contraposição às teorias explicativas vigentes da época, o existencialismo valoriza a própria existência.

Teve suas fontes ainda em Sócrates (469 – 399 aC.), quando da frase “conhece-ti a ti mesmo” tomada pelo filósofo da inscrição do templo de Delfos, propõe dirigir o olhar para a própria existência; e em Pascal (1623-1662) quando este se volta contra o modelo cartesiano priorizando “*o homem, sua vida e sua morte*”. (HUISMAN, 2001)

Huisman (2001) coloca que há duas correntes dentro do existencialismo: o existencialismo cristão e o existencialismo ateu.

Do primeiro grupo temos Sören Kierkegaard (1813-1855), Max Scheler (1874-1928), Karl Jaspers (1883-1969), Gabriel Marcel (1889-1973), Leon Chestov (1866-1938) e Nicolai Alexandrovitch Berdiaev (1874-1948) e Martin Buber (1878-1965), trazendo o judaísmo. Dos ateus: temos os célebres Friedrich Nietzsche (1844-1900), Martin Heidegger (1889-1976) e Jean-Paul Sartre (1905-1980).

No entanto, o precursor consagrado do existencialismo é Sören Kierkegaard, que valoriza, sobretudo, a existência pessoal, rebelando-se contra qualquer forma de sistematização da existência. Manifesta-se contra figuras da Igreja por considerá-los hipócritas, uma vez que não assumem seus sentimentos verdadeiros, como a raiva, o ódio, o rancor. Kierkegaard propunha que cada um assumisse sua própria existência de forma honesta consigo mesmo.

Se Kierkegaard deixou sua marca na corrente, esta seria consolidada enquanto uma abordagem ligada ao método fenomenológico, por Husserl e Heidegger.

O fundamento principal do movimento existencialista que segue o método fenomenológico trazido por Husserl e Heidegger é olhar para a existência concreta do homem, concebendo que sua única condição imutável é a responsabilidade por ter de lidar com a própria existência, indo, dessa forma, contra a corrente positivista.

¹⁵ Tradução livre da Autora.

No campo da psicologia, a fenomenologia existencial, passará então, a ocupar lugares que antes estavam exclusivos à Psicanálise e ao Behaviorismo.

Nesse sentido, pensadores baseados na corrente fenomenológica existencial explicitavam suas preocupações em produzir uma forma de tratamento capaz de compreender o homem em sua existência real e não a partir de teorias explicativas que correriam o risco de distanciar as relações ao invés de aproximá-las:

“Nos últimos anos temos notado uma conscientização crescente por parte de alguns psiquiatras e psicólogos de que existem profundas lacunas na concepção que fazemos dos seres humanos. Essas lacunas podem parecer bastante constrangedoras para os psicoterapeutas confrontadas como são, na clínica e no consultório, com a realidade absoluta de pessoas em crise cuja ansiedade não pode ser acalmada por formulações teóricas.” (MAY, 1958, p. 3)

Do ponto de vista fenomenológico existencial, quando estamos diante de um paciente, não seria justo pensarmos nele como um ser previsível que necessita apenas de sobrevivência, de um tratamento nos moldes da medicina (ciência natural), por exemplo.

Vamos ao médico para curar-nos de algum mal. Ele receita o remédio, tomamos, nos curamos e acabou o tratamento. O médico manda, nós obedecemos. Mas será que a visão que o médico tem desse paciente que ele acaba de “curar” condiz com as reais necessidades do paciente? Em se tratando de medicina, sim, até certo ponto.¹⁶ Precisávamos de remédio. Depois dos remédios, a ordem é restabelecida e podemos progredir, ou seja, continuar vivendo. Tudo cabível no modelo positivista. Mas, e na Psicoterapia? E se a Psicoterapia se manter-se nos moldes da ciência natural?

¹⁶ Diz-se “até certo ponto”, pois, numa concepção fenomenológica existencial há que se considerar qual o sentido da doença que se manifesta e não somente saná-la. Esse assunto é discutido por Medard Boss em sua magnânima obra “Existential Foundations of Medicine and Psychology” (1979). Nessa obra o autor lança a proposta para uma medicina psicossomática fundamentada nos pressupostos daseinsanalíticos.

Na Psicoterapia de fundamento existencial, a concepção de cura é outra. O médico¹⁷ não manda no paciente, o médico não sabe o que é o melhor para o paciente. E o mais difícil: o médico nem sempre cura. O fim não é a ordem, não necessariamente.

Esse aspecto do pensamento fenomenológico existencial, que não objetiva uma cura necessariamente, vai de encontro à angústia que seria inerente a qualquer humano, uma vez que este último tem de lidar com sua existência, responsabilizar-se por ela e aceitar a insegurança que a liberdade de escolha traz. (DARTIGUES, 2005).

Porém, o médico fenomenológico existencial pretende chegar perto, no sentido de compreender seu paciente à luz de si mesmo, sem modelos explicativos, sem teorias explicativas, apenas com o testemunho daquele ser que existe e se mostra de uma determinada maneira. O médico, então olha para seu paciente a partir de seu próprio mundo vivido.

A essência dessa nova concepção de tratamento psicológico preenchia os ambientes intelectuais nos quais foram crescendo nossos estudantes de medicina em Viena e Zurique.

Outro conceito chave introduzido por Heidegger que acompanhará a nova concepção de homem para os psicoterapeutas existenciais, é o conceito de Dasein.

Heidegger (2001) esclarece que “*a constituição fundamental do existir humano a ser considerada daqui em diante se chamará Da-sein ou ser-no-mundo*” (p. 33). O da-sein, segundo o autor, não é para ser visto como um ‘objeto’ alocado no mundo, mas sim como um ser que se encontra numa rede de sentidos e possibilidades:

“O que o existir como Da-sein significa é um manter aberto de um âmbito de poder-apreender as significações daquilo que aparece e que lhe fala a partir de sua clareira. O Da-sein humano como âmbito de poder-apreender nunca é um objeto simplesmente presente. Ao contrário, ele não é de forma alguma e, em nenhuma circunstância, algo passível de objetivação.” (p. 33)

¹⁷ Fala-se em “médico”, pois se trata de fazer uma comparação entre Psicoterapia existencial e o modelo médico das ciências naturais e porque, de início, psiquiatras eram os psicoterapeutas, na maioria das vezes, inclusive Moreno e Boss eram médicos. Os psicólogos ainda começavam a despontar.

Dessa forma, o da-sein ou ser-no-mundo, é entendido como uma abertura para o que lhe vem ao encontro. Segundo Cardinalli (2004):

“A denominação heideggeriana de Dasein para o ser do existir humano assinala que o ser humano é um acontecer (sein) que ocorre no aí (Da), lançado já no mundo, e assim, ek-sistere, isto é, existe neste movimento para fora.” (p. 58)

Portanto, entendemos que o da-sein, é um ser lançado para fora. O que isso realmente quer dizer? Quer dizer que ele se relaciona com tudo o que lhe vem ao encontro, e estar-no-mundo é estar nessa relação com os outros.

Perceber o homem dessa nova maneira era a inovação que Heidegger trazia para os psiquiatras e psicólogos que se formavam nesse período.

Cabe ressaltar que não se tratava de negar o conhecimento das ciências naturais, mas de deixar evidente que o homem, enquanto Dasein era um ser que deveria ser compreendido a partir de seu mundo, de seu modo de se relacionar, de uma estrutura própria com a qual os médicos estariam lidando. (MAY, 1958 e HEIDEGGER, 2001).

1.4 Existencialismo e Psicologia Humanista

O movimento existencialista trouxe para o campo da psicologia, a partir de sua ênfase na compreensão da existência do homem, o resgate do humanismo. O termo humanismo é designado como um movimento de ruptura com valores medievais, surgido no início da Idade Moderna, na Itália quatrocentista (KAHALLE & ROSA, 2002).

O humanismo caracterizava-se pela retomada da leitura de autores clássicos greco-romanos, interesse por investigações, observações, trazendo, portanto, desenvolvimento para o conhecimento científico na medida em que se afastava de crenças unicamente religiosas, tendo seu apogeu no Renascimento. O pensamento voltava-se para o homem enquanto um ser agente de sua própria vida, e não mais voltava-se para Deus com suas leis que determinavam o destino do homem. Era o antropocentrismo em contraposição ao teocentrismo.

Aparece então, por volta das décadas de 1940 e 1950, a Psicologia Humanista, baseada nos pressupostos do Humanismo, caracterizando a chamada “Terceira Revolução em Psicologia”. As duas primeiras foram as já citadas, Behaviorista e Psicanalítica.

A Psicologia Humanista surge a partir da tentativa de recolocar o homem no comando de sua vida, de seu destino, pois, como vimos tanto o Behaviorismo quanto a Psicanálise selavam o homem num sistema determinado, visto sob a ótica científica natural. A “terceira força”, portanto, a Psicologia Humanista, tem como principal fundamento reagir às teorias psicológicas que determinam a existência humana inserida num sistema explicativo. Ao contrário, a Psicologia Humanista exalta, no Homem, sua liberdade de escolha e responsabilidade pelo próprio destino, e dessa maneira, impassível de ser determinado, tendo como referência a fenomenologia existencial.

A busca pela valorização do homem, bem como sua responsabilidade frente à própria existência, parece ligar a Psicologia Humanista à Fenomenologia Existencial (KAHALLE & ROSA, 2002). Nesse sentido, tanto o Psicodrama quanto a Daseinsanalyse têm suas origens no movimento existencial e ambas fazem parte da denominada 3ª força da Psicologia,¹⁸ a Psicologia Humanista.

1.5 Moreno e Boss sobem ao palco

A partir de agora, são avistados os fundadores do Psicodrama e da Daseinsanalyse, já inseridos nesse cenário, pois o Psicodrama de Moreno e a Daseinsanalyse de Boss entram no grupo da 3ª força da Psicologia, sendo então humanistas e baseadas no método fenomenológico existencial, uma vez que são caracterizadas pela valorização do homem em sua existência.

A corrente existencial é, portanto, o berço comum entre o Psicodrama de Moreno e a Daseinsanalyse de Boss, no que tange o tratamento psicoterápico.

Moreno apresentará especial admiração por Kierkegaard, embora o considere um “psicodramatista frustrado”, e dos filósofos que desdobraram a fenomenologia de

¹⁸ Segundo Teles (1989) o panorama atual em Psicologia é caracterizado por “quatro forças”. A primeira é o Behaviorismo, a segunda, a Psicanálise, a terceira designou de Movimento Humanístico (aqui referido como Psicologia Humanista, como 3ª revolução) e a quarta força, a Psicologia Transpessoal, que abarcaria os trabalhos de Carl Gustav Jung (1875-1961) e abordagens que investigam estados da consciência, como sono, vigília, consciência cósmica, experiências transcendentais.

Husserl, Moreno citará com alguma consideração, Max Scheler (1874-1928) e Henri Bergson (1859-1941).¹⁹

De Scheler, Moreno se identificará com os estudos sobre a simpatia, citando o autor ao discutir sobre Empatia e Tele (MORENO, 2008:1953) além da preocupação do filósofo sobre a moral e a ética, a qual Moreno identificará com o axiodrama.²⁰

De Bergson, Moreno estudará a relação com o tempo presente, *durée*, a duração, e identificará na obra do filósofo uma teoria da espontaneidade não nomeada nem corretamente desenvolvida. Criticará Bergson por não conceber em seu sistema, o “momento”, conceito este que possibilita a espontaneidade, portanto, conclui:

“(...) sem um momento como *locus nascendi*, uma teoria da espontaneidade e da criatividade corre o perigo de ficar inteiramente metafísica ou de se tornar completamente automática.” (MORENO, 1959a, p. 58).

Apesar de ter sido alimentado intelectualmente por pensadores fenomenólogos e existencialistas, Moreno (2008:1953) criou uma teoria original e própria, o Psicodrama, que contém em seus fundamentos filosóficos as bases fenomenológicas existenciais, mas que possui também uma independência de conceitos e práticas. Moreno tinha sede de criação e acreditava que sua real contribuição estaria numa proposta própria, não que desvalorizasse o já estabelecido e conhecido, mas por deixar surgir um novo sem preconceitos:

“Minha premissa, (...) foi de questionar o valor de todos os conceitos sociais existentes e descartá-los, de não aceitar quaisquer hipóteses sociológicas como certas, começar do nada, começar como se nada fosse conhecido sobre relações humanas e sociais. Foi limpeza radical, pelo menos de minha consciência (...) Insisti nesta atitude não por pensar que os outros estudiosos antes de mim

¹⁹ Moreno (1959b) menciona Scheler como um existencialista mais próximo da fenomenologia de Husserl do que do existencialismo de Kierkegaard. Para Moreno esse seria o maior equívoco dos existencialistas intelectuais.

²⁰ Axiodrama é um dos métodos psicodramáticos que consiste em investigar e avaliar os valores morais, éticos e religiosos de uma comunidade ou sociedade através da ação dramática. (MORENO, 2008:1953)

não tiveram idéias excelentes, mas porque suas observações eram, muitas vezes, autoritárias, em vez de experimentais. (...) como quem tenta ser ignorante para, assim, libertar-se de clichês e preconceitos na esperança de que, ao esquecer-se para o papel de ingênuo, possa inspirar-se para formular a pergunta nova.” (p. 193)

Nesse sentido, Moreno parece já estar envolvido, mesmo que não reconheça isso claramente nesse momento, com os pressupostos fenomenológicos, pois buscar compreender algo, libertando-se de clichês, para formular a pergunta nova, é consoante com o libertar-se de preconceitos husserlianos e “retornar às coisas mesmas”.

Boss, por sua vez, será discípulo assumido de Martin Heidegger (1889-1976), trazendo do campo da filosofia, para o âmbito da psicoterapia, a Daseinsanalyse, e, portanto, esse fato justifica as constantes referências ao filósofo alemão no decorrer de nosso estudo. Boss afirma que Heidegger é seu mestre:

“O mais essencial (...) que aprendi de meu mestre Martin Heidegger, foi reconhecer a necessidade de encarar com simplicidade todas as coisas a nós manifestas, como sendo os dados e fenômenos que são, e contemplá-los de espírito recolhido. Essa maneira de abordagem do que existe em nosso mundo pode ser chamada de método fenomenológico.” (BOSS, 1997:1984, p. 7)

Embora Moreno tenha sido influenciado pelos pressupostos filosóficos fenomenológicos, e considere o Psicodrama uma escola existencial, criticará o existencialismo de Heidegger, ao qual chamou de “existencialismo intelectual”. Moreno será um dos criadores do “seinismo” ciência do ser, palavra essa que contém o “sein”, o mesmo de “ser acontecendo” heideggeriano. O “da” de Moreno, estaria, provavelmente para fora, lançado ao palco para acontecer.

Após o cenário exposto, veremos, subirem ao palco, cada um a seu modo próprio, Jacob Levy Moreno e Medard Boss. Moreno caracterizando-se como uma pessoa em busca da superação daqueles que o influenciavam, enquanto que Boss parece ter “se encontrado” na ontologia heideggeriana. Boss foi inovador ao trazer da Filosofia para a Psicologia a

Daseinsanalyse, enquanto que Moreno foi inovador ao criar toda uma teoria psicodramática, que mesmo contendo em seus fundamentos filosóficos, a fenomenologia, engendrou novos conceitos, teoria, método²¹ e técnicas.

²¹ Moreno (1959c) nomeia de métodos psicodramáticos, todos os possíveis modos de se dramatizar que muitos entendem por técnicas, inclusive ele mesmo, por vezes fala em técnicas ao invés de métodos, sem manter uma regra fixa. O autor chega a mencionar que “*o método psicodramático é praticamente ilimitado em sua utilização. O núcleo do método permanece, entretanto, sem mudanças.*” (p. 118). Portanto, entendemos que Moreno, ao falar em métodos psicodramáticos, diz de um modo específico de trabalhar questões humanas, que é através da dramatização. Entre os psicodramatistas contemporâneos e na literatura encontramos o termo “técnica” para designar todos os modos de se aplicar o método (ação dramática) psicodramático.

CAPÍTULO II – O PALCO DE JACOB LEVY MORENO

Nesse capítulo será apresentado o palco no qual Moreno inseriu-se e atuou na Psicologia e criou o Psicodrama, a partir de sua trajetória pessoal e profissional. De acordo com Almeida, Gonçalves e Wolff (1988), o percurso de Moreno na construção de sua obra pode ser dividido em “quatro momentos criativos”. O sentido de existir uma sistematização na vida e obra de Moreno, acontece justamente pela relação entre suas idéias e suas ações.

Não se pode falar em uma vida “privada” de Moreno, mas sim numa vida psicodramática, dedicada à ação, ao encontro e ao compartilhar. Moreno vivia o mundo da vida, tal qual proposto pelos fenomenólogos, e criou sua teoria e método enquanto vivia essa teoria e esse método. Suas premissas eram o sentido de sua existência. Portanto, será em meio a biografia de Moreno, que compreenderemos o Psicodrama.

Os quatro momentos criativos de Moreno

Segundo Almeida, Gonçalves e Wolff (1988), os quatro momentos criativos na trajetória profissional de Moreno foram:

- Religioso e Filosófico - até 1920;
- Teatral e Terapêutico - de 1921 a 1924;
- Sociológico e Grupal - de 1925 a 1941;
- Organização e Consolidação - de 1942 a 1974

2.1. Religioso e Filosófico (até 1920)

2.1.1 Hassidismo

Moreno era judeu de origem sefaradita, sua família não era religiosa ortodoxa, mas durante sua infância conviveu, entre seus vizinhos, com rabinos, absorvendo ensinamentos da Torá. Sua mãe, mesmo sendo de origem judaica, havia sido criada num

convento e ensinara a seu filho, tanto os fundamentos do judaísmo quanto os de Jesus Cristo, tendo Moreno, apresentado grande admiração pelo líder católico. Marineau (1989) assinala que seu pai, também judeu, era um homem de negócios e passava grande parte do tempo viajando.

É famosa, dentre os psicodramatistas, a história de Moreno ter brincado de ser Deus, por volta dos 4 anos²². Estava junto a outras crianças, brincando no porão de sua casa, quando sugere ao grupo, ser ele Deus e os outros anjos. Empilharam cadeiras umas sobre as outras e Deus ficou lá em cima, no céu, claro! Um dos anjos sugeriu que Deus voasse, e assim o fez o ser infantil Deus Moreno. Quebrou seu braço direito, a realidade se impôs. Mais tarde, em seus escritos, comentará que esse episódio fora sua “primeira sessão psicodramática” (MORENO, 1959b).

Ao refletirmos sobre esse episódio, pensamos que o fato de a realidade ter se imposto, significou, na existência de Moreno, não o fim de sua fantasia, mas apenas o começo dela junto a realidade.

Moreno não podia voar, mas podia ser Deus. Deus, no sentido de criador, Deus, no sentido de não estar longe e inatingível lá no céu, mas no chão, de braço quebrado, por que não? Junto aos mortais, um Deus real.

Esse Deus mais próximo, está visível tanto nas experiências de Moreno quanto em sua influência pelo hassidismo, corrente religiosa do judaísmo que reinterpreta a Torá, concebendo um Deus mais acessível, menos temível, mas mantendo-se fiel aos princípios e conteúdos dela (NUDEL, 1994).

Segundo Nudel (1994), o hassidismo surgiu por volta de 1750, criado pelo rabino Baal Shem Tov (também conhecido como Besht, iniciais de seu nome), teve como objetivo:

“(...) desmistificar a dicotomia entre o profano e o sagrado, fazendo com que a vida profana seja conscientemente devotada à santificação porque tende a fornecer aos fiéis melhores condições de servir a Deus.(...)a Divindade não era exclusiva do céu, mas também se encontrava na terra, ao alcance do homem (...) (p. 43 e 46).

²² De acordo com Marineau (1989) Moreno brincava de ser Deus frequentemente, no entanto, o episódio marcante seria esse que segue em nosso texto.

Nesse sentido, voltando à nossa reflexão, brincar de ser Deus, deixa de ser profano, e, deixar Deus “cair do céu”, o traz para a Terra, ao alcance do homem. Na concepção hassídica, Deus está em todos os lugares e sempre próximo do homem: “*Para constatar Sua Grandeza bastava olhar uma árvore, ou a grama, ou qualquer das suas criaturas, sem precisar recorrer a árduos raciocínios.*” (p.46).

Esse novo homem religioso que o hassidismo concebia poderia “*alegrar-se e gozar a vida, pois só através da alegria poderá alcançar as mais altas esferas do amor a Deus e ao próximo.*” (p. 46).

Consonante à citação acima, ao final de sua jornada na Terra, Moreno pede que em seu epitáfio fique registrado: “Aqui jaz aquele que abriu as portas da Psiquiatria à alegria.”(ALMEIDA, GONÇALVES e WOFFF, 1988, p. 17).

2.1.2 Filosofia Existencial (Kierkegaard, Buber, Bergson, Seinismo)

Por filosofia existencial entendemos ser a corrente filosófica que se fundamenta em pressupostos do existencialismo. Este segundo, por sua vez, “*privilegia o concreto, o singular, o “vivido”, em relação ao nocional, aos conceitos, às generalidades vagas.(...) vai impor a prioridade da existência sobre a essência (...)*” (Huisman, 2001, p. 8).

Nessa seção mencionaremos os filósofos da corrente existencialista que mais foram citados por Moreno e reconhecidamente influenciaram suas idéias. Mencionaremos Martin Buber dadas as críticas de Moreno sobre o filósofo. Embora Moreno cite Buber em seus textos, não reconhece ter sido influenciado por este, ao contrário, comenta que Buber teria se inspirado em sua filosofia do encontro quando propõe a relação dialógica Eu-Tu (MORENO, 1959c). Apresentaremos os três períodos nos quais Moreno dividiu o existencialismo, incluindo, nesses o “Seinismo”, que Moreno aponta como pertencendo ao segundo período.

Na “Sexta Palestra”²³, Moreno (1959b) ao solicitar a Boss a “convalidação existencial” dizendo que o desenvolvimento do existencialismo é o Psicodrama, justifica sua afirmação, iniciando a palestra dividindo o existencialismo em três períodos.

São eles: A) o protesto de Kierkegaard, B) o existencialismo heróico e sua superação, o Seinismo, e, C) o existencialismo intelectual.

Crítica o primeiro, por não ter realizado sua existência, ficando apenas no mundo do conhecimento. Elogia o segundo, pois considera que os existencialistas que compreenderam esse período souberam aliar conhecimento à existência. Menciona o “Seinismo”, ciência do ser, que valoriza o momento como um fluxo natural e espontâneo da existência. Crítica, finalmente, o terceiro período do existencialismo, o intelectual, no qual aponta Heidegger e Sartre como seus expoentes, que seguem a fenomenologia de Husserl e Scheller, de maneira distanciada daquela proposta por Kierkegaard.

Moreno (1959b), ainda na “Sexta Palestra” cria um diálogo imaginário entre Heidegger e Kierkegaard. Nesse diálogo, Kierkegaard protesta que Heidegger deveria iniciar seus estudos sobre “o ser” partindo dele mesmo, do próprio Heidegger. Toda a crítica que Moreno faz ao existencialismo intelectual de Heidegger é do lugar de Kierkegaard. Acusa Heidegger de manter-se nos livros e não partir para o encontro com seus leitores. É importante lembrar que Moreno criticou Kierkegaard pelo mesmo motivo, e, no entanto, colocou-se no lugar deste último para afrontar Heidegger.

É clara a identificação de Moreno com Kierkegaard, embora tenha apresentado ressalvas implacáveis ao filósofo. Vejamos então, o que Moreno ressaltou de alguns dos filósofos existencialistas presentes em sua obra.

Sören Kierkegaard (1813-1855)

As idéias de Kierkegaard²⁴ concernentes ao seu protesto contra a Igreja cristã e contra a hipocrisia dos bispos que não admitiam serem eles mesmos pecadores, além de rebelar-se contra a filosofia de Hegel, a qual considerava muito intelectualista e racionalista, transcendendo a situação real, são os pontos nos quais Moreno (1959b) o admirou, e, de

²³ A que mencionamos na Introdução deste estudo.

²⁴ Kierkegaard é considerado o precursor do existencialismo. Nas palavras de Huisman (2001), o existencialismo estaria em sua “pré-história” com o filósofo.

fato, vemos que se afinavam com seus pressupostos hassídicos. Afinal, lembremos que o hassidismo pregava uma relação com Deus menos ideal e mais concreta e presente, sendo nesse aspecto, existencial.

Do mesmo modo, quando Moreno (1984:1973) sugere que os atores interpretem seus próprios papéis, ele convoca o homem concreto assumindo sua própria existência no palco, ao invés de interpretar papéis que não são seus, e nesse aspecto, sua postura pode ser considerada existencial.

Embora tenha admirado a filosofia de Kierkegaard e o considerado “*um autor religioso-filosófico de alto nível*”, Moreno (1959b) o criticará por não ter posto em ação suas idéias de se tornar ele mesmo um profeta, e, portanto, o chamou de “*psicodramatista frustrado*”(MORENO, 1959b, p. 223). Para Moreno, Kierkegaard sabia o que deveria fazer para ser feliz, mas não o fez.

Martin Buber(1878-1965)²⁵

Moreno apresentará a mesma posição a respeito de Martin Buber, ao considerá-lo coerente sobre a relação dialógica e filosofia do encontro, mas fechado no mundo dos livros e distante da experiência concreta, portanto, distante do encontro:

“Buber, o autor, não fala com seu próprio “eu” para um “tu”, o leitor, o “eu” de Buber não sai do livro para encontrar esse “tu”. Buber e o encontro permanecem presos no livro. Isso é escrito, abstratamente, na terceira pessoa. É uma abstração sobre o ser, e não o próprio ser. A obra de Buber é uma intelectualização daquilo que apenas tem sentido como “existência”. (MORENO, 1959c, p. 135).

Para Moreno, Kierkegaard e Buber ‘pecaram’ no mesmo ponto: teorizaram brilhantemente, mas não realizaram suas propostas, pois não saíram dos livros e partiram para um verdadeiro encontro.

²⁵ Adentrar nas correlações entre Buber (também hassídico) e Moreno, fugiria aos objetivos de nosso estudo. Contudo, para aqueles que se interessam recomendamos a leitura de Nudel (1994) e Fonseca (2008), que apresentam as correlações entre ambos, além das origens judaicas e hassídicas comuns.

Foi Moreno quem pôs em ação, e, portanto, sob seu ponto de vista, deu vida e sentido existencial às idéias dos filósofos.

Henry Bergson (1859-1941)

Outra figura mencionada por Moreno foi Henry Bergson tendo sido citado quando falou do conceito de espontaneidade:

“A Henry Bergson (...) coube a honra de introduzir na filosofia o princípio da espontaneidade (embora raramente empregasse a palavra), numa época em que os mais destacados cientistas sustentavam teimosamente, que tal coisa não existia na ciência objetiva. Mas os seus *données immédiates*, seu *élan vital* e sua *durée*, eram metáforas da experiência que impregnariam toda a sua obra – a espontaneidade – mas que ele tentou em vão definir”. (MORENO, 1959a).

Moreno argumenta que o universo de Bergson não pode repousar, e, portanto, não contém o momento, que por sua vez, não comporta espaço para o surgimento da espontaneidade, que necessita de um *locus nascendi* para surgir.²⁶

Nota-se que todos os pensadores que passaram pelo palco moreniano originaram-se da corrente fenomenológica existencial: Kierkegaard é considerado o precursor do existencialismo cristão (Huisman, 2001). Buber faria parte do existencialismo religioso, mas não cristão, e sim judaico. Enquanto que Bergson, além de criticar também, as ciências naturais, pregava que o homem era livre e “ressaltou que “o que existe mostra-se” (Penna, 2006), revelando sua raiz fenomenológica existencial cujo pressuposto é compreender “o fenômeno tal como se mostra”.

O Seinismo – a superação do existencialismo heróico de Moreno

²⁶ Por fugir do objetivo de nosso estudo não nos aprofundaremos na relação entre Moreno e Bergson. No entanto, para aqueles que têm interesse no assunto, recomendo a leitura de Naffah (1997) “Psicodrama - Descolonizando o Imaginário”, na qual, o autor faz uma análise aprofundada da relação entre esses dois autores.

Moreno (1959b) apontava que os existencialistas heróicos eram aqueles que deixaram os livros e o conhecimento teórico e partiram para uma experiência vivencial no mundo com as pessoas. O autor cita Leão Tolstói (1828-1910), Charles Péguy (1873-1914), Otto Weininger (1880-1903). Entretanto, coloca que suas escolhas estavam ainda num plano ético e não existencial.

O passo além, seria aliar conhecimento e existência, o que Moreno (1959b) nomeou de “*Seinismo*” (*Sein* é igual a ser), “*a ciência do ser*”:

“(...) a idéia de ser “Ente”²⁷ foi realmente vivida e incorporada por alguns indivíduos históricos. Ser não tem fronteiras(...)Estende-se pelo espaço e pelo tempo, porém centraliza-se “nesta” pessoa, “neste” momento e “neste” lugar. São inseparáveis ser e conhecer. Ser é auto-suficiente; não exige conhecimentos, mas o inverso é um absurdo. Ser é uma premissa para conhecer. Partindo do saber talvez jamais atinjamos o ser.” (p. 226)

Mencionou, como um destacado expoente desse grupo, seu grande amigo de juventude, John Kellmer, que abandonou carreira universitária de filósofo e escritor, com o intuito de experimentar uma nova forma de viver. Tornou-se um trabalhador rural, vivendo com simples camponeses, apenas queria viver uma vida sem prescrições. Os existencialistas heróicos conseguiram associar conhecimento e existência. Moreno (1959b) argumenta o conhecimento somente tem sentido quando aliado à existência:

“Tornar-se um escritor existencialista talentoso jamais pode substituir uma existência verdadeira e genuinamente vivida. Por outro lado, uma existência profética que não é iluminada pelo pensamento reflexivo é igualmente inadequada. (p. 225)

Dessa forma, Moreno defendia a junção entre o conhecimento e a existência, dizendo que não pode haver conhecimento sem a existência, e viver sob essa filosofia era viver o “*Seinismo*”.

²⁷ Ente é tudo aquilo que “é”. Tudo o que existe é existente, logo tudo o que “é” é Ente.

Moreno (1959b) fala dos dois princípios do “Seinismo”: A) “inclusão total” do ser, buscando manter ininterrupto o fluxo da espontaneidade da existência; B) “*a bondade, o aspecto naturalmente abençoado de todas as coisas existentes*”. (p.226).

Na ciência do ser de Moreno, existe o abrir-se para o outro, doação de presença ao outro. Kellmer doou sua presença num modo de vida simples com pessoas simples, permitindo que o tempo seja o momento presente.

2.1.3 Moreno e o existencialismo heróico: o “*mundo da vida*”, da prática para a teoria

Compreenderemos agora, porque o pai do Psicodrama criticou os existencialistas que admirava, pois Moreno fez, atuou, realizou e viveu tudo o que ele e até os outros propuseram em teoria. Além disso, cria uma teoria que surge da vivência prática. Começaremos por uma citação que explicita a inquietação que Moreno (1992:1920) experimentava:

“Será que eu sou realmente, apenas e tão somente, uma massa perecível, uma tão desesperançada existência, ou seria eu o centro de toda a criação e da imensidão do cosmos?” (...) “Eu comecei a encantar-me cada vez mais e a perguntar-me se além da responsabilidade por mim mesmo e os cuidados comigo próprio, a responsabilidade para com *todas* as pessoas mais próximas, meu pai e minha mãe, minha irmã e o meu irmão, meus amigos, as pessoas da minha cidade e de outros lugares, as nações mais longínquas da terra, os povos com as suas guerras, revoluções e misérias não seriam também da *minha responsabilidade*?” (p. 10).

Retomando a visão positivista encontra-se em sua pergunta: “sou (...) tão somente uma massa perecível?” Ou seja, Moreno questiona qual o sentido de estar vivendo enquanto apenas um ser orgânico. O que ele é afinal? Ele pode continuar sendo identificado enquanto uma massa perecível, apenas?

Quando Moreno questiona o positivismo, não o faz em nome da ciência, primeiramente, mas o faz em nome de si mesmo. Ele se coloca prontamente na situação em que o modelo positivista é posto no mundo vivido.

Porém, Moreno não se contentou com a alternativa que o cenário oferecia, ao contrário, ele preferiu a outra opção: a de ligar-se a algo maior, levantando a hipótese até de ser o “centro de toda a criação” daí temos nosso religioso entrando em ação. A palavra religião, do latim, *religare*. Estaria Moreno se re-ligando à sua humanidade, à sua real condição humana: ser-com-os-outros heideggeriano?²⁸

Vemos nas atitudes de Moreno, em todas as fases de sua vida, ações que o re-ligam aos outros.

Ele parte para o mundo vivido dele mesmo, e para o outro, sendo compatível com os pressupostos hassídicos e da filosofia existencial, seguindo direto para a responsabilidade: “para com *todas*²⁹ as pessoas mais próximas...” até alcançar povos longínquos. Não por acaso, o autor enfatiza as palavras *todas* e *minha responsabilidade*. Ele aponta para uma visão participativa e ativa de homem quando coloca *minha responsabilidade*. Ele assume como dele acontecimentos que ocorrem na sociedade em que vive. Os princípios seinitas aparecem nas palavras realçadas, uma vez que elas expressam a inclusão de todos e a bondade, no sentido de colocar-se solidário ao sofrimento alheio.

Avistamos claramente sua herança hassídica e filosófica existencial quando “arregaça as mangas” e vai às ruas com-viver com os outros, proporcionando o encontro, o espaço para o resgate da espontaneidade e criatividade, no aqui e agora:

2.1.4 Casa do Encontro

²⁸ Ser-com heideggeriano será explanado posteriormente no Capítulo III deste estudo.

²⁹ Grifo da Autora.

Moreno funda a Religião do Encontro junto com seu amigo Chaim Kellmer,³⁰ criando “*uma comunidade baseada em seus princípios*.”, que eram de ajudar o próximo, viver no anonimato (Marineau, 1989, p. 40).

Juntam-se a mais 3 colegas “simpatizantes” de seus ideais: Andras Petö, Hanz Feda e Hanz Brauchbar, e criam a “Casa do Encontro”. Era um local que abrigava refugiados e imigrantes, ajudando-os com regulamentação de documentos e empregos temporários e permanentes, lembrando que, embora regulamentassem documentos, as pessoas deviam manter-se no anonimato³¹. Sobre a Casa, Marineau (Idem) relata:

“Mas a casa funcionava também como comunidade. Todas as noites havia discussão sobre problemas práticos encontrados dentro e fora da casa, cantava-se um bocado e fazia-se outro tanto de brincadeiras. A reputação do grupo espalhou-se rapidamente e cada vez mais gente vinha se juntar à comunidade.”(p. 41).

A Casa do Encontro re-ligava pessoas em suas condições humanas. Lá se re-uniam pessoas de várias nacionalidades, num momento pré-guerra. Em meio ao acinzentamento aparece um ponto iluminado, onde as pessoas se encontram realmente, se organizam, cantam e brincam. Admirável Moreno ter proporcionado esses momentos para aquelas pessoas. Ele mostra que sai do mundo teórico e existe com os outros, portanto, ele vive o fundamento da filosofia fenomenológica e existencial: o retorno ao mundo da vida, a experiência concreta.

A Casa foi fechada no começo da guerra. O grupo se desfez, mas Moreno, apesar de ter tido uma crise de revolta e depressão, se re-ligou e voltou ao parque encenar com as crianças.

2.1.5 Crianças nos Jardins de Viena

³⁰ Segundo Marineau (1989), Moreno e Kellmmer teriam exercido grande influência um sobre o outro. De Moreno, Kellmmer ficaria com sua atitude e vontade de ação, enquanto que de Kellmmer, Moreno levava a admiração por sua “*ingenuidade, idealismo e pureza da filosofia*”. Kellmmer era judeu criado na tradição hassídica, estudante de filosofia, procurava respostas às suas questões existenciais.

³¹ Moreno era adepto do anonimato, passando a registrar suas autorias após 1925 (MORENO, 1973).

Moreno (1959a) relata que havia iniciado suas encenações de contos infantis nos jardins de Viena entre 1908 e 1911, quando costumava passear pelos jardins de Viena.

Certa vez, encontrou um grupo de crianças e começou a lhes contar uma estória. Quando percebeu, outras crianças por perto, se aproximaram, assim como alguns pais e babás com carrinhos. Moreno (1984:1973) conta que depois desse dia, contar estórias para as crianças passou a ser seu “passatempo favorito”. Além das estórias, brincava com as crianças, encenava estórias improvisadas, as estimulava a criarem novas estórias. Esses encontros foram ficando famosos, as crianças o adoravam, o consideravam um ser encantado. E suas influências chegaram às crianças de modo que começavam a se recusar a assistirem aulas dentro das salas, elas queriam ir para o parque com aquele homem. Ninguém sabia seu nome. Moreno começou a ser mal visto, seria ele o verdadeiro lobo mau das estorinhas infantis? Moreno entendeu que melhor seria deixar o mundo das crianças.

Segundo Marnieau (1989), Moreno, nesse ínterim, havia criado um teatro para crianças, estimulados por pais e professores (alguns acreditavam em sua integridade com as crianças), que também fora fechado no início da Primeira Guerra.

Então, Moreno teve de se afastar das crianças, no entanto, as influências que as crianças exerceriam sobre ele o acompanhariam, Marineau (1989) salienta o sentimento de Moreno nesse momento:

“Aos poucos, foi ficando claro para mim que deveria deixar o reino das crianças e passar-me para o mundo, o vasto mundo, mas, é claro, sempre conservando a visão que o trabalho com as crianças tinham me dado. (...) As crianças eram meus modelos (...) Sabia quão distorcidas nossas instituições tinham se tornado, mas tinha um modelo pronto para substituir os velhos: o modelo da espontaneidade e da criatividade, aprendido com a proximidade que tive com as crianças. (p. 52)

2.1.6 Prostitutas de Viena

Numa tarde, passeava por um bairro de Viena e vira uma linda mulher vestindo uma chamativa saia vermelha, e, enquanto começavam uma conversa, um policial a leva para

a delegacia. Moreno a aguarda e quando a moça retorna lhe conta que fora advertida pelos policiais por usar roupas chamativas durante o dia, que só poderia usá-las ao escurecer. Moreno reflete sobre a situação na qual as prostitutas vivem há séculos: menos direitos que qualquer grupo social desfavorecido, preconceito, vulnerabilidade a doenças venéreas, falta de condições para levarem adiante gravidez e criação de filhos.

Passa a visitá-las na companhia de um médico especialista em doenças venéreas, o Dr. Wilhelm Gruen, e Carl Colbert, editor de um jornal vienense. Sobre essas visitas, Marineau (1989) ressalta a intenção de Moreno:

“Essas visitas não eram motivadas pelo desejo de reformar’ as garotas, nem de ‘analisá-las’”.
(p. 54)

A intenção de Moreno com as garotas era de auxiliá-las a se organizarem, para que fossem mais respeitadas e assim, melhorar suas condições de vida. Moreno as aceitava como eram, sem preconceitos. De início elas mostraram-se desconfiadas, afinal, não era comum que alguém as procurasse sem a intenção clara de tirá-las da vida que levavam.

Com o tempo, foram desenvolvendo confiança em Moreno e nos outros mencionados. Logo, conseguiram advogado que as representasse juridicamente, um médico para tratar delas num hospital que as admitisse.

Entretanto, para Moreno, o mais profundo valor das reuniões, foi sendo percebido por elas, vagarosamente. Era o fortalecimento que a existência do grupo trazia para cada uma delas, enquanto pessoas que interagiam, se ajudavam mutuamente e se reconheciam como mulheres dignas de respeito. Dos resultados terapêuticos oriundos das interações entre elas mesmas, Moreno enxergou a semente da psicoterapia de grupo.

2.1.7 Refugiados de Mittendorf

Por não ter nacionalidade fixa, Moreno não serviu às Forças Armadas, mas trabalhou em dois campos de refugiados, um na Áustria e outro na Hungria.

No campo Znolnok, na Hungria, Moreno trabalhara na Medicina especificamente, cuidando de soldados convalescentes e auxiliando um médico, cirurgião de cérebro. Já o

campo da Áustria, Mittendorf, foi especial na vida de Moreno por ter trazido outra semente para sua obra: a sociometria.

Tirolezes do Sul tiveram de abandonar suas casas, por conta da invasão dos italianos e foram para Mittendorf. Quando lá chegavam eram alocados em grandes cabanas, nas quais ficavam até uma centena de pessoas, e, ao chegarem novos, ocupavam a cabana ao lado. Não havia nenhum tipo de organização de grupos sociais, como religiosos e políticos, por exemplo. Estavam todos vivendo o dê-sabrigo de seus lares, acampados entre estranhos e com possibilidade escassa de se abrir para esses estranhos, uma vez que não tinham afinidades. O cenário era caótico e estranho.

Moreno foi escalado para realizar atendimentos no hospital infantil no campo e pôde acompanhar a rotina dos refugiados, as interações entre as cabanas, bem como realizou análises do modo como estavam alocados e o quanto não havia se pensado, ainda, em organizá-los conforme crenças, afinidades, para viverem minimamente melhor naquele momento de suas vidas.

Moreno fez amizade com um psicólogo italiano, Ferruccio Bannizzone, e juntos, aprofundaram essas análises sociais, que foram as precursoras da sociometria. Marineau (1989) apresentou um rascunho de carta que Moreno teria escrito ao ministro do império austro-húngaro falando de suas análises e sugestões de estudos sociométricos.

No entanto, seria após alguns anos que Moreno empreenderia suas pesquisas sociométricas.

2.1.8 Produção intelectual: Testamento do Pai, Revista Daimon

Descobrir a espontaneidade e a criatividade com as crianças, acolher refugiados na Casa do Encontro, conscientizar prostitutas de seus valores humanos, pensar numa organização na rotina dos refugiados acampados, foram atitudes que Moreno tomou na fase denominada “religiosa e filosófica”, que conferiram sentido à sua existência, sentido naquilo que ele acreditava. Moreno estava realmente presente nas relações que estabelecia, em todas as interações descritas, nosso médico se envolvia e criava algo sobre esse envolvimento.

Dessa fase, suas produções intelectuais foram seu livro “Testamento do Pai”, que mais tarde foi publicado como “Palavras do Pai” e “Convite ao Encontro.

Além disso, era editor da revista *Daimon*, a qual circulava pelos meios intelectuais de Viena e que tinha em seu corpo editorial personalidades como Martin Buber, Max Scheller, Jakob Wasserman, Kafka e outros. Todos ligados à filosofia existencial.

Neste período, Moreno produz tanto intelectualmente quanto se mostra um ator social, ele atua com os outros e para o mundo.

É marcante em sua prática psicoterapêutica a idéia de que qualquer um pode ser terapeuta. Moreno (1959b) desmistifica a figura do terapeuta, assim como o hassidismo desmistifica a relação do homem com Deus, e a fenomenologia-existencial desmistifica o acesso aos fenômenos.

Dessa fase da vida de Moreno e das principais influências religiosa e filosóficas, despontam as sementes do Teatro Espontâneo (teatro improvisado com as crianças), as sementes da Psicoterapia de Grupo (prostitutas de Viena), e as sementes da Sociometria (Campo de refugiados de Mittendorf).

A prática dessa época também lhe trouxe alguns de seus conceitos-chave: Espontaneidade e Criatividade; Conserva Cultural; Revolução Criadora; Momento e o “Aqui e Agora”; Encontro; e Tele. Tais conceitos serão apresentados brevemente a seguir, de modo a completar os elementos constitutivos do Palco de Moreno.

2.1.9 Espontaneidade e Criatividade

Esses dois conceitos morenianos são inseparáveis, embora sejam diferentes entre si. Moreno avistava a criatividade e a espontaneidade como inerentes ao homem.

Segundo Moreno (1959a):

“A raiz da palavra “espontâneo” e seus derivativos é o latim *sponte*, que significa de livre vontade.(...) a espontaneidade tem a tendência inerente para ser experimentada pelo indivíduo pelo seu estado próprio, autônomo e livre (...)”. (p. 463)

Sendo *sponte*, vontade, seria como se o homem tivesse nascido para ser livre, espontâneo, e apto a realizar suas vontades, como uma “tendência inerente para ser experimentada”, ou seja, um mundo para ser usufruído.

Para Moreno isso se iniciaria desde o nascimento do ser humano. O nascimento seria o primeiro ato espontâneo do Homem; e para aqueles que pensam em partos cesáreas, nos quais, o bebê não faz esforço algum para nascer, sendo que muitas vezes, não demonstra a menor “vontade” de sair da barriga da mãe? Nesse caso, talvez Moreno respondesse que mesmo assim, o bebê terá de reagir à sua arrancada do útero materno, e, a maneira pela qual ele responde a isso, será pura espontaneidade.

Espontaneidade seria então, a capacidade dos indivíduos de responderem adequadamente a uma situação nova ou antiga (MORENO, 1959a). Por “adequadamente”, entende-se a adequação às próprias necessidades do indivíduo. Almeida, Gonçalves e Wolff (1988), esclarecem:

“(...) sua proposta primordial é da adequação e do ajustamento do homem a si mesmo. Nesse sentido, ser *espontâneo* significa estar presente às situações, configuradas pelas relações afetivas e sociais, procurando transformar seus aspectos insatisfatórios. (...) Quando recupera sua liberdade ou luta por ela, o homem reafirma sua essência, o que é próprio de sua natureza, ou seja, a *espontaneidade*.” (p. 47).

Dessa forma, espontaneidade está relacionada a alguma ação que implica em criação, portanto, a criatividade caminha ao seu lado (ALMEIDA, GONÇALVES e WOLFF, 1988). Criar é “*produzir a partir de algo que já é dado, alguma coisa nova.*” (p. 47).

Moreno (2008:1953) explica que nessa relação indissociável, a criatividade, seria o “catalisador” da espontaneidade e exemplifica:

“A definição visível da criatividade é a criança. A espontaneidade, por si mesma, nunca produzirá uma criança, mas pode ajudar enormemente em seu nascimento. (...) A criatividade sem a espontaneidade torna-se desvitalizada.” (pp. 51-52)

O autor também observa que uma pessoa pode ser espontânea sem criatividade e ser criativa sem espontaneidade (MORENO, 1959a).

No entanto, ao ser, por exemplo, espontâneo sem criatividade, nada será produzido, enquanto que sem espontaneidade, a criatividade não tem vitalidade.

Espontaneidade e criatividade juntas produzem o novo. A criatividade está ligada à produção, quando Moreno a nomeia de “catalisador” da espontaneidade, ele fala de um sentido para a espontaneidade. De nada adiantaria ser espontâneo sem ação para produção e não se cria nada sem espontaneidade.

Quando Moreno fala em criatividade, pense-se na raiz comum que tem com a palavra ‘criança’. Moreno dizia que seu modelo eram as crianças e elas haviam lhe ensinado o que era espontaneidade e criatividade.

2.1.10 Conserva Cultural

Espontaneidade e criatividade juntas tornam-se um ato criador, e, a partir do momento em que se finalizam, tornam-se conserva cultural. Uma obra de arte, por exemplo, quando acabada, virou conserva. Uma idéia, uma teoria, um livro, quando acabado, vira conserva. Moreno apresenta certa hostilidade contra as conservas, mas admite serem necessárias para que a humanidade tenha história e progresso também, afinal, o que seria do homem, se tivesse, a cada nova geração, que inventar a roda? Propõe que o homem, então, re-invente a roda, as conservas, de modo que o ato criador faça circular vida na humanidade e não se perca a espontaneidade.

Para Moreno, a espontaneidade acompanha o homem desde seu nascimento, mas a perde conforme regras e leis sociais exigem comportamentos que correspondam com expectativas ordenadoras que podem acabar por estereotipar comportamentos, tornando-os conservas.

2.1.11 Revolução Criadora

Sendo a espontaneidade inata ao homem e ele a perde no decorrer de sua socialização, Moreno, então propõe que o homem a resgate por meio do que chamou de “revolução criadora”.

A revolução criadora seria uma luta do homem consigo mesmo, uma vez que é ele próprio quem cria obstáculos para a espontaneidade. Neste sentido, assim como a

espontaneidade é inerente ao homem, também o é sua necessidade de criar e manter conservas culturais, pois são os próprios homens que tolhem a espontaneidade no sentido moreniano.

Quando o homem cria uma máquina que trabalhe por ele, busca, também, ocupar-se noutra atividade e, portanto, estaria dando chance ao próximo ato criador. Nesse sentido, a máquina estaria a serviço do homem.

Entretanto, o problema avistado por Moreno foi a superação da máquina sobre o homem: o robô, e com ele a robopatização do homem, a automação do homem. Se a máquina pode fazer por mim, posso me acomodar e parar de pensar ao invés de buscar coisas novas. Moreno alerta, portanto, para que o homem mantenha acesa a chama da espontaneidade, resgatá-la e continuar sempre criando, sem deixar-se levar pelo comodismo tecnológico.

2.1.12 O Momento

Como mencionado anteriormente, indo além de Bergson, Moreno estabelece um *locus nascendi* à espontaneidade: o momento. Para Moreno o tempo vivido é diferente do tempo cronológico, assim como para Bergson. No entanto, no fluxo contínuo de Bergson, a duração (*durée*), Moreno acrescenta um “curto-circuito”, o momento.

O momento seria aquele instante que permite que a espontaneidade apareça e possibilite transformações, que seriam os casos do “*momento do encontro e momento da criação, situações em que o ser humano se realiza, afirmando o que é essencial no seu modo de ser.*” (ALMEIDA, GONÇALVES e WOLFF, 1988, p. 55).

2.1.13 O Aqui e Agora

Para Moreno, era importante, ao cuidar de um paciente ou de um grupo, partir do tempo presente, o que significa no momento em que estava acontecendo. Ou seja, para compreender as questões trazidas pelos pacientes, pensava-se no momento presente e não buscava explicações no passado, por exemplo. Então, havendo um grupo, compreendia suas interações tais quais ocorrem no aqui e agora do grupo. Em casos de

psicoterapia bi-pessoal³², a relação entre psicoterapeuta e paciente, deveria ser analisada a partir dela mesma.

A partir da concepção de aqui e agora, a transferência freudiana, perde seu sentido, pois esta última buscaria na relação entre psicoterapeuta e paciente, sua origem numa outra relação, de outro tempo, que estaria no passado da vida do paciente. Portanto, aqui e agora propicia o encontro.

2.1.14 Encontro e Tele

Quando Moreno fala de encontro não é apenas aquele que marcamos com hora e local. Ele fala de um encontro existencial, no sentido de estar presente no mundo do outro, experienciá-lo, percebê-lo. Esse encontro é uma relação de compreensão mútua e integral, no sentido de as pessoas envolvidas estarem presentes e entregues ao momento do encontro. Nesse sentido, não seriam encontros como, por exemplo, de um médico com seu paciente, mas de pessoa para pessoa.

Dessa forma, o conceito de encontro, chama para o conceito de Tele. Moreno (1959c) define Tele, como:

“Tele (do grego: distante, agindo a distância) foi definido como uma ligação elementar que pode existir tanto entre indivíduos, como também, entre indivíduos e objetos e que no homem, progressivamente, desde o nascimento, desenvolve um sentido das relações interpessoais (sociais). O Tele pode, assim, ser considerado como fundamento de todas as relações interpessoais sadias e elemento essencial de todo método eficaz de psicoterapia. Repousa no sentimento e conhecimento da situação *real* das outras pessoas. (p. 52)

Não por acaso, Moreno realça a palavra *real* na citação acima, pois quando há relação télica, esta, necessariamente é real, no sentido de verdadeira, ou seja, é um saber sobre o outro mútuo. Não necessariamente, uma relação télica é positiva, pois às vezes um saber

³² Bi-pessoal: duas pessoas, 1 paciente e 1 psicoterapeuta.

mútuo é saber de algo negativo de um para o outro. Por exemplo, A gosta de B e B não gosta de A. Na relação télica, A sabe que B não gosta dela e ela sabe que B tem consciência disso. B também sabe que A gosta dele. Um sabe do real sentimento do outro, mesmo que o sentimento não seja o mesmo. Portanto, a reciprocidade que existe no conceito de tele, está no nível perceptivo e não valorativo. Tele é perceber o outro no momento presente, por isso fundamenta todas as relações interpessoais.

Todos os conceitos mencionados caminham juntos, ser espontâneo é deixar ser, é entregar-se ao momento de maneira verdadeira, e quando se é verdadeiro na relação, acontece o encontro, e a partir do encontro, a percepção que se tem do outro é real.

Seu convite para o encontro:

“Um encontro entre dois: olho no olho, cara a cara. E quando estiveres próximo tomarei teus olhos e os colocarei no lugar dos meus, e tu tomará meus olhos e os colocará no lugar dos teus, então te olharei com teus olhos e tu me olharás com os meus Assim nosso silêncio se serve até das coisas mais Comuns e nosso encontro é meta livre: O lugar indeterminado, em um momento indefinido, a palavra ilimitada para o homem não cerceado.” (MORENO, 1959a, folha de rosto)

De certa forma, toda a fase Religiosa e Filosófica de Moreno, bem como o surgimento de seus conceitos, explicitam a concepção de Homem deste autor. A próxima fase, a qual, a literatura denomina de Teatral e Terapêutica, apresentará o tratamento que Moreno propôs para cuidar desse Homem.

2.2 Teatral e Terapêutico (1921 a 1924)

“(…) Escolhi o trajeto do teatro em lugar de fundar uma seita religiosa, dirigir-me a um mosteiro, ou desenvolver um sistema teológico (...)”. (MORENO, 1984: 1973, p. 15).

De acordo com Marineau (1989), Moreno teria passado por um momento de depressão no período pós Primeira Guerra, tendo, por um tempo, se dedicado somente à Medicina.

Do círculo social e intelectual de Viena no qual Moreno vivera, incluindo suas experiências com a Casa do Encontro, não sobraram nada além de lembranças e sementes que vingariam no futuro. Seu amigo Kellmer³³ retirou-se de cena, decidiu largar toda a cidade grande para entregar-se à simplicidade da vida camponesa e longe dos livros, como já vimos acima. Os outros integrantes do grupo se espalharam pelo mundo não se reunindo mais.

Dos poetas e escritores que faziam a revista *Daimon*, seguiam suas carreiras independentes. Moreno não se sentia pertencente ao mundo dos poetas e escritores que demoravam muito em discussões fazendo-o, muitas vezes, perder a paciência (MARINEAU, 1989).

Foi morar em Bad Vöslau, cidade próxima a Viena e por lá trabalhou como médico de famílias. Conheceu sua primeira “musa” Marianne Lörnitzo³⁴. Moreno não era bem visto na pequena cidade, pois mantinha anonimato de sua identidade, isso causava desconforto nas pessoas, além de não ter assumido, dentro dos padrões conservadores vigentes na cidade, seu compromisso com Marianne.

2.2.1 O nascimento do Psicodrama

Moreno afastava-se dos poetas escritores, mas aproximava-se do teatro, só que agora, com adultos. Reuniam-se num Café vários atores e atrizes, até que certa vez, Moreno aparece com uma proposta que marcaria o nascimento do Psicodrama.

³³ Foi viver conforme sua crença seinista (MORENO, 1959b).

³⁴ As mulheres tiveram importantes papéis na vida de Moreno. Ele teve 3 mulheres oficiais em sua vida, além de um casamento “combinado” para conseguir visto permanente nos Estados Unidos. A primeira delas foi Marianne, quando vivia em Bad Vöslau, tendo ela colaborado muito com Moreno tanto na época em que escrevia “Palavras do Pai” e de seu isolamento social, quanto nos envios de documentos que validaram seu diploma para exercer a Medicina nos Estados Unidos. Sua segunda esposa, a “combinada”, foi sua amiga Beatrice Beecher. Ao que parece sua relação era estritamente de amizade. A terceira esposa de Moreno foi Florence Bridge, com quem escreveu alguns textos relacionados ao desenvolvimento infantil que foram acoplados ao seu livro *Psicodrama* (1959a). Sua quarta e última esposa, foi Zerka Toeman Moreno, e segundo Moreno, ela era sua “alter-ego”, ou “ego-auxiliar” de modo único e original, lhe conferindo o título, não com esse nome, mas com esse sentido, de a primeira dama do psicodrama. Para aqueles a quem interessar em se aprofundar mais no papel que as mulheres de Moreno exerceram em sua vida, recomenda-se assistir ao filme “Jacob Levy Moreno – sua vida e suas musas”, de Maida (2006).

Podemos dizer que o nascimento em si, da “criança”³⁵ não fora um sucesso, ao contrário, desapontou seu pai nesse primeiro dia oficial, que por ironia (ou não) era 1º de Abril: dia da mentira. Graças ao otimismo e teimosia desse pai, houve insistência para que a “criança” continuasse ganhando investimento e se tornasse, ao invés de mentira, uma verdade. Verdade esta que estaria, mais tarde, contida na sua própria definição:

“O psicodrama pode daí ser definido como o método que penetra a **verdade**³⁶ da alma através da ação.”(MORENO,1959c, p. 106).

Portanto, ao deter-se no que aconteceu naquela noite de “1º de abril de 1921, entre às 7 e 10 horas da noite”(Moreno, 1959a), pode-se supor que a verdade já estivesse por lá.

Moreno considerava que a população austríaca pós Segunda Guerra Mundial, precisava de novas idéias, novos líderes, estavam sem governo, sem rei. Havia anunciado no jornal o grande nascimento, e na noite de 1º de Abril, o teatro *Komoedien Haus* estava, nas palavras de Marienau (1989) “apinhado de todo tipo de gente: autoridades, políticos, gente comum de teatro e amigos de Moreno.” (p.80). E nas contas de Moreno (1959a), “*mais de mil pessoas*” (p.49). Moreno (1959a) queria naquela noite:

“(...) tratar e curar o público de uma doença, um Síndrome (sic) cultural patológico de que os participantes compartilhavam.”(p. 49)

No abrir das cortinas, estava no palco, sozinho, vestido de bobo da corte. Compôs o cenário da maneira que acreditava ser necessária para a sugestão da noite: um trono e sobre o assento deste, uma coroa.

Moreno, então, se apresenta e propõe a procura pelo rei, convidando os candidatos a subirem ao palco, apresentarem suas propostas e serem avaliados pelo júri (a plateia). Para desconforto geral, apesar das tentativas, não houve revelação alguma, não apareceu rei, não apareceu líder.

Naquele momento, não houve como tratar e curar o público de sua doença.

³⁵ Moreno (1959a) mesmo se refere ao psicodrama, como “criança”.

³⁶ Grifo da Autora.

O resultado do nascimento do Psicodrama fora desapontador. Teria Deus tentado voar novamente e caído ao chão? Será que a sensação geral foi parecida? Não se pode saber.

Entretanto, do que se sabe é que Moreno continuou sua empreitada (assim como continuou a brincar de Deus após ter caído, trazendo-o para mais perto da terra), a despeito das críticas que sofrera e das perdas de amizades. Disse que registrou “*ninguém é profeta em sua própria terra.*” (MORENO, 1959a, p.50).

Nesse sentido, temos uma interessante cena: não ter rei no dia da mentira, e o nascimento do Psicodrama no dia da mentira. Ora, nesse dia, Moreno também não fora profeta em sua própria terra, afinal ele não conseguiu trazer o novo líder. Foi tudo uma mentira? Paradoxo: não. Foi tudo uma verdade.

Sua conclusão mostra o Moreno analista, que, embora tenha sofrido, enquanto médico, por não ter conseguido curar o doente, reconhece a cena naquilo que ela des-cortina em sua mais genuína verdade: não havia líder naquele momento, portanto, não deu para ele aparecer, ele ainda não existia.

No entanto, o Psicodrama existia. Teve uma dolorosa concepção na brincadeira de ser Deus, uma linda gestação nos jardins de Viena resistindo às ameaças de aborto, e, finalmente chegou ao mundo após um parto meio “conturbado”, digamos, no dia 1º de Abril. A próxima etapa da cria de Moreno seria o deslanchar de uma vida brilhante, passando a explorar a alma através da ação.

2.2.2 O Teatro Espontâneo³⁷

Após o episódio denominado de nascimento, com o desligamento de alguns amigos, Moreno se distanciou mais evidentemente do mundo literário e se aproximou cada vez mais do mundo teatral. Nosso médico acreditava na espontaneidade como um meio de transformação pessoal e social, o aprendizado com as crianças nos jardins de Viena continuaram o acompanhando.

³⁷ Note-se que Moreno escrevera sobre o nascimento do Psicodrama posteriormente à esse 2º momento. Nesse momento, Moreno ainda não havia consagrado o termo Psicodrama, isso aconteceria no 4º momento de sua trajetória profissional, que veremos adiante. Portanto, aqui, ele ainda fala em Teatro Espontâneo e Terapêutico, ao invés de Psicodrama. No entanto, optamos por apresentar o nascimento do Psicodrama seguindo sua ordem cronológica (2º momento) e não à registrada por Moreno (4º momento).

Moreno visualizava uma Europa por demais materialista: “*materialismo econômico de Marx, materialismo psicológico de Freud e materialismo tecnológico do navio a vapor, do avião e da bomba atômica*” (MORENO, 1984:1973, p.17). Esses três materialismos teriam, juntos, segundo Moreno, “*um medo e um despeito profundos, quase que ódio, contra o self criativo e espontâneo (...)*”(p.17). Eram, para ele, conservas culturais com suas verdades indiscutíveis.

Em meio a essas circunstâncias, o criador do Psicodrama, vislumbrou no teatro o lugar protegido para expressar-se, pesquisar e experimentar a espontaneidade na qual acreditava ser a solução para uma revolução criadora.

Fundou, em 1921, o *Stegreiftheater*, teatro da espontaneidade e sua concepção não condizia com a tradicional. Ele queria revolucionar o teatro, pois considerava o tradicional uma conserva cultural, que separava plateia de atores e não criavam nada, apenas reproduziam falas decoradas.

Moreno (1984:1973) propunha um teatro que transformasse atores em autores e público em atores.

Tudo seria diferente do que já existia no teatro moreniano, a começar pelo palco que teria um formato arredondado, lembrando seu cenário dos jardins de Viena, no qual, ele ficava no meio e as crianças ao seu redor. O palco, além de estar no meio do público, tinha níveis, os quais Moreno (1984:1973) utilizaria para as etapas do Psicodrama e para mostrarem os atores que talvez entrassem em cena. A plateia poderia atuar junto dos atores, sempre que desejasse. O enredo não seria mais ensaiado e decorado, mas improvisado e criado espontaneamente de modo que todos estariam produzindo e transformando suas próprias histórias:

“O teatro da espontaneidade tem a tarefa de servir o momento. (...) estando livre dos clichês de forma e de conteúdo, pode organizar seu repertório de acordo com a audiência que lhe esteja à frente.” (p. 94)

Realizar o teatro espontâneo na mesma proporção que o tradicional era uma tarefa que exigia muito da capacidade espontânea e criativa de todos os envolvidos. Moreno (1984:1973) relata que foi uma fase bastante produtiva, pois a pressão por criar novidades para novas plateias “*provocou a invenção de novos métodos de produção e*

de predição” (p.19). Realizava muitos experimentos e a própria manutenção do teatro espontâneo fez surgir as etapas do Psicodrama, com aquecimento dos atores e da audiência, surgimento de um protagonista, o estudo sobre os papéis, elaboração de diagramas de interação entre os atores, escalas de espontaneidade, ou seja, foi-se criando uma teoria e metodologia de trabalho através da experiência. Cabe observar que essas descobertas foram acontecendo gradualmente e nomeadas e sistematizadas somente mais tarde.

No entanto, o público não estava suficientemente “aberto” para receber esse teatro. Não acreditavam que era improvisado quando as cenas tinham um desfecho harmonioso, e criticavam quando as cenas se desfaziam ou não “davam certo”. Financeiramente não era rentável, uma vez que não havia audiência, e, assim, alguns atores desistiram. Moreno (1984:1973) considerou que um modo de transformar essa situação para manter-se nos moldes do teatro espontâneo, seria o teatro terapêutico:

“Era mais fácil advogar, num teatro terapêutico, a espontaneidade integral; as imperfeições estéticas de um ator não podiam ser perdoadas, mas as inexatidões e incongruências de um paciente mental que eventualmente se exibissem no palco eram não apenas mais toleradas como esperadas, e muitas vezes, calorosamente bem-vindas.” (p. 20)

Contudo, da mesma maneira que conceitos e idéias de Moreno surgiram de sua prática, o teatro terapêutico apareceu assim, numa noite, com Moreno sendo extremamente presente na situação em que se encontrava e, aberto ao outro.

2.2.3 Caso Barbara-George: o salto para o Teatro Terapêutico

Do grupo de teatro de Moreno, havia uma atriz que se destacava por suas atuações doces, meigas e heroínas. A moça atraiu a atenção de um jovem poeta e autor teatral que passara a ser espectador assíduo do teatro. Dado um tempo, casaram-se, e continuaram a freqüentar o teatro da mesma maneira: Barbara encenando e George assistindo.

Certa vez, George desabafa com Dr. Moreno que a doce criatura, quando em casa, transforma-se num ser agressivo e “endemoninhado”(sic) chegando a esmurrá-lo. Moreno, tranqüiliza o rapaz e pede que vá ao teatro à noite, como de costume.

Nessa época, por conta do descontentamento e desconfiança da plateia sobre a veracidade da espontaneidade dos atores, Moreno havia criado o “jornal vivo”, uma técnica que consiste em dramatizar notícias do jornal do dia. Dessa forma, a plateia não estaria em dúvida sobre a veracidade da história enredada.

Naquela noite, Moreno pede à Barbara que dramatize uma notícia do jornal que narrava uma prostituta de rua sendo assassinada por um estranho.

Em cena, Barbara luta contra o assassino, pragueja e o agride até que ele encurrala a moça num canto. A cena estava tão real e emocionante que o público gritava: “Parem! Parem!” (1959a, p.53), mas o rapaz parou somente quando cumpriu com seu “assassinato”.

Barbara sai radiante do teatro naquela noite. Desde então, ela passou a representar papéis infames.

George volta a procurar Dr. Moreno no dia seguinte e este relata que o marido da atriz percebera que “*se tratava de uma terapia*” (MORENO, 1959a, p. 53).

No decorrer do processo, Moreno (1959a) relatou que George lhe dava informações diárias acerca do comportamento da esposa:

“(...) algo está acontecendo a ela. Ainda tem acessos de mau humor em casa, mas perderam a intensidade de antes. São crises mais curtas e, a meio (sic) delas, não é raro sorrir e, como ontem, recordar cenas semelhantes que representou no teatro. Ela ri e eu também rio, pois também me recordo. É como se cada um de nós visse o outro num espelho psicológico. (...) Às vezes, ela começa rindo antes de ter o acesso de mau gênio, prevendo o que vai acontecer. Finalmente, excita-se e acaba por ter o acesso, mas este carece da veemência habitual.” (p. 53).

A partir de então, Moreno, escolhe cuidadosamente os papéis que Barbara desempenhará no teatro, e com o tempo, sugere que George suba ao palco e contracene

com a esposa. Cada vez mais, as cenas se pareciam com as situações vividas em casa pelos dois. O casal representava cenas de suas histórias pessoais, de seus familiares, de seus projetos futuros, de seus sonhos. O público passara a comentar com Moreno que as cenas representadas por Barbara e George os tocavam mais que as outras assistidas. O que o levou a refletir sobre o efeito catártico que tinha a atuação, não somente sobre os atores enquanto atuantes, mas também na plateia que assistia.

Alguns meses no decorrer desse “processo terapêutico”, Barbara e George procuraram por Moreno e relataram que se encontraram um com o outro e consigo próprios. O terapeuta finaliza o caso, e como numa entrevista devolutiva conta ao leitor: “*analisei o desenvolvimento do seu psicodrama, sessão por sessão, e contei-lhes a história de sua cura.*” (MORENO, 1959a, p.54).

Dessa forma, o caso Barbara-George tornou-se um clássico na história do Psicodrama, pois é o marco da passagem do teatro espontâneo para o teatro terapêutico.

Lembrando que no teatro espontâneo há uma produção coletiva com enfoque no exercício da espontaneidade. Os atores atuam conforme suas criações espontâneas do momento. Enquanto que no teatro terapêutico, embora haja exercício de espontaneidade, há um refinamento de cena, pois o ator expõe um drama próprio no intuito de ser cuidado, como foi com Barbara. Ela passou a encenar papéis específicos que condiziam com seu modo de ser.

Mais uma vez, Moreno descobre um modo de tratamento, graças à sua entrega ao momento. Foi a partir de sua escuta à fala de George e de sua prontidão em cuidar daquilo que se mostrava, que surge o terapêutico do teatro. Retomando que o objetivo que Moreno tinha em mente era o de libertar o homem para sua espontaneidade criadora, para que houvesse transformação pessoal e social. Segundo Moreno (1984:1973):

“O teatro terapêutico emprega o veículo do teatro da espontaneidade para fins terapêuticos. A pessoa central é o paciente mental. O caráter fictício do mundo do dramaturgo é substituído pela verdadeira estrutura do mundo do paciente, seja esta real ou imaginária.” (p. 53)

Dessa maneira, o que se produz em cena é a história pessoal do ator, com o objetivo de cuidar daquilo que fora exposto pelo ator/paciente. Nesse sentido, o palco do teatro terapêutico é o lugar que acolhe o drama do o ator/paciente:

“Aqui o homem tem condições de aparecer em seu melhor lado, mas também em toda a sua miséria e em toda inferioridade.” (MORENO, 1984:1973, p.101).

Assim, seu drama é acolhido por ele mesmo enquanto atua. No caso de Barbara, por exemplo, ao vivenciar papéis doces e meigos, ela estava distante daquilo que mostrava depois em casa. Ela estava distante de seu modo próprio de ser, que, aliás, era um modo que estava atrapalhando sua vida conjugal.

Ao vivenciar papéis que condiziam com seu modo de ser, Barbara passa a encontrar-se consigo mesma no palco do teatro terapêutico.

Portanto, cuida de si mesma, acolhe sua miséria, acolhe sua agressividade, deixa ser sua agressividade, e a partir desse acolhimento, ela descobre novos sentidos para sua existência e se relaciona de modo diferente consigo mesma, por exemplo, quando, ao perceber que está ficando nervosa, lembra do que viveu no palco, e seu acesso de raiva aparece, “*mas este carece da veemência habitual*”.

Segundo o pensamento moreniano, no palco terapêutico, a atriz/paciente, libertou-se por meio de sua espontaneidade e sua “doença” fora exposta pela catarse que todo o processo causa. Portanto, a espontaneidade, produz catarse (Moreno, 1959a). Catarse que não ocorre somente na atriz, mas em todos os que assistem à cena.

2.2.4 Catarse

Catarse é purificação. Uma cena catártica é uma cena que purifica, que expurga algo, que faz algo emergir para fora, de forma que aquilo que o continha, torna-se limpo e aliviado. Segundo Moreno (1959a) Aristóteles em sua obra *Poética*, fala de uma catarse suscitada pelas cenas assistidas, dizendo que o público sente-se tocado. Nosso médico comenta que Breuer e Freud ignoraram a catarse no meio dramático proposta por Aristóteles.

No entanto, Moreno esclarece que a catarse psicodramática, produzida pela espontaneidade, atua não somente na plateia, como também no próprio ator.

Da mesma maneira, Moreno assinala que a catarse psicodramática tem por objetivo deixar vir à tona o conflito, a doença:

“O propósito é tornar a doença visível. Falando paradoxalmente, o objetivo do tratamento espontâneo não é ficar bem, é ficar doente. O paciente expulsa a doença de si próprio. A magnificação da realidade em drama liberta-o da realidade. É um processo de cura similar à injeção de vacina (*serum*) da varíola, para combater a irrupção total da doença.” (MORENO, 1984:1973, p. 99)

No processo de deixar ser, entra em contato com aquilo que lhe toca mais profundamente no momento, utilizando o exemplo de Moreno (2008:1953), sua doença, ou sua dor. A possibilidade de compreender-se aumenta quando entra em contato com a própria dor e doença.

Moreno (1953:2008) coloca que a catarse pode se expandir para além do alívio do momento, causando:

“(...) não apenas a descoberta da resolução de um conflito, mas também a descoberta do “*self*”, não apenas desabafo e cura, mas também equilíbrio e paz. Não se trata de uma catarse de ab-reação, mas de uma catarse de integração. (p. 300)

Nesse sentido, a catarse de integração aconteceria de forma a trazer não somente alívio imediato, mas uma transformação na existência da pessoa, como uma resignificação de sentidos.

2.2.5 Produção Intelectual: O Teatro da Espontaneidade

No decorrer das experiências com o teatro espontâneo e terapêutico, Moreno escreve “O Teatro da Espontaneidade”. Nessa fase, é também marcada a transição de estilo religioso para científico na escrita do autor. Moreno começa a escrever sobre suas

experiências no teatro espontâneo sob o título de “experimentos” imprimindo, assim, a marca científica em suas idéias.

2.2.6 Preparar para Partir

Ao final de seu momento Teatral e Terapêutico, Moreno entra em conflito com um colega, Kiesler, sobre a patente de um projeto de palco (MARINEAU, 1989). Antes disso, Moreno era adepto do anonimato, uma idealização que nascera em sua juventude, com um desejo religioso de doar suas invenções à humanidade, de modo que todos compartilhassem da criação. Entretanto, dadas as circunstâncias do mundo capitalista, materialista (como ele mesmo apontara), tivera que assumir a paternidade de suas criações, uma vez que descobriu que se ele não fizesse isso, alguém o faria em seu lugar.

Outro fato da mesma natureza foi a criação do aparelho gravador. Moreno reconhece a maior contribuição da criação a seu então cunhado, Franz Lörnitzo, irmão de Marianne e engenheiro. Moreno teria sonhado com mensagens gravadas e teve a idéia de criar o aparelho, pedindo ajuda ao seu cunhado. De fato, a criação se fez, virou notícia nos Estados Unidos e provocou a emigração de Moreno e Franz para apresentarem seu aparelho a uma empresa norte americana que compraria o projeto. No entanto, havia concorrentes na criação do objeto, e o projeto, nas mãos de Moreno, não teve futuro.

2.3 Sociológico e Grupal (1925 a 1941)

2.3.1 Emigração para os Estados Unidos

Viena, nem Bad Vöslau eram acolhedoras a Moreno. A perda de muitos amigos e o conflito que se fez público entre Moreno e Kiesler, o fizeram cada vez mais isolado socialmente. Atuava muito pouco como médico de família e o suicídio de um paciente o deixara perturbado. Esses acontecimentos somados à invenção do gravador estimularam sua emigração para os Estados Unidos em 1925 (MARINEAU, 1989).

Seus primeiros anos na América, mais especificamente em Nova York, foram possíveis pelo apoio financeiro que seu irmão William proporcionou. Não podia abrir uma clínica, pois não tinha documentos que validassem seu diploma de médico, falava pouco o inglês, não encontrou teatros abertos a ele.

Precisava de um certificado para exercer Medicina. Conheceu um médico que lhe oferecera a oportunidade de trabalhar com crianças no Hospital Monte Sinai. Era a oportunidade que Moreno precisava para se apresentar ao novo mundo, pois, ao exibir apresentações de seu trabalho de espontaneidade com as crianças, chamou a atenção de outros profissionais do hospital.

No hospital, conheceu Beatrice Beecher, que se interessou pelo trabalho de espontaneidade de Moreno e ofereceu casar-se com ele para que ele pudesse ter visto permanente no país. O combinado era que após 5 anos de casado, quando Moreno estivesse com seu visto, eles se separariam, foi o que aconteceu. Nasceu uma grande amizade entre os dois.

Logo, por influência de Beatrice, as portas do teatro reabriram-se para Moreno. Ele começava a apresentar seus trabalhos com espontaneidade em escolas, igrejas, universidades e, pode fundar seu teatro do improviso. Seus amigos americanos o aconselharam que não utilizasse o termo espontaneidade, preferiam ‘improviso’, e assim, Moreno adaptou-se. O local fora bem escolhido, o Carnegie Hall, região central e freqüentada pela vanguarda teatral de Nova York.

A partir disso, Moreno conhecera figuras que o introduziram nas Universidades de Columbia e Nova York. Moreno estava inserindo-se numa importante rede social na América, suas idéias e seus trabalhos passaram a interessar muitos psiquiatras, sociólogos e antropólogos.

Moreno havia produzido, ainda em Viena, com suas experimentações no teatro espontâneo, diagramas das relações interpessoais dos atores, já que tinha desenvolvido esses conhecimentos quando trabalhando com as crianças no hospital Monte Sinai, em Nova York.

Certa vez, num encontro de Psiquiatras, Moreno oferece-se para experimentar estudar as relações interpessoais no sistema penal, de forma a descobrir se seria possível e como se daria um tratamento em formato grupal nessas instituições. Foi, então, sugerido que

Moreno promovesse um projeto de pesquisa na prisão de Sing Sing (MARINEAU, 1989).

2.3.2 Presídio de Sing Sing

Moreno realizou estudo qualitativo e quantitativo dos relacionamentos interpessoais dos prisioneiros. Através de entrevistas e questionários, identificou 30 variáveis para cada prisioneiro e fez análises de suas respostas. Correlacionou as respostas de todos os prisioneiros com cada um deles individualmente. Assim, cada um dos prisioneiros era comparado com qualquer outro em várias variáveis. As comparações revelavam semelhanças, disparidades, complementaridades entre os prisioneiros. A partir dessas correlações, era possível prever como seria o relacionamento entre prisioneiro A e o prisioneiro B, por exemplo. Assim, poder-se-ia prever como seria importante para o prisioneiro A ter como companheiro de grupo, o prisioneiro B.

Dessa maneira, abria-se a possibilidade de criar comunidades sociais mais harmônicas e socialmente proveitosas dentro do presídio. Era similar a idéia que Moreno teve em Mittendorf com os refugiados, mas não chegou a realizá-la dessa forma refinada.

Após esse estudo, Moreno passou a utilizar o mesmo processo em várias outras instituições que necessitavam de classificações grupais.

Moreno apresentou os resultados da pesquisa de Sing Sing no Encontro Anual da Associação Psiquiátrica Americana, em 1932. Essa data passaria a ser um marco para a psicoterapia de grupo.

2.3.3 Escola Hudson

Após os positivos resultados em Sing Sing, Moreno foi convidado a realizar o mesmo tipo de estudo numa escola para moças em Hudson.

Em Hudson, Moreno também buscou correlações entre as moças, porém, agora, as convidou a participarem das escolhas grupais. Líderes são escolhidas e estas escolhem

integrantes de seu grupo conforme diversas variáveis. Logo, Moreno montou sociogramas, que são mapas dos relacionamentos, das internas e descreveu suas interações sociais, o que possibilitaria reunir grupos afins.

Além disso, Moreno passou a fazer uso do *role-playing*, ou treino de papéis e psicodrama, com as moças. Nessas sessões, Moreno, convidava as moças a representarem situações reais ou imaginárias e explorava os papéis que elas desempenhavam, bem como apresentava análises de suas produções para que pudessem compreender o que acontecia com elas, de uma maneira diferente. Não eram mais repreendidas e punidas, estavam experimentando, por meio das dramatizações, mostrarem-se a si mesmas e ao grupo, como elas realmente eram.

Nesse estudo Moreno desenvolveu o que havia semeado com as prostitutas de Viena. Agora, em Hudson, havia um objetivo enfático no tratamento terapêutico e sistematização de seus métodos.

2.3.4 O surgimento da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo

Moreno buscava respostas para problemas psicológicos nas interações sociais grupais. Desde seu berço em Viena, com sua filosofia do encontro, Moreno mostra a importância que dá ao outro. Para ele o homem é um ser em relação, primordialmente.

Ele cria a Sociometria, em sua forma embrionária, a partir de observações dentro do ambiente, o qual ele considerava “protegido” da Europa “materialista”, o teatro espontâneo. Foi através da criação espontânea que Moreno observou as interações sociais entre os atores. Quando chega aos Estados Unidos, um novo mundo se abre e, a ele é dado um palco para atuar livremente. Quer dizer, não tão livremente assim, pois ele teve que se adaptar à cultura americana, então, Moreno deixou seu vocabulário religioso e passou a utilizar termos científicos, deixou de viver na filosofia do anonimato e passou a patentear suas idéias, não somente patentear, mas a assumir seu caráter de produtor de conhecimento.

Seu teatro espontâneo, agora é o teatro do improviso³⁸, suas observações e experimentações, passam a ser medições e pesquisas. Para apresentar seus conceitos de Tele e Espontaneidade, os nomeia de fatores, que segundo Almeida, Gonçalves e Wolff (1988):

“(...) foi um modo irônico de confrontar-se com as teorias fatoriais da Psicologia, que concebiam a personalidade como resultante de diversos fatores, que se procurava detectar e medir.”(p. 46)

Portanto, Tele passa a ser o “Fator T” e Espontaneidade passa ser o “Fator E”.

Naffah (1997:1979) lança a suposição que talvez Moreno, ao brigar publicamente pela paternidade de suas descobertas, tenha excedido na tentativa de colocá-las no rol das ciências experimentais. No entanto, Moreno aceita, aparentemente, o modelo das ciências naturais, pois quando propõe a nomenclatura “Fator”, cede para ganhar espaço. A prova disso é o modo como ele realiza seus tratamentos psicoterápicos. Na lida com seus pacientes, Moreno não fala em Fator E, mas ele fala da existência do ser humano com o qual ele se relaciona.

Contudo, embora as mudanças que se faziam necessárias na nomenclatura psicodramática moreniana, lhe dessem um ar um tanto “materialista”, trouxeram também, por outro lado, organização e sistematização de suas idéias, e, consequentemente, maior credibilidade no meio científico. Logo, os grupos, dos quais Moreno sempre se interessou em cuidar, agora ganhariam uma terapia especial para eles: a psicoterapia de grupo e suas observações se tornariam a sociometria.

2.3.5 O Teatro Terapêutico de Beacon: uma concretização

Chegara o momento de voltar às próprias nomenclaturas, ou melhor, estilo próprio, pois os nomes permaneceram. Moreno havia alcançado prestígio em Nova York, no entanto, estava insatisfeito com seus experimentos no teatro do improviso, com atores que o

³⁸ Ainda em Viena, Moreno havia trocado o nome improviso para espontâneo, por considerar que o improviso era próprio das situações nas quais não se esperava a espontaneidade dos atores, mas sim, um modo de reagir ao esquecimento de alguma fala decorada, sem perder-se na cena (Moreno, 1973).

utilizavam mais para “estágio” para chegar a outros palcos convencionais, do que para experimentar a espontaneidade tal qual proposta por Moreno.

Concomitantemente, seus trabalhos em psiquiatria se desenvolviam, principalmente no tratamento de psicóticos. Contudo, ao tratar de psicóticos, Moreno, usualmente entrava em seus delírios de maneira a construir seus mundos imaginários. Desta maneira, Moreno precisava de liberdade para cuidar de seus pacientes de um modo próprio, sem estar restrito a regras de instituições que tenderiam a limitar suas construções psicodramáticas.

Moreno, então decide realizar um antigo sonho: ter seu próprio hospital. Como viajava para Hudson toda semana, pois continuava dirigindo pesquisas por lá, passou a enamorar as paisagens interioranas e comprou uma propriedade em Beacon, a 100 km de Nova York (MARIENAU, 1989).

Era uma casa que sediava uma escola anteriormente. Pois seu hospital seria também um centro de estudos e ensino de Psicodrama. Em 1936, foi concedido a Moreno a licença para abrir o Beacon Hill Sanatorium, que mais tarde seria o Moreno Sanatorium, em 1951.

Em Beacon Moreno pôde realizar todos os seus sonhos desde Viena: retornou ao palco como diretor, autor e ator; fez do hospital uma casa do encontro, só que desta vez, com o objetivo claro de atender e tratar de pessoas. O objetivo era terapêutico. Moreno continuava com suas pesquisas sociométricas, mas sua motivação e realização estavam no palco psicodramático psicoterapêutico.

Muitos estudantes de várias universidades do país iam a Beacon para ver e viver o psicodrama, pois era uma casa que respirava psicodrama. Era como uma comunidade terapêutica, na qual todos participavam, todos subiam ao palco, os pacientes e os funcionários, assim como Moreno e sua esposa, Zerka, eram residentes no hospital. Não havia espectadores. Era essa a intenção de Moreno, que todos participassem e fossem co-criadores, co-terapeutas e co-responsáveis uns pelos outros.

Embora diferente de sua idéia original, foi em Beacon que Moreno pôde concretizar seu antigo projeto de palco, com seus diferentes níveis.

O sanatório de Beacon era diferente do *Stegreiftheater* e do *Carnegie Hall*. Apesar de todos terem como referência a exploração da espontaneidade, em Beacon, o interesse

estava diretamente relacionado ao tratamento através do Psicodrama. Todos os pacientes eram convidados a representarem seus mundos no palco de Beacon.

2.3.6 Sociometria

Segundo Moreno (1959c) Sociometria, vem do grego socius=grupo, companheiro, e metria=metrein=medir. Portanto, Sociometria seria a medição dos grupos. No entanto, Moreno enfatiza que dessa palavra, o sociu, tem mais importância que o metrum, ou seja, que a medição.

Embora Moreno se adapte à ciência, e, portanto, fala em medição, ele deixa claro que valoriza mais a relação do homem. Relação esta que pode ser melhor compreendida através da medição.

Moreno (1959a) define Sociometria como:

“(...) o estudo da estrutura psicológica real da sociedade humana. A estrutura raramente é visível na superfície dos processos sociais; consiste em complexos padrões interpessoais que são estudados por métodos quantitativos e qualitativos. Um dos procedimentos usados é o teste sociométrico que determina as afinidades mútuas dos indivíduos nos vários grupos a que pertencem.”(p. 298, rodapé).

O objetivo da Sociometria de Moreno é descobrir formas de tratamento eficazes para grupos de indivíduos. Através do estudo e da medição das relações, conhecia-se o grupo e, a partir, desse conhecimento, se criaria um tratamento que lhe coubesse. Nesse sentido, a Sociometria pode ser vista como mais uma criação Moreno com fundamento existencial, pois não busca criar uma teoria geral dos grupos, mas pensa na singularidade de cada um, e chega perto para compreendê-la com atenção.

2.3.7 Psicoterapia de Grupo

O rio deságua no mar, voltando, a água, à sua origem.

Chegar à Psicoterapia de Grupo parece ser um caminho natural do percurso de Moreno. Seria como se após percorrer toda a sua trajetória, chegasse o momento tão esperado: o tratamento dos grupos. Ele se referia a tratamento, à cura. Moreno era um médico que queria curar a sociedade a começar pelos grupos.

“Psicoterapia de grupo é um método que trata, conscientemente, as relações interpessoais e os problemas psíquicos de vários indivíduos de um grupo dentro de um quadro científico empírico.” (MORENO, 1959c,p. 77)

Voltemos um pouco no tempo e encontramos o Moreno que tratava de grupos assim como o médico que trata de feridas:

- casa do encontro: tratava dos imigrantes;
- jardins de Viena: brincava/tratava das crianças, na verdade poderíamos dizer que com as crianças, Moreno não realizou exatamente um tratamento, mas descobriu através de sua relação com elas, o remédio que tratava e curava: a espontaneidade;
- prostitutas de Viena: tratava delas e as conscientizou de que poderiam cuidar-se umas das outras;
- Mittendorf: tratava dos refugiados, visualizava como proporcionar melhores condições de vida naquele momento para aqueles grupos;
- nascimento do psicodrama em 1º de Abril de 1921: queria encontrar um rei para a nação, queria tratar da nação desorientada;
- teatro espontâneo: queria tratar não somente dos atores, no sentido de lhes devolver a espontaneidade, como oferecia o mesmo cuidado à plateia que era convidada a produzir o enredo e a atuar;
- teatro terapêutico: além de devolver a espontaneidade dos atores e da plateia, tratava dos conflitos pessoais que apareciam no palco;
- Sing Sing: através da medição, tratar para que uns pudessem aproveitar reciprocamente de suas presenças num mesmo grupo;

-Escola Hudson: tratar das moças que poderiam reencontrá-las a si mesmas e umas com as outras em sua convivência, tornando-as mais conscientes de suas condições e modos de ser;

-Beacon: realizou-se com seu centro de estudos e clínica de tratamento psicodramático. Em Beacon havia tratamento psicológico psicodramático e ensinamentos psicodramáticos para alunos de todas as partes.

Moreno (1959c) tratava das pessoas, ele pretendia, desde sempre, promover o tratamento. Assim, define Psicoterapia de Grupo:

“Psicoterapia de grupo é, pois, uma forma especial de tratamento que se propõe, como tarefa, tratar tanto o grupo como um todo, como cada um de seus membros através da medição do grupo.(...) consiste de sessões terapêuticas, nas quais três ou mais pessoas que tomam parte esforçam-se para resolver problemas comuns.” (p.19 e 24).

E, por que Moreno escolheria tratar de grupos e não de indivíduos assim como outros médicos de sua época? Retomem-se os pensamentos de Moreno, em sua obra, “Palavras do Pai” ao perguntar-se do quão responsável seria ele mesmo por seu pai, sua irmã, seu vizinho. Sua influência religiosa re-liga as pessoas como filhos de um mesmo criador, e, portanto, estariam todos ligados uns aos outros de alguma maneira. O homem moreniano é um ser em relação, um ser criador e espontâneo. Para curar-se das conservas culturais, precisa resgatar sua espontaneidade e criatividade através da ação e na ‘com-vivência’ com os outros.

Moreno (1959b) defendia que quando a Psicoterapia era em grupo, ter-se-ia uma amostra da sociedade, e, além disso, um momento para experimentar como se relacionar, ao invés de se permanecer somente na teoria. Ele assinalou:

“Os problemas da sociedade humana tanto quanto os problemas individuais – o retrato das relações humanas, do amor e do casamento, da doença e da morte, da guerra e da paz, descrevendo o panorama do mundo em geral – pode ser apresentado agora em miniatura dentro de uma ambientação deslocada da realidade, dentro do referencial

do grupo.(...) Enquanto tratávamos o indivíduo por métodos individuais, podíamos deixá-los encontrar um teste para o êxito do tratamento no âmbito da realidade exterior. Mas agora que trouxemos o mundo todo para dentro da situação terapêutica, a adequação de seu comportamento no seio do mesmo pode ser testada segundo o referencial da própria terapia.” (p. 208)

Na situação de psicoterapia de grupo, os membros do grupo são tão terapeutas (ou até mais em determinados momentos) quanto o próprio psicoterapeuta. Os membros do grupo tornam-se agentes terapêuticos naturalmente. Estão lá na relação, e, os resultados terapêuticos aparecerão a partir das relações que se estabelecerão. Por isso ele fala que a relação pode ser “*testada segundo o referencial da própria terapia*”.

Embora tenha criado a Psicoterapia de Grupo e tratado de muitos grupos, Moreno (1959a) concebia e justificava a existência de uma Psicoterapia Individual Psicodramática³⁹:

“Entretanto, no caso de certos sujeitos e problemas, é muitas vezes necessário eliminar o público. Muitos sujeitos começam atuando com o diretor psicodramático sozinho e é durante o desenvolvimento da ação que se adiciona um ou dois egos-auxiliares.” (p. 318)

Cabe lembrar que Moreno (1959c) era habituado a trabalhar com egos-auxiliares, embora encontremos protocolos de atendimento contendo Moreno e somente um paciente.

2.3.8 *Produção Intelectual: Improptu; Quem Sobreviverá?; Sociometry Review*

³⁹ Na literatura psicodramática, encontramos a denominação psicodrama bipessoal para designar uma psicoterapia psicodramática que contenha um psicoterapeuta e um paciente, sem a presença de ego-auxiliar. Segundo Cukier (1992) essa modalidade de psicoterapia psicodramática é referida de maneira diferente entre diferentes autores: “*Psicodrama a dois para Moreno, psicodrama bipessoal para Bustos, psicoterapia da relação para Fonseca, psicoterapia psicodramática individual bipessoal para os mais rigorosos com a teoria; enfim, todas essas são formas de nomear terapias psicodramáticas individuais que não fazem uso de egos auxiliares.*” (p.17).

Em 1931, cria o periódico *Impromptu* que despertou interesse pelo teatro espontâneo apesar de terem sido publicados apenas dois volumes.

Escreveu sua importante obra *Who Shall Survive?* (Quem sobreviverá?), em 1934, quando tratou de sistematizar os fundamentos da Sociometria, bem como apresentou suas descobertas sociométricas.

Em 1937, objetivando divulgar suas descobertas sociométricas a públicos maiores, e que não couberam em *Who Shall Survive?* criou outro periódico, a *Sociometry Review* (Revista Sociométrica).

2.4 Organização e Consolidação (1942 a 1974)

2.4.1 A organização se faz necessária

Nesse período de sua vida, Moreno optaria por organizar e consolidar suas idéias como método de psicoterapia válida e aceita pela comunidade científica. Ele criou uma conserva cultural para que seu trabalho não fosse capturado por outros nomes que pudessem modificá-lo em sua essência.

A estruturação de seu trabalho iniciou-se ainda na fase anterior (3º momento), pois quando Moreno organizou e apresentou resultados de seus experimentos, surgiram, consequentemente, a Sociometria e a Psicoterapia de grupo, com esses nomes. Beacon também foi o início desse processo, uma vez que eram lá que se maninham os tratamentos tais como propostos por Moreno, sem intervenções institucionais outras, e a passagem de seus ensinamentos às próximas gerações. Portanto, o progresso de seu método pedia organização para consolidar-se.

É chegado o momento de Moreno fincar a bandeira do Psicodrama no mundo da Psicoterapia. Quanto à Sociometria, Moreno haveria de permanecer com sua obra “*Who Shall Survive? - Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e do Psicodrama*”, e não dedicaria seu afinco a ela. Sua escolha deu-se claramente para a validação do Psicodrama como um método psicoterapêutico (MARINEAU, 1989).

O sistema exigia a paternidade de suas idéias e adaptações para se fazer ver e ser aceito pelo crivo da Ciência. Nesse sentido, Moreno (1992:1971) mesmo colocou que:

“A maior praga do século XX é a adoração do ego, sua “egolatria”. O anonimato é a reação

natural contra isto. O estado natural do gênio é o anonimato. A dificuldade está, porém, no fato de o anonimato ser forma de comportamento criativo para o qual os indivíduos, raramente, estão equipados. (...) *O anonimato não tem status*; ele não é nem reconhecido nem apreciado como sinal positivo de um gênio despreocupado e ingênuo, mas é imediatamente classificado como “alienado” da realidade do homem comum.” (pp. 41-42)

Moreno, portanto, em nome do nome, escreveu nomes.

2.4.2 Criações de Associações

Juntamente com Zerka, sua última esposa, Moreno buscava associar-se a grupos já formados e fundar novas associações que mantivessem os pressupostos psicodramáticos.

Juntou-se a Sociedade Sociológica Americana e estabeleceu um seção de sociometria. No campo sociométrico Moreno encontrou seguidores nas áreas da antropologia, sociologia e psicologia social (MARINEAU, 1989).

No campo da Psiquiatria encontraria mais resistência, da própria categoria. Muitos se opunham à psicoterapia de grupo e principalmente ao psicodrama, o que, provavelmente, levou Moreno a criar uma associação separada.

Moreno empenhava-se em proteger o Psicodrama, que fazia parte de dois importantes projetos seus de vida: o teatro e a terapia.

Em 1941 foi criado o primeiro Instituto Moreno (*Moreno Institute*) em Beacon, e que realizava aprendizado formal do Psicodrama. Posteriormente foram criados outros Institutos Moreno, em Nova York e Washington, todos ligados ao primeiro, embora atuassem independentemente da Sociedade. Ao Instituto cabia “*fornecer padrões para o credenciamento e certificados de psicodramatistas e psicoterapeutas de grupo.*” (MARINEAU, 1989, p.151).

Em 1942, Moreno fundou a Sociedade de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo, dando preferência a constar primeiro a palavra Psicodrama, o que implicaria que a Psicoterapia de Grupo seria baseada no método psicodramático.

Entretanto, em 1950, a Sociedade foi incorporada à Sociedade Americana de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama (“The American Society of Group Psychotherapy and Psychodrama”), invertendo seu nome com o intuito de abarcar as terapias de grupo, e em particular o psicodrama. A Associação iniciou-se com encontros anuais e objetivava atualizar as técnicas, promover debates sobre aspectos da formação e pensar sobre a ética na psicoterapia de grupo e credenciamento de psicodramatistas.

Segundo Almeida, Gonçalves e Wolff (1988), em 1951 houve a criação do Departamento de Psicoterapia de Grupo na Associação Psiquiátrica Americana. Note-se que o departamento refere-se exclusivamente à Psicoterapia de Grupo e não mencionou o Psicodrama, o que revela a resistência ao método criado por Moreno. Cabe lembrar que o movimento de Psicoterapia de Grupo crescia em todo o país, e em especial psicanalistas como S.R. Slavson foram opositores ao Psicodrama moreniano quando o assunto era Psicoterapia de Grupo.

Marineau (1989) aponta que com relação à Psicoterapia de Grupo Psicodramática e a Psicanalista: “*Cada grupo seguiu um caminho em separado e as aproximações posteriores foram apenas superficiais.*” (p.149).

2.4.3 Produção Intelectual

Nessa fase, Moreno escreveu três importantes obras.

Psicodrama, em 1946, no qual apresentou suas idéias de Espontaneidade e relatou as origens do Psicodrama, desde sua inspiração no teatro, bem como suas técnicas;

Psicoterapia de Grupo e Psicodrama, em 1959, no qual Moreno apresenta sistematização de seu método de trabalho, históricos da psicoterapia de grupo e protocolos de atendimentos em atos psicodramáticos e processos psicoterapêuticos.

Fundamentos do Psicodrama também em 1959. Nessa obra, Moreno apresentou os fundamentos do Psicodrama, argumenta sobre a escolha de seu método e busca

convalidar o Psicodrama à *daseinsanalyse* dos fenomenólogos, ou *dasein* terapeutas, como ele mesmo se refere.

2.4.4 *Socionomia: Sociodinâmica, Sociometria e Sociatria*

Segundo Almeida, Gonçalves e Wolff (1988), a palavra Socionomia deriva “do latim *sociu* = companheiro, grupo, e do grego *nomos* = regra, lei, ocupando-se, portanto, do estudo das leis que regem o comportamento social e grupal.” (p.41). Com a intenção de organizar e estruturar suas propostas psicoterapêuticas, Moreno (1959c) apresentou a Socionomia enquanto um título geral de suas idéias:

“O conceito mais geral do sistema é a Socionomia. Ela tem três ramos: a Sociodinâmica, a Sociometria e a Sociatria.” (p.39).

Moreno, então divide a Socionomia em:

Sociodinâmica: Ciência da estrutura dos grupos sociais.

Sociometria: Mede as relações interpessoais.

Sociatria: É a terapêutica das relações interpessoais. Ou seja, enquanto a Sociodinâmica e a Sociometria estudam como funcionam e medem as relações, a Sociatria cuida, faz o tratamento de tais relações. Seria na Sociatria que Moreno encaixaria seu “xodó”, o Psicodrama.

A sociatria, por sua vez, tem 3 âmbitos de atuação: Sociodrama, Psicodrama e Psicoterapia de Grupo.

Moreno (1959a) colocou a especificação de Sociodrama: tratamento do grupo, no qual, na dramatização, o grupo todo é protagonista no sentido de que é trabalhado um conflito coletivo, ou seja, é compartilhado um drama coletivo, o sujeito seria o próprio grupo.

Moreno faria a distinção entre Psicodrama e Psicoterapia de Grupo, como sendo, o primeiro, o método de tratamento, através da ação e que poderia dar-se numa única sessão, em apenas um ato. Enquanto que a Psicoterapia de Grupo, o tratamento de grupos em processos psicoterapêuticos mais longos.

Embora Moreno tenha sistematizado as suas descobertas e criado a Socionomia, para que pudesse fazer jus ao sucesso que o Psicodrama fazia e torná-lo válido enquanto ciência, além da necessidade de oferecer material à nova geração de psicodramatistas que se aproximava, o termo consagrado e comumente utilizado dentro e fora do movimento psicodramático é Psicodrama.

Ele mesmo utilizava o termo Psicodrama para designar seu método de tratamento psicológico, note-se que os três livros que escreve nessa época, contém a palavra “Psicodrama” e na associação que criara, pretendia manter a mesma palavra em primeiro lugar. Além disso, ao propor a sistematização da Sociatria, Moreno não fala em instrumentos, etapas e técnicas do Sociodrama e da Psicoterapia de Grupo, mas sim em instrumentos, etapas e técnicas do Psicodrama, como veremos adiante.

Lembre-se que a consagração não é gratuita, ela existe porque para tratar das relações humanas, Moreno se utilizava do teatro e da terapia, tendo como resultado a palavra que levaria sua marca registrada para o reconhecimento mundial: Psicodrama⁴⁰.

2.4.5 Sistematização do Psicodrama

Moreno (1959a, 1959b e 1959c) sistematiza o Psicodrama em 5 instrumentos, 3 etapas e apresenta suas técnicas principais.

2.4.6 Instrumentos

Segundo Moreno (2002:1959a), o Psicodrama utiliza “cinco instrumentos – o palco, o sujeito ou paciente, o diretor, o *staff* de assistentes terapêuticos ou ego-auxiliares, e o público.” (p.17). Ressaltamos que ao colocar cada um dos instrumentos, o fazemos com sinônimos que foram utilizados pelo próprio autor em diferentes obras, por exemplo, Palco/Cenário.

2.4.7 Palco / Cenário

⁴⁰ Perazzo (1999) faz uma crítica inteligente, divertida e construtiva a respeito da nomenclatura “psicodramatista ou socionomista?”. A crítica encontra-se no capítulo 6 de seu livro: “Fragmentos de um Olhar Psicodramático”, Ed. Ágora. São Paulo.

O palco é o *locus*, o lugar que acolhe a dramatização. O lugar que acolhe o drama do protagonista, que pode, nesse espaço re-significar aspectos de sua existência. Pode ser já demarcado, dependendo da escolha do terapeuta/diretor, se ele já tem ou não essa disposição em seu consultório, ou pode ser simplesmente construído e determinado, pelo protagonista ou pelo terapeuta/diretor, no momento da dramatização. Moreno propunha um palco diferente do tradicional, como não podia deixar de ser. Seu palco era como uma arena, não tinha frente e costas. Ele baseou-se no palco que surgia de sua experiência nos jardins de Viena, quando contava histórias às crianças, ele estando no meio delas, e elas o rodeavam, círculos atrás de círculos. “(...) vários círculos concêntricos para os quais o céu era o limite.” (MORENO, 1984:1973, p.16).

2.4.8 Sujeito / Paciente / Ator / Protagonista

O sujeito ou paciente, é a pessoa que sobe ao palco, acompanhada do terapeuta/diretor para expor, vivenciar, revelar, seu drama. É o protagonista. A palavra protagonista vem do grego e significa aquele homem “frenético e louco.” (Moreno, p.141), é aquele que agoniza, que expõe dor e sofrimento. Mesmo que estejamos numa terapia bi- pessoal⁴¹, ou seja, terapeuta e paciente somente, este último é o protagonista, é aquele que expõe seu drama para ser cuidado. Dentro do vocabulário do teatro terapêutico, o protagonista é o ator, é aquele que atua seu próprio drama.

Cabe colocar que quando estamos em situação de sociodrama, o protagonista é o próprio grupo. Pode acontecer de surgir uma pessoa que protagonize o drama coletivo, então, temos o que Perazzo (1999) denominou de “representante grupal” e não protagonista.

2.4.9 Diretor / Terapeuta

O diretor é o dramaturgo que não cria a cena, mas a dirige e cuida do protagonista e do grupo. É também o terapeuta. O diretor deve ter uma visão global para perceber o que está fazendo enquanto diretor cênico e como vai conduzir a cena de modo que favoreça o cuidado com o exposto pelo protagonista.

⁴¹ Na linguagem psicodramática, é denominada psicoterapia psicodramática bi-pessoal aquela realizada com um paciente e um psicoterapeuta, sem uso de egos-auxiliares (CUKIER, 1992).

2.4.10 Assistente Terapêutico / Ego-Auxiliar

Assistente Terapêutico ou Ego-auxiliar é aquele que como o nome já diz, auxilia o outro. Esse auxílio pode vir do ego-auxiliar enquanto um outro terapeuta que trabalha junto com o diretor ou outro integrante do grupo.

O ego-auxiliar, colabora tanto com o diretor/terapeuta quanto com o grupo todo e o protagonista, de diversas formas: por exemplo, pode atuar papéis, vivenciando os personagens trazidos pelo protagonista, pode atuar como espelho do protagonista, pode fornecer, no compartilhar, suas impressões enquanto um terapeuta que é também, dentre outras coisas do gênero. Enfim, enquanto o diretor desenvolve uma visão global do que acontece, o ego-auxiliar pode desenvolver uma visão que parta de dentro do grupo, o ego-auxiliar é também um participante do grupo. Cabe lembrar que qualquer componente do grupo é considerado ego-auxiliar, mesmo que não seja parte do *staff* do diretor. Muitas vezes, um ego-auxiliar da plateia realiza ações de grande insight para o protagonista, pois é alguém que percebeu algo e deu voz ao que percebeu.

2.4.11 Público / Plateia / Grupo

Público, Plateia, ou simplesmente o grupo (quando psicoterapia de grupo).

Eis o quinto instrumento que compõe o método psicodramático⁴². Esse público que assiste, é também ego-auxiliar quando participa da dramatização. O público é o que constrói o continente existencial para que o protagonista sinta confiança para expor seu drama. É desse público que surgirá um protagonista, um emergente grupa. Desse grupo emergirá um drama, mas para isso acontecer, deve haver um procedimento que será explicitado a seguir.

2.4.12 Etapas do Psicodrama

⁴² Cabe lembrar que quando se trata de psicodrama bi-pessoal não temos ego-auxiliar, nem plateia, mas podemos utilizar objetos e almofadas, que é o mais comum, para marcarmos pessoas e cenários. Pode acontecer de o diretor fazer as vezes do ego-auxiliar, mas para isso, este deve estar atento para não perder sua função principal, que é a de dirigir a cena e nomear seu sentido.

Ainda em Viena, com as experiências no teatro da espontaneidade, Moreno (1973) havia convivido com a necessidade de preparar a plateia e os atores para a dramatização. Paulatinamente, durante suas experimentações ainda no teatro espontâneo de Viena, Moreno construía as etapas necessárias, de modo que no momento, as apresenta como o método psicodramático.

As 3 etapas são: aquecimento (específico e inespecífico), dramatização e compartilhar. Há uma quarta etapa, não mencionada na obra de Moreno, mas que é utilizada por psicodramatistas em contexto pedagógico, apenas para estudantes de psicodrama, que é o processamento.

- Aquecimento

Ao pensar na palavra “aquecimento”, o que vem á mente? Por que se fala em aquecer? Acima foi comentado que o público ou grupo, constrói um continente existencial para que o protagonista exponha seu drama, pois bem, o aquecimento é o momento para se construir esse continente. Qualquer tipo de matéria que passa por aquecimento, inicia um movimento, a começar pelas moléculas, quando aquecidas, movimentam-se. Esse é o primeiro objetivo do aquecimento: movimentar o grupo, pois a partir de seu início de movimento poderá emergir um representante grupal. O segundo objetivo do aquecimento é a preparação para a dramatização. Sem aquecimento não tem dramatização. A respeito da importância do aquecimento Davoli (1999) faz uma interessante analogia: “Como uma terra que se prepara para semear, em que o tipo de planta que nascerá apresentará reflexos dessa preparação.”(p.80).

Estando todos aquecidos, parte-se para a próxima etapa: a dramatização.

- Dramatização

É o momento no qual o drama, o conflito, é exposto e vivido. É o momento de criação. É o momento mágico do Psicodrama, é nele que se revelam aspectos que muitas vezes, nem mesmo o protagonista conhecia de si mesmo. É uma caixa de surpresas. O interessante é que mesmo que se dramatize uma cena já dramatizada várias vezes, ela é sempre uma cena nova, pois a cada vez que se vive a cena, é uma primeira vez. Durante a dramatização chegamos junto da pessoa, de seu existir enquanto um Dasein, um ser-aí. Não somente ouvimos o discurso do Dasein, mas assistimos e muitas vezes entramos

em seus cenários, acompanhamos suas existências. O palco torna-se o lugar das possibilidades do ser e a dramatização é o ser “sendo”.

Nesse sentido o Dasein protagonista é criador de sua própria história, e nesse momento, aquilo que ele cria já é lançado ao mundo de modo que também alimenta ao outro que tudo assiste da plateia ou participa da cena, quando na situação de grupo. A esse respeito Perazzo (1999b) aponta:

“(...) tudo aquilo que se cria, qualquer ato da existência, mesmo que aparentemente criado para si mesmo, transforma o próprio criador. Logo, a sua criação, ainda que contra a sua vontade, deixa de apenas lhe pertencer, de alguma forma chegando ao outro, mesmo que através de uma pequena ampliação de seu mundo modificado pelo seu ato criativo.” (p. 5)

Dessa forma, faz sentido que a próxima etapa da sessão psicodramática seja o compartilhar.

- Compartilhar/Análise

Eis a última etapa de uma sessão de Psicodrama. Essa etapa é essencial, pois é o momento do assentamento das emoções, do fechamento do trabalho realizado, da despedida do grupo naquele dia, do compartilhar daquilo que foi vivido. No compartilhar, à maneira tal qual proposta por Moreno (1959b) o protagonista pode ouvir o que a cena que ele expôs suscitou nos demais integrantes do grupo e, pode, assim, deixar de estar em ênfase e ver sua criação repercutindo no outro. Como apontam Aguiar & Tassinari (1999):

“O compartilhamento é parte integrante da sessão propriamente dita, caracterizado como o momento em que a experiência individual do protagonista em cena, é grupalizada, permitindo a volta do protagonista ao contexto grupal sem que continue desnudado como estava no contexto psicodramático.”(p. 113)

O compartilhar é também caracterizado pelo momento no qual o psicoterapeuta realiza suas análises, não no sentido de interpretar psicanaliticamente o ocorrido em cena, mas

no sentido mesmo de compartilhar aquilo que percebeu do vivido e assistido em cena. Moreno (1959c) analisava as cenas de seus pacientes após as dramatizações. Suas análises eram baseadas naquilo que havia sido mostrado em cena de maneira que não se encontra na literatura, Moreno fazendo interpretações no sentido psicanalítico.

- Processamento

Após o compartilhar, em caso de estudo de psicodrama, é comum que haja a quarta etapa da sessão: o processamento. Nessa etapa, faz-se uma análise intelectual do percurso, do processo da sessão. Discute-se como se deu o aquecimento, como o diretor agiu, como atuaram os ego-auxiliares, quais técnicas foram utilizadas na dramatização, etc. O objetivo é didático e de ampliação e aperfeiçoamento profissionais. Para marcar a diferença entre compartilhar e processar, Aguiar & Tassinari (1999), exemplificam: “*No compartilhamento fala-se através das vísceras; no processamento a partir do cérebro.*” (p. 114).

2.4.13 Principais Técnicas do Psicodrama

As técnicas do Psicodrama são muitas e digamos que infindáveis, pois cada psicodramatista, hoje, pode criar uma nova técnica. Moreno (1973) iniciou o psicodrama com o teatro espontâneo e seguidamente, o jornal vivo. No decorrer de seu caminho e da construção de sua teoria, vieram outras formas de dramatizar, que segundo Moreno, não foram criadas por ele, mas sim, por seus pacientes e outros gênios intelectuais. Gonçalves (1993) esclarece que a palavra técnica vem do grego *tékne* e significa:

“arte manual, indústria, exercício de um ofício, profissão, arte, habilidade para fazer alguma coisa, meio,...) Principalmente processos de uma arte ou maneiras, jeitos de fazer algo.” (p. 19)

Ou seja, técnica é o modo como se trabalha, é o processo do trabalho⁴³. Esses modos são tão infindáveis quanto as possibilidades que os pacientes podem apresentar.

⁴³ Diferente de método que é o acesso.

Por essa extensão toda é que abordar-se-ão apenas as técnicas clássicas do trabalho em Psicodrama, que são as três principais: duplo, espelho e inversão de papéis e que de alguma forma, fundamentam todas as outras.

As três principais técnicas psicodramáticas estão relacionadas às fases da Matriz de Identidade criada por Moreno (1959a). Matriz de Identidade é o local virtual e físico no qual uma pessoa nasce. O clima emocional que preenche a atmosfera daqueles que recebem a pessoa que nasce, como se dão suas primeiras relações. A Matriz de Identidade proporciona a formação social do sujeito, seja ela qual for, pode ser positiva, negativa, saudável, insalubre, inóspita, acolhedora, etc.

O importante é ressaltar que segundo Moreno (1959b) todo ser humano tem uma matriz de identidade e esta está em constante transformação, não é fixa e não determina o sujeito a viver prisioneiro em determinado padrão de comportamento, que porventura, foi absorvido em suas primeiras fases.

Parece contraditório dizer que a matriz de identidade é, primeiramente, um lugar físico e virtual que recebe um ser humano na sociedade, e em seguida, diz-se que esta tem como característica a plasticidade, estando em constante transformação.

Na realidade, Moreno (1959a) concebe um ambiente que recebe o ser humano, no entanto, todas as referências que esse ser humano tem oriundos de sua matriz podem ser re-significados no decorrer de sua existência. Não há um fato que tenha ocorrido, por exemplo, na infância de uma pessoa que não possa ser re-significado, e essa re-significação é promovida no momento da catarse no palco psicodramático, segundo a proposta moreniana.

Da mesma forma que a matriz de identidade é o lugar que recebe o ser humano na sociedade, é a partir dela que surgem os papéis que o ser humano irá desenvolver. Primeiro, apresentar-se-ão as principais técnicas do Psicodrama, e posteriormente o significado dos papéis no Psicodrama moreniano.

- Técnica do Duplo e a Primeira Fase da Matriz

Essa técnica é utilizada quando o protagonista ou mesmo outra pessoa em cena tem o que dizer, mas não consegue expressar-se. Então, o ego-auxiliar ou o diretor, fala por essa pessoa. Costuma-se sinalizar um duplo ao apoiar uma das mãos sobre o ombro da pessoa por quem se fala e dizer algo por ela. Geralmente, a pessoa concorda, mas

também pode acontecer de a pessoa não se identificar, ou por não estar preparado para expressar o que o ego-auxiliar, ou diretor captou, ou porque o ego-auxiliar, ou diretor, errou. É também possível realizar um duplo sem apoiar uma das mãos no ombro da pessoa por quem se fala. No entanto, é importante sinalizar que está sendo realizado um duplo para não haver confusões. Nesse caso, o ego-auxiliar, ou diretor, pode iniciar sua frase, por exemplo, assim: “isso que você está sentindo poderia ser algo como: eu gosto de sorvete de chocolate...”, e então fala por ele, na primeira pessoa. O objetivo dessa técnica é nomear o sentimento que a pessoa ainda não conseguiu fazer sozinha.

Nesse sentido, compreender porque essa técnica é condizente com a primeira fase da matriz de identidade, fase da identidade total, do duplo, na qual o bebê ainda é totalmente dependente de sua mãe, sua primeira ego-auxiliar, ou quem o cria, para satisfazer suas necessidades e nomear o mundo que se lhe apresenta. É a fase da indiferenciação entre eu e o mundo. A noção de “eu” ainda não existe, é tudo um todo inseparável. Por isso, alguém pode falar por mim.

- Técnica do Espelho e a Segunda Fase da Matriz

Essa técnica consiste em apresentar ao protagonista ele mesmo, como num espelho. Isso se dá através de gravação em vídeo, ou com um ego-auxiliar ou o próprio diretor reproduzindo a cena exibida pelo protagonista e este a assistindo de fora. Falar em imitação seria reduzir o brilhantismo dessa técnica, mas é um movimento mimético com o intuito de deixar que o protagonista se veja de fora, se olhe no espelho. Assim, ele pode enxergar aspectos próprios que ainda não havia percebido que existiam.

Tal técnica é embasada na segunda fase da matriz de identidade: a fase do espelho, ou do reconhecimento do outro. Nessa fase, a criança ao olhar-se no espelho, a princípio, não se reconhece, mas experimenta movimentos e aos poucos, se percebe e se reconhece como um “eu” diferente dos outros.

- Técnica da Inversão de Papéis e a Terceira Fase da Matriz

Colocar-se no lugar do outro. Muitos pacientes demoram para inverter de lugar com o outro, para conceber o outro em si mesmo. Nesses casos, o terapeuta deve acompanhar o desenvolvimento de seu paciente para poder colocá-lo na situação de inversão de forma eficaz, ou ser astuto e perceber brechas de abertura de ser, para realizá-la. Isso pode acontecer se o paciente, por exemplo, estiver bem aquecido. Na terceira fase da

matriz de identidade, a criança consegue colocar-se no lugar do outro, brinca de faz-de-conta e assume diferentes papéis.

2.4.14 O conceito de Papel

Do vocabulário do teatro, Moreno (1959a) trouxe o conceito de papel. O autor lembra que não fora o filósofo George Herbert Mead (1863-1931) o responsável por sua formulação, mas que esta teria surgido a partir de suas experimentações no teatro espontâneo (*Das Stegreiftheater*), publicado em alemão ainda em 1923.

Para Moreno (1959b) Mead estudou os papéis excelentemente, mas teoricamente sem jamais tê-los experimentado, observado ou criado qualquer forma de tratamento psicológico baseado nesses. Moreno viria a realizar estudo, desenvolvimento e tratamento psicológico baseado no conceito de papéis.

O termo papel, que em inglês é *role* deriva do latim *rotula* (Moreno, 1959b). Os textos que estariam em “rolos” seriam lidos pelos pontos aos atores gregos para que decorassem sua fala. Mais tarde, nos séculos XVI e XVII cada parte cênica seria designada papel ou *role*.

Segundo Moreno (1959a) papel é:

“(...) a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos. (p. 27)

Moreno (1959a) classificou os papéis de três formas: A) papéis psicossomáticos; B) papéis psicodramáticos e C) papéis sociais.

Os papéis psicossomáticos são relacionados às necessidades fisiológicas do ser humano: o indivíduo come, dorme, respira. Nesses momentos, a pessoa se comporta de alguma maneira, ela se comporta num modo dormindo, ou comendo, ou respirando, por exemplo.

Os papéis psicodramáticos seriam aqueles vividos pela imaginação. Eles poderiam ser concretizados no palco psicodramático, mas têm como característica fundamental serem

papéis fantasiosos: fadas, fantasmas, papéis alucinados. O indivíduo se comporta a partir de modos de ser que existem somente no mundo fantasioso.

Os papéis sociais são aqueles vividos em sociedade, o indivíduo está no mundo com os outros e para cada situação vivida, ele desempenha um papel diferente, mesmo que ele não esteja diretamente se relacionando com outra pessoa. Por exemplo, num ônibus, os que estão sentados são todos passageiros naquele momento. Uns podem até nem se olharem uns para os outros, mas estão compartilhando tacitamente de um papel social. Além do papel de “passageiros” eles estão no papel de “cidadãos” de uma localidade específica (em sua maioria, pois pode ser que existam turistas no mesmo ônibus). Nesse sentido, estamos sempre nos relacionando com os outros de alguma maneira. Para os papéis sociais existem os papéis complementares, por exemplo, o papel complementar de professor é aluno, do motorista de ônibus, é o passageiro.

No tratamento psicoterápico psicodramático os papéis sociais são profundamente observados e tratados, são eles que apresentam os modos de se relacionar com e no mundo. Segundo Moreno (1959a) o surgimento do “eu” de um ser humano surge após este ter vivenciado papéis. Desse modo “eu” só existo porque atuo de diferentes maneiras e porque o “outro” me reconhece quando me relaciono com ele.

CAPÍTULO III - O PALCO DE MEDARD BOSS

O palco no qual Medard Boss atuou será apresentado de maneira diferente da de Moreno. Não se encontra na literatura a biografia de Boss tão sistematizada quanto a de Moreno estruturada em quatro momentos.

Nos escritos de Boss não há ênfase em suas vivências pessoais, como na de Moreno, exceto na inquietude que sentia pelos modos de tratamentos dados aos pacientes decorrentes do modelo médico de sua época, que o autor relata em seus textos (2002:1978, 1979, 1997:1984).

Sua trajetória pessoal e profissional, então, é marcada pela busca de um tratamento “mais adequado” solicitada por seus pacientes. Ele coloca que sua opção pela Daseinsanalyse se deu pelas constantes solicitações de seus pacientes que não mais acreditavam em suas interpretações, sobretudo as interpretações dos sonhos⁴⁴.

Medard Boss no seu modo de ser, trouxe a Daseinsanalyse para a Psicologia, através de seus aprendizados com Martin Heidegger e esses ensinamentos serão apresentados em seu palco. Dos personagens que atuarão com Medard Boss, estão os atuais membros da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD) aqui no Brasil⁴⁵.

3.1 As buscas de Boss

Boss mostra em seus relatos que vivia na busca de um encontro autêntico com seus pacientes. Autêntico, no sentido de estabelecer relações com seus pacientes de modo a compreendê-los em suas existências. Dessa forma, assemelha-se com Moreno que também buscava encontros próximos com as pessoas.

⁴⁴ Boss produziu duas obras que tratam da questão da interpretação dos sonhos. A primeira intitulada “Os sonhos e a sua Interpretação” (1959). Nesta o autor apresenta primoroso histórico sobre a interpretação dos sonhos e idéias sobre como trabalhar com sonhos. Na segunda, “Na Noite Passada Eu Sonhei” (1979) apresenta, além de aspectos práticos, o que clarifica o leitor quanto à sua aplicabilidade, extensão dos pensamentos iniciados na primeira.

⁴⁵ Em meados dos anos 70, Medard Boss veio ao Brasil proferir palestras a convite do Prof. Solon Spanoudis. O Prof. Solon, juntamente a outros profissionais, fundaram a Associação Brasileira de Daseinsanalyse, a ABD, instituição esta filiada à International Federation of Daseinsanalysis de Zurich, na Suíça.

Ao contrário de Moreno, Boss foi procurar por Freud. Fez psicanálise didática com ele e estudou e trabalhou com Jung. Enquanto Moreno ia ao encontro de anônimos, Boss buscava referências nos pensadores que já existiam. No entanto, Boss (1997:1984) não encontrava respostas às suas perguntas:

“Não deixei de importunar professores e colegas com repetidas perguntas para que me esclarecessem sobre o que seria propriamente um pensamento e uma representação. Mas não encontrei resposta satisfatória, ainda que essas fossem noções muito comuns.” (p. 6)

Pela ausência de respostas significativas, Boss se retira da prática psicoterapêutica por um tempo (Boss, Idem). Relata ter realizado “*dois estágios de meio ano cada, um de âmbito profissional e outro de vida particular num mosteiro, ambos na Índia(...)*” (Idem, p.7). Identificando nesses estágios, a preparação que necessitaria para receber o pensamento filosófico de Martin Heidegger.

Em meios às suas buscas, Boss é escalado para prestar serviços militares durante a Segunda Guerra, assim como Moreno fora na Primeira Guerra. Então, nosso médico é retirado de seu trabalho como docente e psicoterapeuta para cuidar dos soldados (1987:2006). Nesse momento de sua vida relatou que sua relação com o tempo estava em evidência. Ele sentia tédio, o tempo não passava. Então, iniciou uma busca (novamente buscar) por livros que falassem sobre o tempo, para que ele pudesse refletir mais sobre isso.

Nota-se nessa atitude, um modo de ser que se entrega para aquilo que sente no momento. Boss vivia em suas buscas. Ao sentir o tempo, em sua forma mais vagarosa, vai em busca de conhecimento. Boss era um pesquisador. Nesse momento, ao contrário de Moreno, que era ativo num modo dramático (entenda-se drama=ação), Boss é ativo no modo estudioso. Pode-se imaginar que, nesse momento, Moreno no lugar de Boss, teria procurado não nos livros uma resposta, mas nas pessoas ao seu redor. No entanto, fazia-se necessário um modo de ser como o de Boss que pudesse traduzir para a Psicologia as idéias originais e “*inauditas*” (Boss, 1987:2006) de um filósofo mal compreendido pela maioria.

Então, dentre os livros que versavam sobre ‘tempo’, Boss depara-se com “Ser e Tempo” (Heidegger, 1927). À primeira vista, Boss relata não ter entendido nada, porém a obra o intrigara, justamente por conter idéias “*inauditas*”.

Findada a guerra, Boss escreve sua primeira carta para Heidegger que a responde de imediato, iniciando assim, uma amizade que perduraria a vida dos dois pensadores e traria um bendito (para brincar com o inaudito) benefício à Psicologia, principalmente à Psicoterapia (Heidegger, 1987:2006). Boss, então se dedica à compreensão das idéias do filósofo e a traduz para a Psicoterapia.

Boss (2002:1978) nos descreve um caso clínico no qual a paciente em tratamento o levou a questionar e rever seus métodos, levando-o a pensar de uma maneira diferente. Essa maneira diferente é através da Daseinsanalyse.

3.2 Heidegger: um existencialista intelectual

Heidegger era filósofo, não era psicoterapeuta. Ele não vinha de uma formação para cuidar, como os médicos, mas sim, para pensar. No entanto, e nesse momento vê-se coerência na filosofia de Moreno, Heidegger reconhecia a necessidade de sair dos livros, pois atuou muito na época dos seminários de Zollikon ao transmitir seus pensamentos “inauditos” e de difícil compreensão para estudantes e médicos, os verdadeiros agentes terapêuticos (do sentido de agir, atuar o tratamento).

Pensamos que Moreno não tenha refletido sobre isso, ao proclamar Heidegger um existencialista intelectual e lhe perguntando: “*Por que você deixou de lado o encontro e escreveu um livro?*”. De fato, Heidegger era um existencialista intelectual tal qual apontado por Moreno (1959b), porém, reconhecia a necessidade de ir para o mundo da vida. Contudo, quando Heidegger se propõe a viajar até Zollikon, numa frequência de seis vezes por ano (HEIDEGGER, 2001), ele se coloca á disposição do encontro.

Respeitando seu próprio modo de ser, o fez à sua própria maneira: sua relação com um agente terapêutico muito sensível e capaz: Medard Boss, que culminou em sua extensão concreta em Seminários de Zollikon. A esse respeito, Prado (2002) nos aponta:

“Heidegger sentiu que seus *insights* poderiam ter uma aplicação muito mais ampla e um alcance muito maior do que se estivessem restritos às salas dos filósofos.” (p. 41)

Não se pode saber por qual razão, Boss, em sua discussão com Moreno, não tenha apresentado esse argumento⁴⁶, embora tivesse mencionado que Moreno apresentou certo “exagero” em sua análise. Talvez não fosse relevante para o assunto que estava em pauta: a convalidação do Psicodrama à Daseinsanalyse, sendo a crítica de Moreno aos existencialistas, menos merecedora de atenção naquele momento.

No entanto, o fato de Heidegger ter optado por transmitir suas idéias de uma maneira outra que não indo às ruas experimentar suas teorias, significa que ele teve um modo próprio de fazer isso. Moreno pode ter considerado isso demasiadamente intelectual, principalmente para um homem que ia às ruas tratar das prostitutas, brincar com crianças, enfim.

Porém, Moreno e nem Boss, ao que parece, atentaram para esse fato. O fato de Medard Boss ter sido o ego-auxiliar de Martin Heidegger em sua propagação⁴⁷ ao mundo da vida (alcance psicoterapêutico). Heidegger apresenta sua ontologia e analítica do Dasein em *Ser e Tempo* (1927) e passa a trazê-la para o mundo da Psicoterapia por meio de palestras proferidas, na residência de Boss, em Zollikon, a partir de 1947, sendo compiladas e transformadas no livro “Seminários de Zollikon”(2001).

3.3 A questão do ser do Dasein

Em *Ser e Tempo* (1998:1927), Heidegger aponta que sua preocupação é questionar o “ser”. O filósofo fala da necessidade de se colocar a questão do que é o ser, pois “ser” é o conceito mais universal, “ser” é um conceito indefinível e “ser” é o conceito evidente por si mesmo:

“Todo mundo compreende: “o céu é azul”, “eu sou feliz” etc. Mas essa compreensão comum

⁴⁶ Quando aconteceu a palestra, em 1959, Boss já havia iniciado os Seminários de Zollikon em 1947.

⁴⁷ Cabe lembrar que antes de Medard Boss tornar-se o discípulo oficial de Heidegger, Binswanger havia se autodenominado Daseinsanalista. Teria sugerido acrescer ao conceito heideggeriano de “zelar”, o de amor. Entretanto, Heidegger não reconheceu a sugestão e esclareceu que Binswanger equivocara-se uma vez que o termo “zelar”, *no sentido que o entende Heidegger, não somente não exclui as diversas formas de relações afetivas, como as inclui de imediato.*”(Boss & Condrau, 1997:1976, p.25). Portanto, Binswanger havia entendido o “zelar” em nível ôntico e não ontológico. O amor, estaria incluso no “zelar” heideggeriano, já que trata-se de um existencial ontológico.

demonstra apenas a incompreensão. Revela que um enigma já está sempre inserido *a priori* em todo ater-se e ser para o ente, como ente. Esse fato de vivermos sempre numa compreensão do ser e o sentido do ser estar, ao mesmo tempo, envolto em obscuridades demonstra a necessidade de princípio de se repetir a questão sobre o sentido do “ser”. (1998:1927, p. 30)

Dessa forma, Heidegger apresenta que sua questão vai para o ser do ente. Entenda-se ente por tudo aquilo que “é”. Se uma coisa “é”, esta coisa é um ente. Para compreendermos melhor esse conceito, pensemos em tudo o que existe. Tudo o que existe é um existente⁴⁸, assim fica mais compreensível pensar que tudo o que “é”, é um ente.

Para Heidegger, o único ente capaz de interrogar pelo próprio ser, é o homem. Se o homem “é”, podemos falar dele enquanto um ente. Pois bem, o homem é o único ente que tem de lidar com sua própria existência. O único ente, dentre todos os entes, que pode compreender e perguntar pela questão do ser, é o homem, é a pre-sença⁴⁹ que, assim designada enquanto “*pura expressão de ser*”, tem de se assumir como tal, tem de se assumir enquanto um ser que existe. O homem é o ente que existe para fora, portanto, o seu existir humano será denominado Dasein.

Em Seminários de Zollikon, Heidegger esclarece: “*A palavra “Dasein” significa comumente estar presente, existência.*” (2001, p.146). O “Da”, significa o “aí”, e o “sein”, acontecendo.

O ‘Da’, enquanto aí, não significa um lugar, mas uma abertura do Dasein, portanto o ser para fora, significa o ser aberto para o que lhe vem ao encontro. A abertura essencial do existir humano que permite, a partir dela (abertura), compreender, entender, perceber tudo o que chega ao seu encontro.

⁴⁸ Esse exemplo fora apresentado em aulas de Fenomenologia, no ano de 2006, na PUC-SP, ministradas pelo professor Carlos Eduardo Carvalho Freire ao explicar conceitos heideggerianos.

⁴⁹ Em *Ser e Tempo*, Heidegger refere-se ao homem, como pre-sença: “Nós o designamos (o homem) com o termo pre-sença.”(p.38) e esclarece adiante: “(...) sua essência reside, (...) no fato de dever sempre assumir o próprio ser como seu, escolheu-se o termo pre-sença para designá-lo enquanto pura expressão de ser.” (1998:1927, p.39).

O sein, enquanto um acontecer, remete-se à temporalidade do existir humano, pois ele está “acontecendo”. Para Heidegger, o Dasein tem seu estado de abertura a partir do tempo, por isso *“deve-se mostrar e esclarecer, de modo genuíno, o tempo como horizonte de toda compreensão e interpretação do ser.”* (1998:1927, p.45). O Da-sein é, portanto, um acontecer numa abertura para o que lhe vem ao encontro, a partir do tempo.

Por conseguinte, Heidegger (2001), ao referir-se ao ser humano, fala em Dasein e não em homem: *“Mas como o homem só pode ser homem compreendendo o ser, isto é, estando na abertura do ser, o ser homem como tal é assinalado pelo fato de ele mesmo ser esta abertura à sua maneira.”* (p.147). Existir é ser para fora. Nesse sentido, o único ser existente é o homem, portanto único Dasein.

3.4 Existenciais

Para o filósofo, o Da-sein, sendo este ente para fora, lançado e aberto ao mundo, tem como essência, a sua própria existência, portanto, só pode ser estruturado a partir de existenciais. Heidegger vai chamar a interpretação das estruturas existenciais do Dasein de “analítica existencial do Dasein”.

Como todas as explicações resultantes da analítica do Dasein, surgem de suas estruturas ontológicas existenciais, Heidegger irá denominá-las *“existenciais, porque eles se determinam a partir da existencialidade.”* (1998:1927, p. 80).

A constituição básica do Dasein é então, estruturada a partir de sua existencialidade, ou de seus existenciais, que são: *“a temporalidade, a espacialidade (o ser-em), o ser-com-o-outro, a afinação, a compreensão, o cuidado, a queda, o ser-mortal.”* (Cardinalli, 2004, p.61).

O pensador distingue os âmbitos ôntico do ontológico. *“A questão da existência é um assunto ôntico da pre-sença”*, portanto, diz respeito ao Dasein enquanto seu próprio existir. Enquanto que as estruturas existenciais seriam ontológicas. As estruturas existenciais são ontológicas e orientam as questões ônticas.

Isso significa que todo ser existente enquanto Dasein (ou seja, todo ser humano) é estruturado a partir dos existenciais citados, concomitantemente.

Todo Dasein existe onticamente num modo existencial ontológico de ser-no-mundo, numa relação com o tempo, em relação com os outros (ser-com), numa determinada disposição de ânimo (afinação), com um modo de cuidar de si e do outro, como uma corporeidade, como um ser mortal. Faltando qualquer um dos existenciais, não existe mais Dasein, pois um não existe sem o outro (Boss, 1997:1984).

Heidegger (2001), então, nos lembra que os existenciais caracterizam o existir humano no nível ontológico, portanto estarão sempre presentes em qualquer Dasein. Segundo Boss & Condrau (1997:1976):

“Heidegger descreveu como “existenciálias” a abertura original ao mundo da “natureza humana”, a temporalidade do homem, sua espacialidade original, sua afinação ou seu temperamento, seu estar-com-o-outro, sua corporeidade, seu caráter mortal.” (p. 23)

Todas essas existenciálias são as características fundamentais do existir humano que constituem o Dasein, todas ao mesmo tempo.

Boss & Condrau (1997:1976) também falam do existencial denominado cuidado, ou zelar (*sorge*), como característica ontológica fundamental do homem:

“(…) “zelar” é apenas uma primeira referência ao caráter constituinte fundamental (ontológico) do existir humano. Isto simplesmente designa que este existir é um “já-no-mundo-ser” que se encontra sempre, numa relação de entendimento com o que vem ao seu encontro. (...) é o modo de ser sempre e primordialmente em relação a alguma coisa.” (p. 25)

Quando falamos em espacialidade, em ser-em, Heidegger nos fala que não se trata do Dasein estar alocado num lugar como algo dentro de outro algo, mas sim, de uma familiaridade, na qual o Dasein habita, tem familiaridade, que é ser si mesmo: “*O ente, ao qual pertence o ser-em, (...) é o ente que sempre eu mesmo sou.*”(Ser e Tempo, p.92).

Na característica de ser-em, o Dasein tem de dar conta de sua existência e de ser-si-mesmo, sendo sempre tocado por aquilo que chega junto a ele. Por exemplo, uma mesa

não é si mesma, pois não existe para fora, ela não se relaciona com aquilo que chega junto a ela. Ela não é tocada por nada, porque somente é tocado aquele que existe para fora, que pode se interrogar pela questão do ser (lembramos disso, pois para Heidegger esse é o privilégio do homem). Então, a mesa não pode ser-si-mesma.

A esse respeito, Boss (1976) nos exemplifica dizendo que quando o homem vê uma casa do outro lado da rua, ele não vê simplesmente uma casa, mas vê uma série de referências significativas que essa casa lhe traz, como habitação, como um lugar que abriga. Enfim, o autor afirma que:

“O homem pode perceber uma casa enquanto a casa da frente, unicamente porque o existir humano subentende, ocupa, ou melhor ainda, é de imediato, uma abertura transparente e estendida para o que se encontra no mundo, do mais próximo ao mais longínquo, tanto no sentido espacial quanto temporal.” (p. 27)

Nesse sentido, o autor esclarece que a presença do Dasein no mundo é determinada por esse “*ek-stare*”, por esse ser-no-mundo que é uma abertura para tudo o que lhe vem ao encontro.

Assim, chegamos àquele existencial, ou seja, a uma das características fundamentais do Dasein, que é o ser-com-o-outro, pois uma vez que o Dasein se relaciona com tudo aquilo que lhe vem ao encontro, ele “*se encontra primordialmente e sempre, co-existindo com outras pessoas.*” (p.27). Dessa forma, o Dasein é um ser sempre em relação fundamentalmente. Nessa abertura de ser, ele é sempre um ser-com, pois mesmo que exista um homem que se isole do mundo, por exemplo, ele estaria se isolando de alguém, portanto, está já numa relação de ser-com-o-outro, mesmo que esteja querendo estar sem este outro.

Aliás, o querer estar sem o outro, fala de outra característica fundamental do Dasein, que é a afinação, ou temperamento, que nada mais é do que o modo como o Dasein se relaciona com tudo aquilo que lhe vem ao encontro:

“Quando convivemos com o outro sempre nos relacionamos de uma maneira específica, como por exemplo, uma maneira amigável, dominadora, agressiva, afetuosa, provocante ou outra qualquer. Essas maneiras diferentes

da afinação ou disposição básica e própria dão o colorido ao como me relaciono com o outro.” (SPANOUDIS, 1997:1978, p. 59.)

Concomitantemente, o existir humano vive o tempo que lhe é ofertado pela sua existência, então, ele faz ou não faz aquilo que ele tem de fazer situando-se nesse tempo. Portanto, o Dasein é também sua temporalidade, e é compreendido nela não de forma isolada, como que dividido entre passado, presente e futuro. Mas numa temporalidade interligada, que segundo Cardinalli (2005):

“(...) a perspectiva daseinsanalítica não nega a influência das experiências do passado no modo de viver de alguém, mas apresenta uma nova compreensão da temporalidade quando destaca que as êxtases temporais (passado, presente e futuro) são interligadas reciprocamente e, assim, não são focalizadas como momentos isolados.” (p. 60)

Nessa temporalidade, o Dasein é também um ser-mortal, pois esse é seu destino final, seu ser-mortal é igualmente uma característica fundamental do Dasein.

Enquanto o Dasein é vivo, seu corpo não é somente um objeto, mas trata-se de uma corporeidade. Heidegger distingue duas palavras que em alemão falam do corpo de maneiras distintas. São elas o *Leib*, que especifica o corpo do homem vivo, em contrapartida a *korper*, o corpo inanimado. Portanto, a corporeidade é uma característica fundamental do existir humano, corporeidade, do alemão *Leibhaftigkeit*, enquanto essência específica do corpo do homem vivo, *Leib*. Sobre a corporeidade, Boss (1976) afirma:

“(...) a verdadeira essência da corporeidade escapa sempre e imediatamente no momento exato em que se faz uso da possibilidade de vê-la como qualquer objeto inanimado mensurável.” (p. 28)

Essas caracterizações que Heidegger apresentava encontravam abrigo na busca de Boss. Era uma nova concepção de homem que Heidegger apresentava a qual Boss era envolvido. Essa nova maneira de compreender o homem, embora apresentasse

estruturas existenciais, não selava, nem concluía o homem nelas mesmas, como esclarece Heidegger:

“É decisivo que cada fenômeno que surge na relação de analisando e analista seja discutido em sua pertinência ao paciente concreto em questão a partir de si em seu conteúdo fenomenal e não seja simples e genericamente subordinado a um existencial.” (p. 150)

Portanto, o filósofo nos alerta para que não nos prendamos nos existenciais quando estivermos na relação analista e analisando (ôntico), e sim, que nos atenhamos àquilo que se apresenta do paciente concreto, correspondendo com o método fenomenológico.

3.5 O Método Fenomenológico

Para Heidegger (1998:1927) o modo de acesso para a explicitação das estruturas ontológicas, ou seja, para a explicitação dos existenciais do Dasein é o método fenomenológico:

“As investigações que se seguem são apenas possíveis na base estabelecida por E. Husserl, cujas *Investigações Lógicas* fizeram nascer a fenomenologia. As explicitações do conceito preliminar de fenomenologia, de-monstraram que o que ela possui de essencial não é ser uma “corrente” filosófica *real*. Mais elevada do que a realidade está a possibilidade. A compreensão da fenomenologia depende unicamente de se apreendê-la como possibilidade.” (p. 70)

Isto significa que para compreender o modo como o Dasein se relaciona no mundo, com os outros, de suas determinadas maneiras, em sua relação com o tempo, com a corporeidade, o cuidado e com a morte, há que se seguir o método fenomenológico.

A partir disso, o filósofo, como de costume, nos apresenta o sentido da palavra⁵⁰ fenomenologia. Heidegger nos ensina o método fenomenológico a partir do modo como

⁵⁰ Steiner (1978) apresenta uma interessante discussão sobre a característica do método de Heidegger de argumentação, qual seja, “*a argumentação a partir e através da etimologia*”. (p.26).

ele escreve e comunica-se com o leitor, pois quando ele vai falar em fenomenologia, ele entra, mergulha na palavra, e isso é fazer fenomenologia, chegar às coisas elas mesmas e ver o que elas nos apresentam.

Então, nos aponta, o pensador, que falar em fenomenologia é falar de dois conceitos: fenômeno e logos. A palavra ‘fenômeno’, do grego, *phainastai*, significa mostrar-se, ou mais especificamente, “*o que se revela, o que se mostra em si mesmo*”. Já o conceito de ‘logos’, possui vários sentidos, sendo que o autor, escolhe como o mais apropriado, ‘logos’ como discurso que revela: “*O discurso deixa e faz ver (...) a partir daquilo sobre o que discorre.*” (1998:1927, p. 63).

Portanto, a Fenomenologia é um mostrar-se, revelar-se a partir de si mesmo, como define Heidegger em *Ser e Tempo* (1998:1927):

“(...) deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo. É este o sentido formal da pesquisa que traz o nome de fenomenologia. Com isso, porém não se faz outra coisa do que exprimir a máxima formulada anteriormente – “para as coisas elas mesmas!” (p. 65)

Heidegger argumenta que o método fenomenológico em sua analítica do Dasein, é o único caminho que pode ser percorrido para a compreensão do ser humano enquanto Dasein, pois “*fenômeno é somente o que constitui o ser, e ser é sempre ser de um ente*”. A proposta de Heidegger para uma práxis da Analítica do Dasein a partir do método fenomenológico será a Daseinsanalyse.

3.6 Daseinsanalyse

Enfim Boss encontrara descanso para suas buscas a “*sólidos fundamentos*” para exercer a Psicoterapia. Não apenas para a Psicoterapia, mas Boss iria apresentar um novo olhar para a Medicina em geral, com sua nova proposta para uma Medicina Psicossomática⁵¹ (Boss, 1979, 1997:1984). No presente estudo será enfocada a Daseinsanalyse em sua aplicação prática na Psicoterapia.

⁵¹ Seguindo os passos de seu mestre, Boss apresentará em sua obra, “Existential Foundations of Medicine and Psychology” (1979) críticas às ciências naturais, enquanto modelo da medicina tradicional.

A Daseinsanalyse, ou Análise do Dasein, é então, a Psicoterapia do ser humano visto como um ser-no-mundo. Um ser que está lançado para fora, a partir do momento em que ele é uma abertura para tudo o que lhe vier ao encontro e tem de lidar com sua existência de algum modo.

Na prática clínica, a Daseinsanalyse é baseada no método fenomenológico e, portanto, procura compreender aquilo que se mostra do existir humano, sendo este método uma maneira de compreensão do Dasein (Cardinalli, 2005):

“A Daseinsanalyse baseia-se na Fenomenologia ou método fenomenológico, tal como definido por Heidegger, isto é, como um modo de aproximação e desvelamento dos fenômenos do ser do existir humano.” (p. 56)

Boss (1997:1984) esclarece que o método fenomenológico é aquele que “*pode nos conduzir às coisas e nos fazer demorar junto à elas, enquanto elas vão clareando, até que a nossa vista lhes alcance a essência propriamente dita.*”(p.7). Quando diante de um paciente, isto significa, ouvir sua fala e ficar junto a essa fala quanto tempo for necessário para compreendê-la naquilo que ela mostra. Veremos adiante que o modo de tratar das cenas vividas no palco psicodramático, enquanto convalidado à daseinsanalyse, segue o mesmo caminho. Demorar-se na cena até compreender seu sentido.

Assim, Prado (2005) nos acrescenta sobre a psicoterapia, enquanto abordagem baseada no método fenomenológico:

“A fenomenologia se pauta pelo respeito ao modo de apresentação das coisas. Em vez de suposições, as coisas são tomadas como estão. O que interessa é a presença da coisa, o que aparece e não a “coisa em si”.” (p. 45)

Dessa forma, quando um paciente traz qualquer questão em psicoterapia, o daseinsanalista ater-se-á naquilo que o paciente mostra. E isso significa olhar para quais fenômenos o paciente está aberto e como ele se relaciona com o que se abre para ele.

Nesse sentido, a psicoterapia daseinsanalítica busca compreender como se dá a abertura essencial do Dasein, ou seja, como se dá o ser-no-mundo do paciente. Assim aponta Cardinalli (2005):

“(...) o paciente é compreendido pelo seu modo de ser-no-mundo junto com os outros num mundo compartilhado. Isto é, o foco da situação terapêutica é a maneira como determinada pessoa está se relacionando consigo mesma, com os outros e com tudo o que se apresenta em seu mundo.” (p. 58)

A partir da compreensão da maneira como o paciente se relaciona (afinação) com os outros (ser-com) e consigo mesmo, temos explicitações das possibilidades e restrições que o paciente está vivendo.

A própria relação entre analista e analisando (ser-com), na situação psicoterapêutica, é o lugar no qual o paciente pode trazer seus modos de se relacionar possíveis, de seu momento, como coloca Cardinalli (2005):

“O analista deve aceitar o outro inteiramente, da maneira como ele é, com todas as suas belezas e feiúras físicas e mentais. Todas as possibilidades do paciente devem ter uma chance de emergir e não devem considerar as idéias, desejos ou julgamentos pessoais do analista. Tal superação só pode ocorrer se o analista permitir que a sua relação com o paciente se torne um lugar no qual todas as possibilidades de relação do paciente possam se mostrar livremente para o aberto.” (p.61).

Dessa maneira, a tarefa do daseinsanalista será a de auxiliar seu paciente a perceber e desvelar suas possibilidades e acompanhá-lo de forma a oferecer, na situação psicoterapêutica, um solo seguro que o compreende, como coloca Cytrynowicz (1978):

“(...) nos encontros o psicoterapeuta deve auxiliar o paciente a desvelar suas próprias possibilidades e fortalecê-lo com o resguardo que lhe dê a suficiente segurança, confiança e coragem para assumir o risco e as incertezas inerentes à sua condição de ser-aberto.” (p.67).

Nesse sentido fica evidente o quanto o paciente, é concebido como um Dasein, um ser-aberto, suscetível a riscos e incertezas, justamente por ser aberto. Do mesmo modo, fica evidente o quanto o analista deve acolher os modos de se relacionar do paciente, que são mostrados na relação psicoterapêutica, e assim, auxiliá-lo a re-conhecer e apropriar-se desses modos.

Na Daseinsanalyse fala-se das próprias possibilidades do paciente (Boss, 1997:1984). Quando falamos em possibilidades próprias estamos também falando de verdades próprias, sobre aquilo que faz sentido na existência de cada um.

Isso quer dizer que na Daseinsanalyse não há a busca por uma verdade absoluta, pelo certo, pelo correto, mas sim, a busca pela verdade existencial de cada Dasein em seu dado momento, como uma verdade que diz respeito a um vir-a-ser, e que, portanto, está numa abertura. Pompéia (1978) fala sobre a verdade na psicoterapia daseinsanalítica:

“A verdade na Psicoterapia é apenas o que se mostra desvelado, o que se mostra de modo claro e simples na abertura que é o Homem. A verdade é um modo de presença, ou como diz a expressão grega Aletheia, no sentido em que Heidegger a compreende, o simplesmente desvelado.” (p.74).

No entanto, quando falamos em des-velar, o que queremos dizer? O que significa des-velar as próprias possibilidades do paciente? Cardinalli (2005) esclarece:

“É importante salientar que este entendimento da existência humana não considera que a experiência do paciente se mostra de forma explícita e patente, pois o existir inclui o movimento de encobrimento e de ocultamento. Assim, o terapeuta busca, no contexto terapêutico, o desvelar do sentido da experiência do paciente, que se encontra, muitas vezes, encoberto, procurando esclarecer o horizonte a partir do qual o paciente está vivendo.” (p. 59-60)

Portanto, des-velar, é tirar do estado velado, encoberto, oculto. É trazer ao des-velamento aquilo que estava velado. Esse é o sentido da verdade na Daseinsanalyse.

Desvelar as possibilidades do paciente é encontrar com ele aquilo que estava velado, aquilo que outrora estava inacessível, mas que pôde aparecer em meio ao processo psicoterapêutico. Como diria Boss (1997:1984) des-velar seria:

“(...) clarear, sair do mistério, de recôndito para o aberto e neste se exhibir.” (p.7).

Da mesma forma, não há, na Daseinsanalyse, a busca por curar o paciente de um sintoma, assim como na medicina tradicional. Tampouco pensa-se em “consertá-lo”, mas sim, compreender seu existir, compreender o sentido de se estar vivendo desta ou daquela maneira.

A cura, como diz Pompéia (2005) é pontual, elimina, destrói o sintoma, aquilo que incomoda. Na Daseinsanalyse, o analista não pretende curar seu paciente, mas sim, tratar dele, e como coloca o autor, *“Tratar é compreendido como o exercício do cuidado.”* (p. 35). Então, o Daseinsanalista cuida de seu paciente, trata daquilo que é trazido pelo paciente:

“A tarefa da terapia daseinsanalítica é libertar o paciente para a sua tarefa de se aproximar da sua história. Assim, ela não cura, naquele sentido de eliminar um mal; ela trata o paciente, com o propósito de ampliar a liberdade dele para que ele possa fazer sua a sua própria história. Não o passado, não o presente, não o futuro, não a conduta, não o sintoma, mas a totalidade da sua história: é essa a nossa referência na clínica psicológica.” (p. 42)

Pensando na psicoterapia enquanto um tratamento, Pompéia (2000) nos coloca que o processo terapêutico é então, uma procura, e acrescenta que essa palavra se abre num sentido mais original quando se lê assim: “pró-cura”: *“Terapia é pró-cura, isto é, terapia é para cuidar, uma vez que, no latim cura tem o significado de cuidar.”* (p.21).

Então o autor esclarece o sentido que dá às palavras e apresenta uma psicoterapia baseada no tratamento e na pró-cura de um sentido. O paciente quando busca terapia está à pró-cura de um sentido:

“(...) temos necessidade de descobrir um sentidoque articule as coisas que compõem a nossa vida. Às vezes o sentido ainda não foi achado, ou foiperdido. (...) A terapia é basicamente a ocasião em que alguém, com o terapeuta, procura este sentido, reaproximando-se da verdade de sua vida.” (p.19)

E a tarefa do daseinsanalista é cuidar, por meio do processo psicoterápico, dessa busca:

“No caso da terapia, aquilo que se procura não é algo que vai se dar lá no final do processo, mas algo que vai acontecendo passo a passo através do modo como ela se realiza. Esse “modo” constitui o próprio acesso ao “o quê” se procura.” (p. 22)

Quando falamos em sentido, queremos dizer daquilo que nos faz querer continuar vivendo e segundo Pompéia (2000):

“Trata-se daquele sentido que, na hora em que falta, todos sabemos de que se trata. É o sentido primário, fundamental, a que nos referimos quando perguntamos: qual o sentido de nossas vidas? Qual o sentido de estarmos aqui?” (p.27)

Portanto, a tarefa da Daseinsanalyse é cuidar da busca de sentido do paciente, para que ele possa reencontrá-lo e viver sua verdade em liberdade. Pompéia (2000) enfatiza a importância do sentido em nossa existência ao colocar que nós habitamos no sentido, fazendo uma analogia com a situação de estarmos voltando para nossa casa e de repente, não temos mais essa casa. “*E nós precisamos habitar.*” (p.29).

Para concluir, escolhemos uma citação de Spanoudis (1978) que nos faz lembrar que estamos buscando sentidos baseados na ontologia fundamental de Heidegger:

“(...) a Daseinsanalyse é um método, um caminho, primeiramente de compreensão e participação e nesse sentido livre de explicações ou formulações teóricas. A Daseinsanalyse (...) parte dos fenômenos que reencontramos todos os dias em nossa vida cotidiana. (...) Aproximarmos de tudo que se

nos apresenta para compreendê-lo e captar o seu sentido fundamental, é o caminho para o qual Martin Heidegger na sua *Ontologia Fundamental* nos convida a seguir.” (p. 62)

Assim, pode-se reconhecer a herança da filosofia que a Daseinsanalyse aplica ao tratar dos acontecimentos do existir humano.

Em Daseinsanalyse, o analista faz perguntas ao paciente sobre o ser das coisas. Essas perguntas estão sempre pautadas na questão colocada por Heidegger: “o que é o ser?”

Na situação de psicoterapia, pergunta-se ao paciente “o que é isso que você está trazendo?”

Essa pergunta convida o paciente a reencontrar aquilo que ele falou, pois assim, ele volta-se para sua própria questão e revê aquilo que lhe é próprio ao responder o que é isso que ele está trazendo. Isso não seria o retorno às coisas mesmas?

Também se pergunta “o que você sente disso que está falando?”. Assim, pode-se compreender a afinação do paciente, ou seja, como ele está disposto para isso que ele traz?

A partir das respostas que o paciente traz ao analista, é que se compõe o sentido de sua busca e que se compreende seu ser-no-mundo.

A Daseinsanalyse (assim como o Psicodrama) se propõe a tratar de qualquer pessoa, independente de uma classificação psicopatológica:

“(…) uma compreensão daseinsanalítica da constituição fundamental do existir humano, não tem como única aplicação o tratamento de indivíduos doentes, mas abre igualmente caminho para uma medicina preventiva e para uma higiene mental significativas para toda a sociedade.” (BOSS & CONDRAU, 1997:1976, p.34)

CAPÍTULO IV – COMPATIBILIDADES: MORENO E BOSS NO MESMO PALCO

“Moreno e Boss no mesmo palco”, nesse estudo, significa a atuação psicoterapêutica de ambos os autores em coexistência, sem conflito ou oposição, sem ferir a singularidade de cada uma das abordagens. Ambos apresentam uma prática psicoterapêutica que visa compreender o Dasein em sua própria verdade lhe propiciando um mundo auxiliar. Poderão aparecer citações já mencionadas noutros capítulos, o que significa que esse é o momento de serem retomadas para que se realize o objetivo desse estudo. Serão apresentadas as compatibilidades sob três pontos de vista: quanto à fenomenologia existencial, quanto à prática psicoterapêutica: englobando atendimentos clínicos de ambos os autores, bem como a concepção de cura.

4.1 Do berço comum: a fenomenologia existencial

A prática psicoterapêutica implica num modo de compreensão do Homem, num modo de acesso a esse Homem. O psicoterapeuta ao tratar de um paciente, o faz de uma maneira. Essa maneira específica chama-se método, que significa caminho.

O caminho de Moreno (1959c), ou seja, a maneira específica através da qual ele tratou de seus pacientes foi por ele denominado de “ação”:

“Psicodrama pode daí ser definido como o método que penetra a verdade da alma através da ação.” (p. 106)

Nesse sentido, o caminho percorrido por Moreno no tratamento de seus pacientes foi pela via da ação. Ao invés de somente falar sobre uma questão existencial, dramatiza-se a questão existencial. Do grego, drama = ação. Para Moreno (1959b) dramatizar é estar mais próximo da vida, e, portanto, compreende-se melhor o mundo do paciente quando se dramatiza seus conflitos.

Assim, Moreno (1959c) confere outra característica ao Psicodrama:

“O Psicodrama aproxima-se da própria vida. Quanto mais uma psicoterapia se aproxima do

encontro vivo, maior será o sucesso terapêutico.” (p.144)

Dessa forma, tem-se uma característica peculiar ao modo como a psicoterapia psicodramática funciona: próxima da vida do paciente. Até o momento identifica-se, então, ação e proximidade da vida do paciente. Aproximar-se da vida, significa chegar perto do sofrimento do paciente, junto dele mesmo e, portanto, de sua própria verdade.

Na mesma obra, Moreno (1959c) aponta para o princípio teórico do Psicodrama:

“O princípio teórico é de que o terapeuta e seus assistentes trabalham diretamente no plano da espontaneidade do paciente e dentro de seu mundo; é manifestamente sem importância para o tratamento se a “espontaneidade” do paciente for chamada de “inconsciente”. Mas é importante, entretanto, que o paciente abra, realmente, o domínio de pessoas e objetos, que preenchem seu mundo psicótico, por mais fragmentárias e confusas que possam ser suas vivências.” (p. 114)

Na citação acima, encontram-se algumas revelações morenianas. A primeira revelação é quanto ao foco estar na espontaneidade do paciente. Pelo contexto da frase, entende-se a espontaneidade como um deixar o paciente ser aquilo que ele é. Ou seja, responder às situações de sua maneira própria, espontânea e presente no momento.

A segunda revelação é sua despreocupação com um eventual termo psicanalítico, o qual é visto “sem importância”. No entanto, e tem-se aí a terceira revelação moreniana da citação, “é importante” adentrar o mundo do paciente, mesmo que este seja fragmentado e confuso, e, assim, abrir realmente o domínio de suas pessoas e objetos. Para Moreno (1959b):

“Dentro da lógica psicodramática, o fantasma do pai de Hamlet é tão real quanto o próprio Hamlet, tendo tanta permissão para viver quanto este último. Delírios e alucinações passam por uma encarnação – a corporificação no palco – e adquirem uma igualdade de *status* com as percepções sensoriais normais.” (p.209)

Nesse sentido, pode-se começar a visualizar o cenário da prática psicoterapêutica de Moreno: ação, proximidade da vida, deixar o paciente ser espontâneo, não importa de que o chame, o importante é abrir seu mundo tal como ele é. O foco é na pessoa do paciente tal como ele é para adentrar seu mundo tal como ele se mostra, e dramatizá-lo deixando vir à tona sua própria verdade.

De maneira fundamentalmente similar, Boss & Condrau (1997:1975) definem o caminho daseinsanalítico:

“O caminho ou a abordagem daseinsanalítica é de ordem fenomenológica. Em outros termos, tem essencialmente como intuito ver sem deformações aquilo que se mostra a nós de si mesmo.”(p.26)

“Ver sem deformações” pode ser entendido como ver o “fragmentado e confuso” da maneira como ele se mostra, sem considerá-lo, de antemão algo errado, ou mesmo “deformado”. Ver sem deformações é ver na forma como está. Ele é aquilo que está lá e pode ser compreendido a partir dele mesmo, ou seja, o fantasma do pai de Hamlet é real e não visto como uma “deformação” da realidade.

Retome-se agora o caminho fenomenológico existencial tal como seguido por Boss e que fora, em sua origem, definido por Heidegger (1998:1927):

“(...) deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo. É este o sentido formal da pesquisa que traz o nome de fenomenologia. Com isso, porém não se faz outra coisa do que exprimir a máxima formulada anteriormente – “para as coisas elas mesmas!” (p. 65)

Dessa forma, coexistem o método psicodramático, da maneira como coloca Moreno, e o método fenomenológico, da maneira como Boss (1997:1984) o segue:

“O mais essencial (...) que aprendi de meu mestre Martin Heidegger, foi reconhecer a necessidade de encarar com simplicidade todas as coisas a nós manifestas, como sendo os dados e fenômenos que são, e contemplá-los

de espírito recolhido⁵². Essa maneira de abordagem do que existe em nosso mundo pode ser chamada de método fenomenológico.” (p.7)

Atentar-se para o “espírito recolhido” que deixa o outro ser, poderia parecer não coexistir com a ação. No entanto, a ação é do paciente, o recolhido é do psicoterapeuta. Moreno (1959b) assinala a postura do diretor (psicoterapeuta) no psicodrama clássico:

“(…) o terapeuta principal não toma propriamente parte da produção. É mais como um maestro de uma orquestra; ele mesmo não toca instrumento algum, mas supervisiona, dirige e observa. (...) Contudo,(...)A regra psicodramática permite ao terapeuta agir aberta e diretamente”.(p. 245)

Dessa maneira, entende-se que no Psicodrama o psicoterapeuta também mantém “espírito recolhido” quando não toma parte da dramatização. Ele está distante, recolhido no sentido de observar e deixar o outro ser. Porém, está também perto, no sentido de estar presente, pois não se dirige uma cena a partir do que ela mostra sem estar por perto. O fato de não haver uma interdição, caso seja necessário o psicoterapeuta agir, é também condizente com o método fenomenológico que “deixa ver naquilo que se mostra”. Ora, se o que se mostra é uma necessidade de o terapeuta ser mais ativo, então isso poderá ocorrer.

No método de ação do Psicodrama, o psicoterapeuta, pode, quando necessário⁵³, exercer papel de ego-auxiliar e o acompanha em sua cena.

No entanto, cabe frisar que mesmo quando o paciente atua com egos-auxiliares e diretor (psicoterapeuta) diretamente, o foco da cena e da ação está a serviço do mundo trazido pelo paciente, endossando, assim, o “espírito recolhido” dos terapeutas.

Dessa forma o método fenomenológico ao modo como adotado por Boss, coexiste sem conflito, nem oposição ao método psicodramático como proposto por Moreno, e, portanto, são compatíveis.

⁵² Grifo da Autora.

⁵³ E essa necessidade só pode ser identificada singularmente no momento da relação analista/paciente.

Seguindo tal raciocínio, chega-se a conclusão de que não basta dramatizar para dizer-se psicodramático nos termos morenianos.

O Psicodrama não pode ser resumido em dramatizar cenas. Há que se interpretar a cena exposta, não no sentido da interpretação psicanalítica, que busca algo por trás do manifesto, oculto, mas no sentido de interpretar como assinala Rehfeld (2009):

“Toda afirmação é uma interpretação. Todo juízo o é. Qualquer tradução também. Cada fala inclui, necessariamente, uma leitura, uma compreensão de mundo. Não é possível a dicção do é sem alguma compreensão. Toda compreensão é uma leitura, e toda leitura, uma interpretação.” (sem página)

Interpretar é, pois, nesse sentido, compreender, entender de uma maneira. Sem interpretação não tem Psicodrama, pois do mesmo modo que em Daseinsanalyse compreende-se o sentido daquilo que é falado, no Psicodrama, há que se compreender o sentido da cena falada em atos, para, inclusive, dar seguimento à própria produção cênica.

O decorrer da cena até seu desfecho depende de uma interpretação, de um entendimento e compreensão que se faz daquilo que se mostra. Igualmente ocorre na Daseinsanalyse, quando há compreensão daquilo que aparece do paciente.

Dependendo da interpretação do terapeuta, ou seja, dependendo de como o terapeuta compreende aquilo que é mostrado do paciente, será definido o rumo da história e do tratamento.

Ao imaginar um psicanalista psicodramatista, trabalhando numa cena exposta pelo seu paciente, sua compreensão estará embasada na teoria psicanalítica, e, portanto, poderá entendê-la sob o paradigma do Complexo de Édipo, por exemplo. Ou ainda, buscar causas para a cena presente, reportando-se a cenas passadas que expliquem a presente. A direção da cena implica numa interpretação. O diretor/terapeuta pode sugerir ao paciente que se reportem ao passado dele, caso acredite que a causa da cena presente esteja num ‘trauma do passado’ e o rumo do tratamento é definido segundo essa interpretação.

Nesse sentido, o Psicodrama estaria sendo utilizado como técnica (processo) e não como um método (acesso). Como método, o Psicodrama, segundo Moreno (1959b) se caracteriza pelo adentrar o mundo do paciente e permitir que este “*abra realmente, o domínio de pessoas e objetos, que preenchem seu mundo(...)*”, por meio da ação e no momento do encontro presente entre paciente e terapeuta(s).

Sobre a interpretação do psicodramatista em comparação à interpretação do psicanalista, Moreno (1959b) pontuou:

“O âmbito de observação direta do comportamento do paciente é restrito na psicanálise, ao passo que no psicodrama é incomensuravelmente maior. O terapeuta principal tem que “interpretar”, pois não tem qualquer outra alternativa; depende de sua intuição para fazer interpretações corretas a respeito do que está se passando com o paciente. No psicodrama, o comportamento e a atuação do paciente interpretam para o terapeuta no aqui-agora; a interpretação do terapeuta vê-se reduzida ao mínimo.” (p.245)

Assim, Moreno explicita que seu entendimento de interpretação, como um fundamento teórico psicanalítico, é reduzido ao mínimo no Psicodrama. Essa interpretação seria, então, fornecida pelo próprio paciente no momento em que se relacionam, no aqui-agora.

Cabe lembrar que tanto o psicodramatista quanto o psicanalista podem reportar-se à traumas de infância, ou à cenas do passado da vida de seus pacientes. No entanto, isso somente ocorre se o próprio paciente aponta claramente para esse caminho no aqui-agora. Esse caminho não poderia ser avistado, primeiramente pelo psicoterapeuta, mas antes de tudo e de todos pelo próprio paciente. Cabe ao psicoterapeuta apenas acompanhar seu paciente de ‘espírito recolhido’ para avistar tudo aquilo que o paciente lhe mostra.

O Psicodrama, não se trata, portanto, de uma ‘ação’ qualquer. O Psicodrama de Moreno não é guiado por nenhuma teoria explicativa *a priori*. É guiado pela espontaneidade do Homem, o que não o sela em nenhuma determinação, ao contrário. A espontaneidade pode ser entendida como um modo de estar presente no mundo, pois sem

espontaneidade, não há presença autêntica. Autêntico, no sentido de estar disponível para o momento presente.

Moreno (1959b e 1959c) sugeria que psicoterapeutas de quaisquer escolas pudessem utilizar-se do Psicodrama, no entanto, o autor lembra que somente “*O tempo e novas pesquisas mostrarão se meus métodos poderão ser utilizados de maneira mais eficiente, sem que se aceite minha fundamentação teórica.*” (MORENO, 1959c, p.136)

Segundo os princípios teóricos de Moreno, que surgiram a partir de suas experiências vividas⁵⁴, interpretava, ou seja, compreendia seus pacientes, baseado naquilo que se mostrava de suas cenas; não buscava causas, apenas lidava com aquilo que aparecia do mundo do paciente, deixando este ser ele mesmo. Por vezes, Moreno poderia ter mencionado que buscava a causa dos conflitos de seus pacientes, para corrigi-los, por exemplo, numa tentativa de sanar a dor de alguém. Entretanto, ao aprofundar-se em seus protocolos clínicos, verifica-se a fidelidade ao momento presente baseado naquilo que se mostra do paciente e na ausência de tentativas de modificações do paciente. O paciente apresenta mudanças, no Psicodrama moreniano, quando esta surge dele próprio.

Boss & Condrau (1997:1975) enfatizam a compreensão do psicoterapeuta daseinsanalista em contraste com a psicanálise:

“(...) fundamentam-se sobretudo no respeito incondicional ao caráter próprio dos fenômenos do existir humano que se mostram, no aceitar e tomar a sério aquilo que são enquanto tais. Essa nova atitude do terapeuta contrasta radicalmente com a violação feita aos fenômenos pelo preconceito da psicanálise, segundo o qual a realidade verdadeira dos comportamentos consistirá em “pulsões”.”(p. 34)

Dessa forma, são pontuadas as diferenças que Moreno e Boss assinalam com relação à interpretação psicanalítica. Sendo esta última, vista como uma abordagem que não

⁵⁴ Relembrando que seus principais conceitos tais como Espontaneidade e Criatividade, Encontro, Tele, Aqui e Agora, Conserva Cultural, surgiram todos a partir de suas experiências e encontros com pessoas: Jardins de Viena, Prostitutas de Viena, Casa do Encontro, dentre outros (vide capítulo II do presente estudo).

corresponde ao modo como o Psicodrama e a Daseinsanalyse propõem um tratamento psicológico: livre de pré-conceitos.

De acordo com os apontamentos citados, o modo como o Psicodrama de Moreno e a Daseinsanalyse de Boss compreendem o paciente, são, portanto, compatíveis entre si e condizentes com o método fenomenológico:

“A fenomenologia se pauta pelo respeito ao modo de apresentação das coisas. Em vez de suposições, as coisas são tomadas como estão.” (PRADO, 2005, p.45).

4.2 Ilustrações na Prática Psicoterapêutica

Para ilustrar as compatibilidades na prática psicoterapêutica do Psicodrama de Moreno e da Daseinsanalyse de Boss, utilizar-se-á um caso clínico de cada um dos autores. O caso clínico de Moreno (1959b) será o célebre “*Psicodrama de Adolf Hitler*”⁵⁵, e o de Boss (1984:1978) será o caso clínico intitulado “*A paciente que ensinou o autor a ver e pensar de uma maneira diferente*”⁵⁶. Para contextualização, serão apresentados os resumos dos dois casos clínicos.

4.3 Resumo do “Psicodrama de Adolf Hitler”⁵⁷

Moreno estava em seu consultório quando a secretária entra e o avisa que “*há um homem lá fora. Ele quer vê-lo*”. O médico diz à secretária que está prestes a realizar uma sessão no teatro e seus alunos o aguardam, e que, portanto, não poderá atender o homem. Como o homem insiste que quer ver o médico, que tem hora marcada e recusa-se a revelar seu nome, o médico acaba por ceder e o recebe em sua sala.

⁵⁵ Esse protocolo é apresentado por Moreno (1959b) na “Quinta Palestra” de sua obra “*Fundamentos do Psicodrama*” e segundo Cukier (2002) na versão em inglês da obra *Psychodrama*. No presente estudo nos baseamos nas informações disponíveis na “Quinta Palestra”.

⁵⁶ Texto publicado, no primeiro capítulo de seu livro “*Psychoanalysis and Daseinsanalysis*”, em 1963 e mais tarde, que foi traduzido em 1978, e publicado em 2002, no caderno n.11 da Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (In: BEATRIZ CYTRYNOWICZ, M.)

⁵⁷ In: *Fundamentos do Psicodrama* (1959b), pp.207-217.

Moreno relata que o homem tem “*quarenta e poucos anos. Olhamo-nos, nossos olhares se encontram. Ele me parece conhecido. Ele me encara desafiadoramente.*” O homem pergunta ao médico: “*Você não sabe quem sou eu?*”

Moreno responde que não sabe, “*sinto muito*”.

Para surpresa do médico, o homem fala: “*Bem (rispidamente) meu nome é Adolf Hitler*”.

Nesse momento, Moreno levanta-se de sua cadeira, em seus pensamentos reconhece a semelhança entre aquele homem e Hitler, inclusive igualmente a Hitler, o homem “*dá arrepios*”.⁵⁸

O médico responde: “*Claro, agora estou reconhecendo-o.*” Moreno relata que nesse momento ele mesmo está “*agitado e incomodado*”. Convida o homem a sentar-se: “*Não gostaria de sentar-se, sr. Hitler?*”

O homem senta. O médico abre seu caderno de anotações e inicia suas perguntas, a começar pelo primeiro nome do homem. O homem responde: “*Mas você não sabe? Adolf?*”. Moreno também pergunta onde mora o homem e ele o responde aborrecido, como se o médico já devesse saber. O médico pergunta: “*Mas por que foi que me procurou?*” E o homem responde: “*Você não sabe? Ela não lhe contou?*”, e continua “*Minha esposa*”.

Nesse momento Moreno recorda-se de que há alguns meses, uma mulher o havia procurado e contado que seu marido estava “doente”, que seu nome verdadeiro era Karl, mas que ele se autodenominava “Adolf”, acreditando ser ele mesmo o Hitler. Na ocasião, Moreno sugeriu à mulher que encaminhasse seu marido até ele. Pois foi o que aconteceu.

O homem então, explica ao médico que ele é o verdadeiro Hitler e que o outro é um impostor, que o outro lhe roubou tudo o que ele tinha. Promete, por fim, a Moreno que se ele o ajudá-lo, lhe promoverá a “*chefe de todos os médicos do III Reich.*”

⁵⁸ Há que se recordar que Moreno era judeu e Hitler perseguia seu povo exatamente naquele período. Moreno estava protegido da perseguição, pois residia nos Estados Unidos.

Assim, Moreno ficou “*mais à vontade na situação*” e chamou, pelo telefone, dois egos-auxiliares em sua sala. Logo que os egos-auxiliares entram, o médico os apresentam uns aos outros da seguinte forma: “*Sr. Goering, sr. Hitler, sr. Goebbels, sr. Hitler.*”

Moreno comenta que “*É notável como o homem (que, de agora em diante, chamaremos Adolf) os aceita sem perguntas, fica feliz ao vê-los e aperta-lhes as mãos.*” O tratamento estava já iniciado. Moreno manda anunciar no teatro, que “*O Sr. Hitler deseja fazer um pronunciamento*”,

O paciente, então, avisa ao “povo alemão” (plateia, alunos e pacientes de Moreno) que retornará à Alemanha para recuperar sua coroa. Nessa primeira sessão, o paciente experimenta ser ouvido pelo seu povo, “*retorna de bote à Alemanha*” e termina numa “*cena emocionante à beira do túmulo de sua mãe*”. No decorrer do processo chegou-se, por diversas vezes, na difícil aceitação de Karl com relação a morte de sua mãe.

A partir desse momento Karl irá experienciar com o apoio de todos ao seu redor, seu ser Hitler, sua verdade Hitler. No palco psicodramático, “Hitler” fez planejamento de governo com seus ministros, reuniu-se em seu gabinete, chegando até a predizer acontecimentos que viriam acontecer no futuro com o verdadeiro Hitler, de fato.

Sua esposa havia contratado os enfermeiros egos-auxiliares que desempenhavam os papéis de Goering e Goebbels para conviverem com Karl em sua residência. Dessa forma, o mundo auxiliar estava instalado e à disposição do paciente.

Moreno comenta que nalguns momentos, chegavam a pensar que talvez ele realmente fosse o verdadeiro Hitler (Esse fato não lembra aquela dramatização do caso Barbara-George, no qual a plateia acreditou tanto na veracidade da cena que gritou: “Parem! Parem!”?). A dúvida que a plateia experimenta é sinal de que a cena está sendo experienciada de maneira profundamente verdadeira, e, portanto, espontânea.

Moreno (1959b) relatou que, no decorrer das semanas de tratamento, frequentemente o paciente apresentava no palco do teatro psicodramático seu tormento:

“Muitas vezes o víamos sozinho com sua mãe ou namorada, explodindo em lágrimas, lutando com os astrólogos por uma resposta quando ficava em dúvida, orando a Deus por ajuda, ao se sentir muito só, batendo com a cabeça na parede, temendo ficar louco antes que conseguisse alcançar sua grande vitória. Em

outros momentos representava num estado de espírito profundamente desesperado sentimentos de que havia fracassado e de que o Reich seria conquistado pelos inimigos. Num destes momentos subiu ao palco e declarou que era chegado o momento de pôr fim à sua vida.(...) Atirou em si próprio na frente da audiência.” (p. 213)

No entanto, esse episódio ocorrera em meio ao tratamento, pois embora Hitler tenha se suicidado no palco psicodramático, nessa ocasião, sua verdade ainda precisava viver mais no modo de ser Hitler.

Moreno relatou que nalgumas sessões, o paciente mostrava seu desespero ao perguntar ao médico: “*O que é que acontece comigo?*”, “*Será que esta tortura jamais terá um fim? É real ou é um sonho?*”. Moreno dizia que “*É no auge da produção psicodramática que são alcançados níveis raros de intensa reflexão.*” Embora Moreno comente sobre “intensa reflexão”, não fornece maiores detalhes de suas análises, nesse caso específico. No entanto, noutros protocolos, Moreno (1959c) apresenta muitas análises em meio aos atendimentos.

Moreno chama especial atenção para o importante papel que os ego-auxiliares desempenharam nesse tratamento. O paciente ficara muito próximo do ego-auxiliar que atuava como *Goering*, e esse vínculo fora terapêutico, pois o paciente tinha um amigo que vivia em sua realidade, e compartilhava seu mundo. Moreno relata que muitas vezes, *Karl* evitava contato direto com o médico, mantendo *Goering* seu intermediário.

Certa vez, todos esperavam por mais uma sessão no teatro terapêutico, e o paciente anuncia, através de *Goering*, que quer cortar o cabelo. O médico responde: “*Então chame o barbeiro.*”

Chega o barbeiro, corta o cabelo do paciente. O paciente olha “*asperamente para o grupo, para mim (médico), e depois para o barbeiro.*” E diz: “*Tire isto daqui!*” apontando para seu bigode. Quando o barbeiro retira todo o bigode de seu rosto, o paciente olha para todos e apontando para seu rosto exclama:

“Sumiu, sumiu, sumiu, acabou! (Começando a choramingar) Eu o perdi, perdi! Por que foi que eu fiz isso? Não deveria ter feito isso!”. (MORENO, 1959b, p. 215)

O paciente ainda demonstra apego ao modo de ser Hitler, ao chorar e questionar-se sobre sua decisão. Tal fato revela a autenticidade da cena, pois não se retira um modo de ser de maneira mágica e sem sofrimento. Assim, o sofrimento de *Karl* desse momento mostra a veracidade de seus sentimentos. No entanto, *Karl*, optou por um caminho: começa a cortar *Hitler* de sua vida.

Aos poucos, o paciente foi apresentando mudanças corporais, de postura, até que pediu que todos parassem de chamá-lo *Hitler* e lhe chamassem pelo seu nome mesmo: *Karl*.

Moreno relatou que “*O paciente realizou uma boa recuperação social, tendo retornado à terra natal alguns anos mais tarde.*”

4.4 Comentários sobre o “Psicodrama de Adolf Hitler”

Moreno, graças a sua espontaneidade, presença autêntica, ou seja, estava realmente disponível para o encontro naquele momento, mesmo tendo no começo ficado “*agitado e incomodado*”, pôde oferecer a *Karl* um mundo auxiliar, que era exatamente o que ele necessitava naquele momento de sua existência. Moreno chegou a transcender a possível indignação com a figura de *Hitler*.

É pertinente lembrar que Moreno era judeu e em Marineau (1989) confere-se algumas situações nas quais Moreno revidou violentamente atitudes anti-semitas quando ainda residia na Europa. Ao receber em seu consultório a figura de um homem que perseguia e aniquilava seu próprio povo, Moreno mostrou grandeza profissional e espiritual. Colocou de lado qualquer forma de preconceito e acolheu o desespero daquele ser humano.

Moreno percebeu, logo após o desabafo de *Karl* (como *Hitler*), seu desespero, por acreditar que havia um impostor em seu lugar. Moreno acredita na verdade do paciente, não apresentou dúvida, ironia, ou qualquer outro sentimento que desmerecesse a real crença daquele homem de que ele era realmente *Hitler* e de que o outro era um impostor.

Moreno, prontamente, assume a necessidade de *Karl*, naquele momento, “fazer um pronunciamento”. Com isso, assume a urgência dele ser ouvido, lhe fornecendo assim,

seu povo, seus companheiros políticos (Sr. Goering e Sr. Goebbels), sua própria esposa, por vezes, torna-se a esposa de *Hitler*. Enfim, o mundo ao redor de *Karl* lhe servia, lhe acolhia em sua verdade. Assim, retoma-se a definição de Moreno sobre o Psicodrama:

“Psicodrama pode daí ser definido como o método que penetra a verdade da alma através da ação.” (p. 106)

Além do método da ação, a maneira com que Moreno acolhe esse paciente é perfeitamente compatível com a postura daseinsanalítica que aceita a realidade do paciente tal como esta se mostra, sem preconceitos. Há que se lembrar do entendimento de ser-no-mundo daseinsanalítico:

“(...) ser absorvido por aquilo com o que me relaciono, ser absorvido em relação ao que está presente, ser absorvido naquilo que me diz respeito no momento. Um dedicar-se àquilo que me diz respeito.” (HEIDEGGER, 2001, p.183)

O palco psicodramático de Moreno ofereceu a possibilidade de *Karl* viver seu ser-no-mundo contando com o apoio do grupo social ao seu redor: sua esposa, o grupo terapêutico, o médico. *Karl* dedicou-se àquilo que lhe dizia respeito contando com o reconhecimento dos outros. Viveu a possibilidade de ser *Hitler* até que o sentido dessa experiência fosse desvelado naturalmente⁵⁹, e até que ele mesmo deixou *Hitler* e voltou a ser *Karl*.

Ao tomar por base o protocolo, pode-se afirmar a coerência no pensamento de Naffah (1980) quando este assume a constituição fundamental do existir humano tal como apresentada por Heidegger, no momento psicodramático:

“É a trama que se desfaz, o enredo que se revela, a verdade que, finalmente, emerge e se desdobra nas suas variações particulares. É um espaço grupal que, por fim, faz-se interioridade para realizar o encontro, a troca, a comunhão de corpos que, nessa dialética do reconhecimento de si e do outro, reencontram

⁵⁹ Por “naturalmente” entende-se que não houve um objetivo desenfreado em transformar *Hitler* em *Karl* novamente. A cura se fez como consequência do tratamento.

sua verdadeira dimensão: ser-no-mundo.” (p. 19)

Dessa forma, visualiza-se que o modo como Moreno compreendeu seu paciente foi compatível com o modo como o paciente é compreendido na Daseinsanalyse, que como assinala Cardinalli (2005):

“(...) o paciente é compreendido pelo seu modo de ser-no-mundo junto com os outros num mundo compartilhado. Isto é, o foco da situação terapêutica é a maneira como determinada pessoa está se relacionando consigo mesma, com os outros e com tudo o que se apresenta em seu mundo.” (p.58).

Moreno, ao oferecer à *Karl* um mundo auxiliar, lhe propiciou viver seu modo de ser *Hitler* com os outros. Moreno não relata, na obra consultada, uma análise racional do caso de *Karl*. Apenas deixa-o viver seu ser-no-mundo, à maneira construída por *Karl*, e que teve como ponto fundamental sua relação com os outros que reconheceram e aceitaram seu mundo tal como ele estava.

No consultório de um daseinsanalista, provavelmente não encontram-se egos-auxiliares de “plantão”. Moreno tinha uma equipe de egos-auxiliares que “respiravam” Psicodrama diariamente, portanto, o ambiente propiciava o pleno acolhimento da realidade do paciente, pleno, no sentido de ser levado às últimas conseqüências, pois Moreno tinha disponível os personagens da vida de Hitler. Seu consultório era um teatro, o teatro terapêutico.

Hoje em dia, os próprios psicodramatistas não dispõem, em sua maioria, de egos-auxiliares em seus consultórios. Ocorre que alguns trabalham com um ego-auxiliar. Quando se trata de psicoterapia de grupo, então, os próprios integrantes do grupo são também egos-auxiliares (MORENO, 1959c), e, dessa forma, podem acolher a realidade uns dos outros durante sua Psicoterapia.

No entanto, no fundamento da prática psicoterapêutica, Moreno acolheu de forma compatível à prática psicoterapêutica de Boss.

4.5 Resumo do caso clínico de Boss: “A paciente que ensinou o autor a ver e pensar de uma maneira diferente”⁶⁰

A paciente em questão é a “*Dra. Cobbling*”, assim como o autor a apresenta, uma mulher de 36 anos que fora criada de um modo bastante rígido e moralista, formação médica, diretora de um sanatório psiquiátrico que estava “*à beira de um colapso total*”, por seu modo de ser extremamente rígido e auto-disciplinado, sendo vivido por anos dessa maneira.

A primeira sugestão do terapeuta à paciente foi que ela tirasse licença do trabalho por algum tempo, dado seu estado extremo de estafa. Tão logo a paciente deixa suas atividades profissionais e seu modo de vida anterior (cheio de disciplinas e muito rígido), aparecem os primeiros sinais de “*sintomas psicóticos*”.

A paciente relatava que rostos e máscaras apareciam à sua frente, elas se pareciam com as “*senhoras idosas, rabugentas e poderosas que a tinham rodeado durante a sua juventude e que eram companheiras de sua mãe.*” Também surgiram ruídos, em sua percepção auditiva, e qualquer tipo de som a atormentava profundamente.

Após algumas semanas, a paciente “*queixou-se de que existia um murmúrio no ar de beatas.*” Elas diziam que *Dra. Cobbling* era “*ruim*”, “*uma prostituta*”. A paciente também relatou que “*sentia estar sendo perseguida por homens*”.

Certa noite, a paciente telefona para seu médico e lhe conta, murmurando, que uma invasão está para acontecer e que não poderia mais falar ao telefone, pois estaria sendo vigiada pelas beatas, então deixaria um documento contendo todas as informações sobre a invasão, na caixa de correio do analista. Para não fugir do objetivo deste estudo, dentre todo o documento que estava intitulado “*Documentos importantes altamente secretos*”, apresentar-se-á somente o parágrafo que comenta a relação existente entre analistas e pacientes:

“(…) Agora você e os outros psiquiatras estão tentando me impedir de vivenciar esta invasão. Você está dizendo que são apenas minhas forças inconscientes reprimidas; os outros me dizem para controlar minha imaginação ou perguntam quem eu penso que sou com

⁶⁰ In: Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse, n.11, pp.5-36, 2002.

minhas idéias megalomaniacas. (...) Boss ficará sabendo disso porque, embora a sua visão seja limitada, ele tem uma certa compreensão e uma predisposição para aprender, e eu sinto que nós temos certas coisas em comum.” (p. 8)

A paciente apresentava confiança em seu terapeuta, embora estivesse habituada ao modo como psiquiatras tratavam dos delírios de pacientes. Menciona, no início do parágrafo, que “*você e os outros psiquiatras estão tentando me impedir de vivenciar esta invasão*”. Moreno, muito provavelmente, deleitaria-se com essa frase, a apresentaria em seus livros e congressos, mostrando o quanto seria urgente que psiquiatras deixassem de impedir invasões de pacientes psicóticos.

Nessa fase do tratamento, Boss ainda fazia parte do grupo de psiquiatras que de fato, impediam invasões. No entanto, a própria paciente acreditava na possibilidade de seu médico aprender, pois era alguém que se dispunha ao outro.

Boss (2002:1978) relatou que no decorrer do tratamento, enquanto tentava explicar racionalmente à sua paciente, o que estava acontecendo a ela, justificando suas alucinações enquanto decorrentes de determinados movimentos dos neurônios, ou mesmo energias libidinais que estavam reprimidas em seu inconsciente, sua paciente “*simplesmente riu de suas explicações naturalistas e desdenhosamente balançou os ombros*.”(p.10).

Tratava-se de uma mulher muito inteligente, de formação médica, e por isso, ele considerava que ela poderia entender uma explicação racional e científica de sua situação. No entanto, apesar de suas explicações, a paciente lhe põe em cheque mate:

“Não venha novamente com essa tolice psicológica, tentando fazer ficção destes espiões e motociclistas, dispondo deles como meras alucinações e projeções do meu inconsciente ou qualquer outra realidade psíquica. De qualquer maneira, o que vocês, psiquiatras, sabem da realidade? Nada, absolutamente nada! (BOSS, 2002:1978, p.11).

O médico, não resistindo mais a tantos argumentos lúcidos e sensatos, resolveu reavaliar seu modo de tratamento dado aos seus pacientes. Buscou abrigo na análise do Dasein e passou a olhar a paciente para ela mesma. Direcionou seu olhar para os desenhos da paciente, que agora tomavam outra dimensão no tratamento, de modo que o terapeuta passou a atentar para as expressões que se mostravam em seus detalhes. Igualmente, o terapeuta passou a dar atenção aos conteúdos das vozes que insultavam sua paciente. Até que finalmente, o terapeuta sugeriu à paciente:

“Como seria se você permitisse a tudo que é o direito de ser, e se você se mantivesse aberta a tudo que quer vir a você,(...) Por que você não tenta desistir de toda esta luta e de defender-se de si mesma? **Deixe que os espões venham e dê a eles total poder para fazer o que desejarem, e, então, veja o que acontece.**”⁶¹,
(BOSS, 2002:1978, p.15)

Após essa sugestão, o terapeuta relatou que sua paciente “*agüentou*” os insultos das beatas, foi torturada pelos espões que perfuraram seu corpo com correntes elétricas e serraram suas pernas. Nesse período a paciente sonhou que cuidava de uma menina que sofria de meningite. Após esse sonho, figuras de meninas passaram a ocupar seus desenhos. Para o terapeuta isso era um sinal de que havia um aspecto saudável de sua paciente que estava aparecendo e lhe sugeriu que na análise, “*ela se permitisse completamente ser a pequena criança sem restrições*”.

O médico afirmou que essa permissão parecia tudo o que a paciente esperava por toda sua vida. A partir disso, *Dra. Cobbling* apresentou comportamentos infantis como chutar, gritar e chupar dedos, em casa, passou a brincar com seus excrementos. Culminando no seguinte acontecimento:

“Inesperadamente, ela trouxe uma mamadeira com leite quente adocicado para a sessão analítica. A pedido dela, o analista começou a alimentá-la com a mamadeira, quanto (sic) ela ficava deitada no divã como uma criança. Para a continuidade da terapia, **era vital permitir a sua completa e desimpedida liberdade de ação na sua “representação” infantil e,**

⁶¹ Grifo da Autora.

também aceitá-la totalmente e sem reservas, precisamente como ela se mostrava⁶².”
(BOSS, 2002:1978, p. 16)

Dessa maneira, Boss experimentava uma nova forma de tratamento à sua paciente, permitindo que ela fosse quem ela mostrava ser naquele momento de sua existência, através da ação.

No decorrer do tratamento que fora marcado por períodos de calma e grandes crises psicóticas, com ameaças de suicídio, Boss mantinha o ato de amamentá-la, sempre que a paciente solicitava. Experimentar viver seu papel infantil era o refúgio de um mundo adulto e acusador que ainda a ameaçava. Qualquer tentativa da *Dra. Cobbling* em permitir-se relacionar-se sexualmente como uma adulta, as beatas e os espões voltavam furiosos ameaçando sua existência. Assim, Boss (2002:1978) sugeriu que *Dra. Cobbling* se mantivesse ligada à sua menina:

“Talvez seja melhor se você não fizer nada nem quiser começar a fazer algo sem antes perguntar à pequena menina dentro de você se ela concorda.” (p. 24)

Ainda no decorrer do tratamento, certa vez, o terapeuta referindo-se a um sonho da paciente, lhe diz que ela não se colocava nas situações de “choque”. *Dra. Cobbling* irritou-se com Boss e lhe disse que sua vontade era gritar com ele muito alto, mas não o fazia, pois pensariam que alguém estaria sendo morto.

O médico comenta que ela sempre está preocupada com a opinião de outros e enfim, ela não agüenta sua provocação e grita com ele. Após esse grito, na sessão seguinte, a paciente desculpa-se, o terapeuta lhe lembra que a terapia é o lugar onde ela pode expressar-se e ela diz: “*Eu não me sentia tão forte e tão bem comigo mesma há décadas.*”

O médico relatou que desde o último sonho de sua paciente antes de deixar a terapia, não teve mais crises psicóticas, sendo esta observada por mais sete anos. No sonho em questão, ela iria proferir uma palestra para mulheres sobre primitivos vertebrados, mas de repente percebe que não tem sentido falar disso e começa a rir, as alunas da plateia

⁶² Grifo da autora.

também riem com ela e todas iniciam uma conversa sobre vida sexual. Foi relatado, no caso clínico, que os desenhos foram ocupando maior espaço em sua existência, e passou, além de dedicar-se mais aos desenhos, a esculpir também.

4.6 Comentários sobre o caso clínico de Boss: “A paciente que ensinou o autor a ver e pensar de uma maneira diferente”

Assim como Moreno era disponível ao momento, e a partir dessa abertura, surgiram tantas descobertas no decorrer de sua trajetória, Boss, igualmente, se mostra aberto para o outro e para descobertas metodológicas (aberto a novos caminhos).

A paciente revela, em seu “documento super secreto”, que todos os psiquiatras tinham intenção de impedi-la de “*vivenciar esta invasão*”. Não requer esforço algum imaginar o que Moreno teria feito no tratamento da *Dra. Cobbling*. No entanto, a paciente era de Boss e ele a trata ao seu modo próprio.

Boss apresenta uma maneira daseinsanalítica de psicodramatização. É uma maneira daseinsanalítica, pois está rodeada, desde seu relato, de constantes reflexões e análises. Ofereceu à sua paciente um mundo auxiliar, e sendo também seu ego-auxiliar, colocando-se acessível, disponível (ela o encontrava a qualquer hora por telefone, ele ia à sua casa) e acima de tudo, aceitando incondicionalmente seu modo de ser tal como este se mostrava.

Boss ao seu próprio estilo sugeriu à paciente que deixasse vir os espiões, afinal, ele liberava a invasão. Há que se retomar o que Moreno (1959b) assinalou sobre a corporificação dos delírios:

“Delírios e alucinações passam por uma encarnação – a corporificação no palco – e adquirem uma igualdade de *status* com as percepções sensoriais normais.” (p. 209)

A sugestão de Boss não era exatamente a corporificação tal como colocada por Moreno. Entretanto, ao encorajar sua paciente a deixar que os “espiões” se manifestassem, ele abria a possibilidade disso acontecer, e de fato, a paciente percebe tanto os “espiões” quanto as beatas, muito mais presentes em sua existência, tendo, inclusive, se percebido sendo torturada por eles.

O simples fato de Boss sugerir que a paciente deixe que os “espiões” se manifestem, já revela compatibilidade com o modo semelhante com o qual Moreno lida com seus pacientes, segundo método psicodramático. Moreno também deixou que *Hitler* se manifestasse livremente.

A partir da disponibilidade do terapeuta bem como de sua aceitação quanto às necessidades da paciente de experienciar concretamente seu modo de ser infantil, esta pôde viver espontaneamente, nos termos morenianos. De acordo com Moreno (1959a):

“A raiz da palavra “espontâneo” e seus derivativos é o latim *sponte*, que significa de livre vontade.(...) a espontaneidade tem a tendência inerente para ser experimentada pelo indivíduo pelo seu estado próprio, autônomo e livre (...)”. (p. 463)

Assim, “*Dra Cobbling*” experimentou seu estado próprio, espontâneo e criador. Ao final do tratamento apresentava criações próprias, como desenhos, sendo estes últimos tomados com mais seriedade quanto aos apresentados no decorrer do processo psicoterapêutico, além de surgirem também, esculturas. Moreno (1959c) comenta o alcance terapêutico da espontaneidade, quando esta é atingida:

“É necessário insistir, mais particularmente, sobre o fato de que a espontaneidade não se limita, no psicodrama, ao domínio verbal, mas que afeta todas as outras dimensões do diálogo, da ação, das relações interpessoais da expressão artística: dança, canto, pintura. (p. 331)

Nesse sentido, *Dra. Cobbling* experimentava ser espontânea e criadora. Além de seus desenhos e suas esculturas, criava também uma criança. Interessante lembrar nesse momento da relação direta que Moreno estabeleceu com a espontaneidade e as crianças dos jardins de Viena. O termo criatividade tem a mesma raiz que criança (MORENO, 1959a). *Dra. Cobbling* vivia, de alguma maneira, à luz da teoria moreniana no tratamento daseinsanalítico.

Assumi sua necessidade em ser uma criança para defender-se de um mundo adulto ameaçador. A criança surgiu espontaneamente, primeiro, em sonho, e depois nos

desenhos, até que ela a corporificou, culminando nos episódios de gritos, chupar dedos, e o da necessidade de ser alimentada por mamadeira.

Boss sugere que ela não enfrente as beatas e os espiões, mas sim, relacione-se bem com sua menina, deixando que ela (a menina) a oriente em suas decisões. Assim, o psicoterapeuta lhe apresenta um modo de viver sua realidade mais protegida, de forma a salvar sua vida de um possível suicídio. Se pensar-se numa linha do tempo cronológica, o médico a estava colocando mais próxima do nascimento do que da morte que a ameaçou tantas vezes.

Quando Boss provoca sua paciente até que ela grite, assim como ela desejava, mas não o fazia por decoro social, está em ação uma catarse de integração moreniana. A paciente relatou na sessão seguinte ao grito que se sentia bem e forte como há muito tempo não ousava sentir. Segundo Moreno (1959c) quando ocorre catarse de integração:

“Seu próprio eu tem a oportunidade de se reencontrar e se reordenar; de reestruturar os elementos dispersos por forças malignas, de com eles formar um conjunto e, com isso, ganhar um sentimento de força e alívio, uma catarse de integração, de purificação pela complementação. Pode bem dizer que o Psicodrama enriquece o paciente com uma experiência nova e alargada da realidade, uma “realidade suplementar””(p.113)

Dessa maneira, *Dra. Cobbling* pôde experimentar com seu terapeuta daseinsanalista novas possibilidades de ser em diferentes papéis psicodramáticos. Como criança era alimentada por um cuidador (seu papel complementar). Como alguém que grita, a paciente experimentou ser grosseira, mal-educada, comportamentos estes que nunca lhe foram permitidos serem vividos, uma vez que ela fora criada num mundo caracterizado pela rigidez e exagerada auto-disciplina. Da mesma maneira, a paciente pôde, logo no início do tratamento experimentar o papel de quem se desliga das atividades profissionais, algo que jamais experimentara antes da psicoterapia.

À paciente foi dada a oportunidade de se apresentar em seu modo mais próprio, com crises psicóticas agudas até exposições de fantasias sexuais. Segundo Moreno (1973) é propiciado pelo palco do teatro terapêutico que o paciente apresente seus aspectos

socialmente aceitáveis e os não aceitáveis, de modo que no palco psicodramático independente de qualquer juízo, o paciente seja acolhido:

“Aqui o homem tem condições de aparecer em seu melhor lado, mas também em toda a sua miséria e em toda inferioridade.” (p.101)

Em conformidade a esse pensamento moreniano, na Daseinsanalyse encontra-se também referência ao modo como ao paciente é permitido mostrar-se tal como ele é:

“O analista deve aceitar o outro inteiramente, da maneira como ele é, com todas as suas belezas e feiúras físicas e mentais. Todas as possibilidades do paciente devem ter uma chance de emergir e não devem considerar as idéias, desejos ou julgamentos pessoais do analista. Tal superação só pode ocorrer se o analista permitir que a sua relação com o paciente se torne um lugar no qual todas as possibilidades de relação do paciente possam se mostrar livremente para o aberto.” (CARDINALLI, 2005, p.61).

De formas próprias, singulares, mas compatíveis, Moreno acolheu o “*Sr. Hitler*”, e Boss acolheu a “*Dra. Cobbling menina*”, com suas belezas e feiúras, misérias e inferioridades e também, com o melhor lado de cada um. Proporcionaram aos seus pacientes viverem espontaneamente suas verdades existenciais da maneira como elas tinham de ser.

4.7 A Cura na Prática Psicoterapêutica

Foram ilustrados um caso clínico de cada um dos autores estudados nessa pesquisa. Ambos os tratamentos chegaram à cura de seus pacientes. Obviamente não fosse a complexidade do caso e seu sucesso terapêutico, não haveriam de torna-se protocolo e artigo.

Embora os casos apresentados mostrem sucesso psicoterapêutico, o que significa cura, é importante esclarecer sobre a concepção de cura em cada uma das abordagens. Afinal, tanto o Psicodrama quanto a Daseinsanalyse fazem parte do movimento filosófico contrário ao positivismo científico natural, e, portanto, apresentaram, no âmbito da prática psicoterapêutica, uma nova forma de compreensão do existir humano.

A nova forma de tratamento proposta pelo Psicodrama e pela Daseinsanalyse não objetiva prioritariamente a cura do paciente, mas sobretudo sua compreensão, pois não se concebe um ser humano “errado” precisando ser “consertado”, e, portanto, curado.

Ambos os psicoterapeutas não apresentaram, no decorrer de seus casos clínicos, nenhuma inquietação quanto à “resolver a questão”, ou “acabar com o sintoma”, por exemplo. Os objetivos da psicoterapia psicodramática e da psicoterapia daseinsanalítica, bem como suas concepções de cura, são compatíveis, uma vez que não objetivam curar antes de deixar ser aquilo que tem que ser.

O objetivo na psicoterapia psicodramática é resgatar a espontaneidade através da catarse de integração, que em termos morenianos é “dramatizar para desdramatizar”.

Deixar o paciente cômico de seus papéis sociais e descrystalizá-los, conhecendo, assim, novos modos de ser. Para que o paciente possa reencontrar sua espontaneidade, que é entendida como um modo de ser aberto e disponível ao momento, já que busca a resposta adequada (segundo a própria pessoa) para uma nova situação e uma resposta nova para uma situação antiga, há que se deixar a pessoa ser quem ela realmente é.

Dessa forma, na psicoterapia psicodramática não há intenção de curar o paciente, mas sim de deixá-lo viver sua existência da maneira que ele necessita no momento, lhe fornecendo:

“(...) a todas as formas de comportamento patológico um mundo *sui generis*, simplesmente ao dar ao venerável teatro uma conotação psiquiátrica na forma do drama terapêutico; (...) dando a todas as formas de existência subjetiva, inclusive a profética e a desviante, um lugar onde possam realizar-se e **talvez transformar-se**⁶³, sem sofrer os obstáculos representados pelas restrições da cultura oficial.(...)” (MORENO, 1959b, p.230).

No tratamento da *Dra Cobbling*, o médico Boss resgata sua espontaneidade a partir do momento em que a ela fora permitido ser o que ela precisava ser. A paciente precisava viver seu ser infantil para poder reencontrar-se a si mesma. A verdade dela era essa. Ao

⁶³ Grifo da Autora.

dramatizar, ou seja, ao assumir seu papel infantil pôde experimentar desdramatizar seu drama (aqui no sentido de sofrimento) e conhecer uma nova possibilidade de ser.

O papel que *Dra. Cobbling* vivia em sua forma cristalizada era o de uma mulher rígida e exageradamente auto-disciplinada, que encontra seu outro lado numa criança, que necessita ser amamentada ainda.

No tratamento de *Karl*, Moreno permitiu instantaneamente que ele vivesse seu delírio, sem restrições, possibilitando ao paciente o resgate de sua espontaneidade. O papel cristalizado de *Karl* era o próprio *Hitler*, pois ele o havia corporificado intensamente, sem conseguir viver qualquer outro papel até que aconteceu seu tratamento. Ao viver espontaneamente seu papel de *Hitler*, o paciente chegou ao âmago de seu sofrimento e miséria existencial, até descristalizar-se e reencontrar-se a si mesmo.

Retomando os embriões dos tratamentos psicológicos de Moreno, tem-se o trabalho com as “prostitutas de Viena”, num modo de atendimento psicoterapêutico indireto, mas que fora uma semente que continha a essência a ser desenvolvida posteriormente. Moreno (1959c) esclarece que seu objetivo com as prostitutas não era “analisá-las” nem “reformá-las”, e sim, compreender o modo como viviam para auxiliá-las em suas existências, no sentido de conscientizá-las de sua principal condição: humana.

Do mesmo modo, na Daseisanalyse não há objetivo focado na cura. Ao pautar-se pelo respeito ao modo como as coisas se apresentam não pode objetivar cegamente a cura do paciente. Na realidade, o objetivo sempre é, antes de curar, compreender, e então, a cura pode acontecer.

A questão é que se o foco do tratamento fosse a cura, se estaria ainda no modelo científico natural, no qual as coisas têm um destino certo e perder-se-ia daquilo que se mostra. Estar sob o paradigma fenomenológico existencial, implica em não buscar a cura, pois ela só é válida quando se mostra. Se ela (a cura) não se mostra, é porque ela ainda não existe, pois tudo o que existe, se mostra. Assim, Pompéia (2005) esclarece:

“A tarefa da terapia daseinsanalítica é libertar o paciente para a sua tarefa de se aproximar da sua história. Assim, ela não cura, naquele sentido de eliminar um mal; ela trata o paciente, com o propósito de ampliar a liberdade dele para que ele possa fazer sua própria história. Não o passado, não o presente, não o futuro, não a conduta, não o

sintoma, mas a totalidade da sua história: é essa a nossa referência na clínica psicológica.”
(p.42)

Nesse sentido, a referência na clínica psicológica da *daseinsanalítica* e *psicodramática*, buscam, cada uma a seu modo, compreender o mundo do paciente a partir daquilo que ele mostra ser sua verdade. Embora o *Psicodrama* tenha seu método próprio, e a *Daseinsanalyse* também tenha o seu, ambas foram apresentadas em suas compatibilidades, e portanto, em suas possibilidades de serem utilizadas na prática psicoterapêutica de maneira integrada numa coexistência ausente de conflitos.

CAPÍTULO V – CONCLUSÕES

Ao retomar a proposta do presente trabalho que fora apresentar compatibilidades entre o Psicodrama de Jacob Levy Moreno e a Daseinsanalyse de Medard Boss na prática psicoterapêutica, considera-se que o objetivo foi cumprido.

No processo do estudo, a identificação da postura fenomenológica de Moreno desde sua juventude nos jardins de Viena, apontava que a pesquisa caminhava numa direção coerente. Além disso, nas leituras, foram se esclarecendo as estratégias que Moreno utilizou para alocar o Psicodrama na comunidade científica, criando termos oriundos do positivismo, como “Fator Tele”, por exemplo.

Moreno não defendia veementemente sua nomenclatura, por exemplo, quando no *Carnegie Hall* voltou a utilizar o termo “teatro do improvisado”, o qual havia banido ainda na Europa, por acreditar que o “improvisado” não estava relacionado ao teatro terapêutico. No entanto, Moreno buscava adaptar-se à nomenclatura reinante para conquistar espaço no mundo que o recebia. Tais adaptações, por vezes, podem confundir o leitor menos atento, trazendo equívocos na compreensão de sua base epistemológica fenomenológica.

Concluiu-se que uma leitura sistemática da obra de Moreno pode evitar desentendimentos quanto à sua postura filosófica, principalmente no âmbito da prática psicoterapêutica.

Foram identificados aspectos daseinsanalíticos no tratamento de Moreno dado ao seu paciente *Karl*. Do mesmo modo, foram identificados aspectos psicodramáticos em Boss quando este tratou da *Dra. Cobbling*. A partir das identificações apontadas entre as duas abordagens, em suas práticas psicoterapêuticas, concluiu-se que pode haver coexistência entre elas, sem conflito ou oposição, portanto são ambas compatíveis.

É importante ressaltar que quando identifica-se em Moreno um daseinsanalista, e apresentam-se citações que levaram a pesquisadora a essa denominação, há também o reconhecimento de que Moreno é um daseinsanalista de um modo próprio. Seu estilo pessoal não é o de uma pessoa que se demora nas reflexões filosóficas, embora tenha

registrado em seus protocolos análises psicológicas que tinham, em seus fundamentos a atitude fenomenológica existencial.

É igualmente importante lembrar que o mesmo processo se deu ao denominar Boss um psicodramatista. Boss o foi ao seu estilo característico: cuidadoso e corajoso. Boss não estava equipado com palcos e egos-auxiliares como costumava ser com Moreno. O médico suíço seguiu um novo caminho após ter sido “derrubado” pelos constantes desafios de sua paciente. Boss mostrou ser um psicodramatista moreniano, no caso da *Dra. Cobbling*, jamais deixando de ser fiel aos fundamentos daseinsanalistas.

Enquanto a atitude fenomenológica existencial de Moreno era constante em seus atendimentos clínicos, a atitude psicodramática de Boss foi encontrada somente no caso descrito da “Paciente que ensinou o autor a ver e pensar de uma maneira diferente”.

No entanto, a possibilidade de daseinsanalistas contemporâneos utilizarem-se do Psicodrama fica disponível, e como Boss mesmo comentou na “Sexta Palestra”, pode até ser que talvez alguns daseinsanalistas já o façam isso sem que o saibam.

Há que se lembrar que fazer Psicodrama moreniano não requer necessariamente uma montagem de palco. Mas fazer Psicodrama, requer essencialmente a possibilidade do exercício da experiência vivida. Isso significa que fazer Psicodrama é acompanhar aquilo que se mostra do paciente aliado à ação, quando dramatizando, aliado à técnicas clássicas, tais como, duplo, espelho e inversão de papéis. Portanto, um daseinsanalista que realiza duplos, por exemplo, com seu paciente pode ser considerado um psicodramatista não cômico desse fato.

Foi refletido, também, nesse estudo, sobre uma marcante diferença entre os dois autores. Ao colocar ambos no rol dos existencialistas, Moreno se encaixaria nos existencialistas religiosos estando entre Kierkegaard e Buber, propondo que o homem assumisse seus sentimentos e realizasse-se no encontro relacional.

Boss, pertence evidentemente, ao grupo de Heidegger, portanto, ao chamado existencialismo ateu.

No entanto, acontece algo paradoxal em suas posturas frente ao mundo. Embora compartilhem de fundamentos fenomenológicos existenciais, Moreno e Boss, apresentam distintas formas de conceber o acolhimento no mundo.

Para Moreno, o homem é naturalmente espontâneo e criador à semelhança de Deus. O Deus moreniano, ao modo hassídico e seinista, é um Deus bondoso, alegre e construtivo. Nesse sentido, o mundo torna-se naturalmente acolhedor, então, todo o movimento do homem é feito num mundo que o acolhe.

Boss, por sua vez, concebe um mundo aberto e nesse aberto traz consigo o desabrigo, a insegurança ontológica, que possibilita a experiência da angústia existencial.

Tais pensamentos são paradoxais quando trazidos para o modo como produziram conhecimento científico.

Moreno não fora acolhido por nenhum autor específico, claro, tirando Boss na “convalidação”, mas não teve acolhimento de outros porque Moreno concebeu sua teoria e métodos psicodramáticos com referência em suas próprias criações. Moreno era pai de si próprio. Nesse sentido, seu mundo profissional não condizia com seu Deus que lhe oferecia um mundo naturalmente acolhedor, ele teve que lutar por seu espaço.

Boss, por sua vez, encontrou abrigo nos pensamentos de Heidegger, mesmo tendo como referência de mundo, o desabrigo e a insegurança. Boss encontrou em Heidegger um grande amigo e mestre que lhe proporcionou segurança num solo sólido para trilhar com seus pacientes.

A partir da reflexão apresentada, a pesquisa conclui que futuros estudos podem aprofundar ainda mais as compatibilidades se forem desenvolvidos, por exemplo, identificações entre os conceitos do Psicodrama e da Daseinsanalyse, que não foram explorados na presente pesquisa, por fugirem do âmbito específico da prática psicoterapêutica. Por exemplo, realizar estudos que tratam dos conceitos de espontaneidade e criatividade morenianas e a angústia existencial bossiana poderiam revelar interessantes reflexões.

O desenvolvimento de pesquisas que apontam compatibilidades entre o Psicodrama de Moreno e a Daseinsanalyse de Boss podem trazer benefícios aos psicoterapeutas que terão possibilidades alargadas de atuação na prática clínica. A prática psicoterapêutica psicodramática não exclui a prática psicoterapêutica daseinsanalítica.

Da mesma maneira, poderão beneficiar-ser usuários de psicoterapia ao cuidarem de seus sofrimentos com possibilidades de experimentações tanto de atuação dramática quanto de reflexões filosóficas, ambas coerentes entre si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, M. & TASSINARI, M. O processamento em psicodrama. In: ALMEIDA, W.C. (org.). **Grupos – A proposta do psicodrama**. São Paulo: Ágora, pp.111-126. 1999.

ALMEIDA, W.C. & GONÇALVES, C.S. & WOLFF, J. R. **Lições de Psicodrama – Introdução ao pensamento de J. L. Moreno**. São Paulo: Ágora, 1988.

ALMEIDA, W. C. **Psicoterapia Aberta – o método do psicodrama, a fenomenologia e a psicanálise**. São Paulo: Ágora, 2006.

ANDERY, M. A. et. al. **Para Compreender a Ciência – uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1994.

BASSANI, M. A. “**Apropriação de Espaço e Apego ao Lugar**”. Anotações da disciplina, como parte das disciplinas que compõem créditos acadêmicos. São Paulo, PUC/SP, 2009.

BEATRIZ CYTRYNOWICZ, M. Apresentação. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. n. 11. São Paulo: A Associação, 2002.

BLATNER, A. & BLATNER, A. **Uma visão Global do psicodrama – fundamentos históricos, teóricos e práticos**. São Paulo: Ágora, 1996.

BOEREE, G.C. **Personality Theories**. In: <http://webpace.ship.edu/cgboer/boss.html>, acessado em 20 de Janeiro de 2010.

BOSS, M. & CONDRAU, G. Análise Existencial – Daseinsanalyse: Como a daseinsanalyse entrou na psiquiatria. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, São Paulo: A Associação, 1997:1976, n.2. pp. 23-35.

BOSS, M. Introdução a Daseinsanalyse. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, São Paulo: A Associação, 1997:1984, n.8. pp. 6-16.

_____. **The Analysis of Dreams**. Londres: River and Company, 1957.

_____. **Na Noite Passada eu sonhei**. São Paulo: Summus, 1979.

_____. Medicina psicossomática: ciência ou magia? Bases filosóficas para uma medicina psicossomática. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, São Paulo: A Associação, 1997:1984, n.8. pp.17-29.

_____. **Existencial Foundations of Medicine and Psychology**. New York: Aronson, 1979.

_____. A paciente que ensinou o autor a ver e pensar de uma maneira diferente. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, São Paulo: A Associação, 2002:1978, n. 11, pp.36.

BUSTOS, D.M. Locus, matriz, status nascendi, e o conceito de grupamentos. In: **Psicodrama após Moreno – inovações na teoria e na prática**. São Paulo: Ágora, 1994.

BRUNS, M.A.T.& HOLANDA, A.F. (orgs.) A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses da dicotomia subjetividade-objetividade. In: **Psicologia e Fenomenologia: Reflexões e Perspectivas**. Campinas: Alínea, 2003.

CALDERONI, C. R. **Interpretação dos sonhos na fenomenologia**: aspectos teóricos e exercícios práticos. Trabalho de Conclusão de Curso. São Paulo: PUC-SP, 2006.

_____. **Sonhos no Psicodrama**. Monografia de Conclusão de Curso. Formação em Psicodrama. São Paulo: Convênio SOPSP-PUC-SP, 2010.

CARDINALLI, I.E. A Psiquiatria Fenomenológica: Um breve histórico. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. São Paulo: A Associação, n. 11, 2002, p.72-84.

_____. Daseinsanalyse e Psicoterapia. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. São Paulo: A Associação, n.9, 2000, pp.11-18.

_____. **Daseinsanalyse e Esquizofrenia – um estudo na obra de Medard Boss**. São Paulo: Educ, Fapesp, 2004.

_____. A contribuição das noções de ser-no-mundo e temporalidade para a psicoterapia daseinsanalítica. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. n.14, 2005, pp.55-63.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

CUKIER, R. **Psicodrama Bipessoal**. São Paulo: Ágora, 1992.

_____. **Palavras de Jacob Levy Moreno**: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria. São Paulo: Ágora, 2002.

CYTRYNOWICZ, D. Psicoterapia: uma aproximação daseinsanalítica. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. n.4, 1978, pp. 63-70.

DARTIGUES, A. **O que é a Fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2005.

DAVOLI, C. Aquecimento: Caminhos para a dramatização. In: **Grupos** – a proposta do psicodrama. São Paulo: Ágora, 1999.

DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. Acessado em 23 de fevereiro de 2010. <http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/lexico/entry.php?entryID=939>.

FÉO, M. O Psicodrama e a busca da verdade. In: **Um homem à frente de seu tempo** – O Psicodrama de Moreno no século XXI. São Paulo: Ágora, 2001.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**. Rio de Janeiro: Positivo, 2004.

FONSECA, J. **Psicodrama da loucura** – Correlações entre Buber e Moreno. 7ª edição. São Paulo: Ágora, 2008.

FREIRE, C. E. C. Núcleo de Fenomenologia - **Aula do Núcleo de Fenomenologia**. São Paulo – PUC/SP: 2006.

GONÇALVES, C. S. Técnicas Clássicas do Psicodrama. In: **Técnicas Fundamentais do Psicodrama**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Rio de Janeiro: Vozes. Educ. Associação Brasileira de Daseinsanalyse, 2001.

_____. **Seminários de Zollikon**. São Francisco Universitária, 2006:1987

_____. **Ser e Tempo**. 3ª Edição, Petrópolis: Vozes, 1998: 1927.

HOLMES, P.; KARP, M.; WATSON, M. **O Psicodrama após Moreno** – inovações na teoria e na prática. São Paulo:Ágora, 1998.

HUISMAN, D. **História do Existencialismo**. São Paulo: Bauru (EDUSC), 2001.

KAHALLE, E.M.P. Fenomenologia: fundamentos epistemológicos e principais conceitos. In: **A Diversidade da Psicologia** – uma construção teórica. São Paulo: Cortez, 2002.

KAHALLE & ROSA Psicologia Humanista: uma tentativa de sistematização da denominada terceira força em Psicologia. In: **A Diversidade da Psicologia** – uma construção teórica. São Paulo: Cortez, 2002.

KARP, M. Espontaneidade e Criatividade. In: **Psicodrama após Moreno** – inovações na teoria e na prática. São Paulo: Ágora, 1994.

MAIDA, M. J. D. **Jacob Levy Moreno** – sua vida e suas musas. São Paulo: Olhar Periférico Videocultura. Apoio: Daimon, 2006.

MARINEAU, R. F. **Jacob Levy Moreno 1889-1974** – pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo. São Paulo: Ágora, 1989.

_____. Os berços das contribuições de Moreno. In: **O Psicodrama após Moreno**. São Paulo: Ágora, 1994.

MARINO, M. J. **O acontecimento educativo psicodramático** – encontro entre Heidegger, Moreno e uma psicodramatista Educadora/Educanda. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós Graduação. São Paulo: PUC-SP, 1992.

_____. **Vir a ser psicodramatista** – um caminho de singularização em co-existência. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2002.

MAY, R. **Existence**. Brooklin, NY: A Tochstone Book, 1958.

MORENO, J. L. **Quem sobreviverá?** Fundamentos da Sociometria, da Psicoterapia de Grupo e do Sociodrama. São Paulo: Daimon, 2008: 1953.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 2002:1959a.

_____. **Fundamentos do Psicodrama**. São Paulo: Summus, 1959b.

_____. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou. 1959c.

_____. **Teatro da Espontaneidade**. São Paulo: Summus, 1984:1973.

_____. **Palavras do Pai**. Campinas: Psy. 1992:1971.

NAFFAH, NETO. A. **Psicodramatizar**. São Paulo: Ágora, 1980.

_____. **Psicodrama**-Descolonizando o Imaginário. São Paulo: Plexus, 1979:1997.

_____. Moreno e o seu tempo. In: **J.L. Moreno** – O Psicodramaturgo (1889-1978). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

NUDEL, B.W. **Moreno e o Hassidismo** – princípios e fundamentos do pensamento filosófico do criador do psicodrama. São Paulo: Ágora, 1994.

PENNA, A. G. **Os filósofos e a psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

PERAZZO, S. **Fragments de um olhar psicodramático**. São Paulo: Ágora, 1999.

_____. Que teoria, de que Psicodrama? In: **Manual de Psicodrama: Teoria, Técnica y Clínica**. Madrid: Olalla, 1999b.

POMPEIA, J. A. Psicoterapia e Verdade. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. A Associação, n. 4. 1978, p. 71-76.

_____. Uma caracterização da psicoterapia. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. n. 9. 2000, pp. 19-20.

_____. Daseinsanalyse e a Clínica. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. n. 14. 2005, pp. 26-42.

PRADO, M.F.A. Medard Boss e Martin Heidegger. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. A Associação, n.11. 2002:2001, pp.37-51.

_____. Fenomenologia e Daseinsanalyse. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. A Associação. n. 14. 2005, pp.43-54.

REHFELD, A. **O que diferencia uma abordagem fenomenológico–existencial das demais**. Artigo disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://www.fenoegrupos.com/JPM-Article3/index.php?sid=24>. Acessado em janeiro de 2010.

STEINER, G. **As idéias de Heidegger**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SPANOUDES, S. A tarefa do aconselhamento e orientação a partir da Daseinsanalyse. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. A Associação, 1997:1978,n.4, pp.56-62.

TELES, M. L. S. **O que é Psicologia**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1989.

VAN DEN BERG, J.H. **O paciente psiquiátrico** – esboço de psicoterapia fenomenológica. Campinas: Livro Pleno, 2000.

WOLFF, J.R.A.S. **Onirodrama** – contribuição ao estudo dos sonhos em psicoterapia psicodramática. Dissertação de Mestrado na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 1981.